

LIVROS DOS MACABEUS

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

INTRODUÇÃO AOS LIVROS DOS MACABEUS

Contexto

Os dois livros dos Macabeus não faziam parte do cânone judaico. 2Mac naturalmente não poderia pertencer, dado ser um texto originalmente escrito em grego; quanto a 1Mac, embora se pense ter sido composto em hebraico, estaria demasiado longe das noções rabínicas de cânone, quer tendo em conta a sua data de composição (numa época pós-profética), quer o facto de a dinastia asmoneia ser o tema principal do texto. No entanto, integravam a tradução dos LXX e foram reconhecidos como inspirados pela Igreja Católica, tendo sido integrados definitivamente no cânone estabelecido no concílio de Trento (como parte dos chamados livros *deuterocanónicos*). O título dos dois livros remonta a S. Clemente de Alexandria (séc. III d.C.), que lhes deu esta designação por causa de Judas, chamado *Macabeu*, que considerou a principal personagem do relato. O termo *macabeu* surge em Is 62,2 com o significado de *designado do Senhor* e, na presente obra, é aplicado a Judas, o terceiro filho do sacerdote Matatias (cf. 1Mac 3,1-5) e o grande resistente contra a profunda helenização promovida no tempo da ocupação da Judeia pela dinastia selêucida (2Mac 8,1-7), que ocorre entre 200-142 a.C.

Pelas informações que oferecem (os acontecimentos da história de Israel, entre 200-134 a.C.) e pelo seu género literário, os dois livros foram incluídos na secção dos livros históricos do AT. Ambos os livros se situam historicamente depois do domínio dos Ptolomeus Lágidas do Egito, quando, por volta do ano 200 a.C., a província da Judeia passou para o domínio dos reis selêucidas da Síria. O desrespeito pela cultura e religião judaicas originou um movimento de contestação social, política e militar contra os selêucidas, que se agudizou depois de o rei Antíoco IV Epífanes (174-164 a.C.) ter profanado o templo de Jerusalém, ao colocar uma estátua de Zeus no lugar da *menorah*.

O primeiro livro dos Macabeus abrange um período de quarenta anos, desde a subida de Antíoco IV Epífanes ao poder (175 a.C.) até ao início da dinastia asmoneia, com o governo de João Hircano (134 a.C.). Começa por apresentar o episódio de profanação do templo já referido (cap. 1), contra o qual se levanta o sacerdote Matatias (c. 167 a.C.; cap. 2). Depois da sua morte, os revoltosos são chefiados sucessivamente pelos seus filhos: Judas Macabeu (entre 166-160 a.C), cuja bravura e vitórias conquista para o povo a possibilidade de viver segundo a sua fé e costumes, para além de promover a reconsagração do templo (que deu origem à festa da *Hannukah*), depois do sacrilégio de Antíoco IV Epífanes (3,1-9,22); Jónatas (entre 160-142 a.C.), que promove uma intensa ação diplomática, tornando-se sumo

sacerdote reconhecido pelos reis sírios e dando continuidade às alianças que o seu irmão Judas estabelecera com os romanos (9,23-12,53); Simão (entre 142-134 a.C.), que se torna sumo sacerdote e é nomeado etnarca dos judeus, dando início a um período de paz e de autonomia política, até ser assassinado pelo seu genro, que procurava assim agradar a Antíoco VII que, entretanto, recomeçara a hostilizar os judeus (13,1-16,24).

O segundo livro dos Macabeus não é uma sequência narrativa do primeiro, referindo-se a acontecimentos anteriores e contemporâneos, nomeadamente ao período entre 175-160 a.C., terminando com a morte de Nicanor, antes da morte de Judas Macabeu. Flávio Josefo não faz referência a este livro (mas fá-lo em relação a 1Mac).

A obra teria originalmente cinco volumes, atribuídos a um tal Jasão de Cirene (cf. 2Mac 2,23), que um outro autor epitomista reduziu para um único livro, muito provavelmente depois da morte de João Hircano, por volta de 100 a.C. (cf. 1Mac 16,23s).

Ao contrário do primeiro livro, foi escrito originalmente em grego, provavelmente em Alexandria, com uma clara intenção exortativa de resistência às investidas contra a fé judaica e à helenização crescente na comunidade judaica na diáspora, tomando como exemplo a luta dos seus irmãos na Judeia. Esta exortação é introduzida por duas cartas dos judeus de Jerusalém (1,1-2,18) – que procuram incentivar os seus irmãos na diáspora em Alexandria a celebrar o templo, nomeadamente a festa da Dedicção (2Mac 1,9.18) – e por uma espécie de prefácio do autor (2,19-32). Depois de sublinhar a santidade inviolável do templo, por meio do episódio da tentativa de Heliodoro de saquear o dinheiro do templo, com o castigo que se lhe seguiu (cap. 3), o autor apresenta as perseguições e atrocidades religiosas de Antíoco IV Epífanes (4,7-7,42), que provocam a revolta dos macabeus e terminam com a morte do rei e a vitória de Deus manifestada na reconsagração do templo (8,1-10,8). Numa terceira parte, são narradas as dificuldades dos judeus, que continuam com os sucessores de Antíoco IV, e as campanhas de Judas Macabeu (10,9-15,36). O livro conclui com um epílogo (15,37-39).

Os dois livros dos Macabeus dão nota do surgimento, dentro do povo judeu, de um grupo, de características aristocráticas, constituído por sacerdotes, e de outro, mais popular, com particular enfoque na fiel observância da Lei; estes dois grupos darão origem, respetivamente, aos saduceus e aos fariseus.

1Mac terá, muito provavelmente, sido escrito depois da morte de João Hircano, por volta de 100 a.C. (cf. 1Mac 16,23s), enquanto 2Mac, tendo em conta a indicação de 2Mac 1,10, teria sido redigido em 124 a.C.

Teologia

O pensamento teológico de 1-2Mac não é igual nos dois livros, que acentuam, aliás, aspetos diferentes.

1Mac insiste na importância da Lei e do seu cumprimento, mais do que na importância do templo; a luta dos macabeus é, sobretudo, pelo direito a viver de acordo com as orientações inscritas na Lei. Ao contrário de 2Mac, apresenta uma teologia da retribuição tradicional, ou seja, em que o amor ou o desrespeito pelo cumprimento da Lei será retribuído neste mundo, o que revela que a doutrina deuteronomista sobre este aspeto teológico continuou viva até muito tarde (como, aliás, é perceptível no NT, em Jo 9,2), coexistindo com a doutrina sobre a retribuição no Além, já presente em 2Mac.

2Mac acentua, especialmente, a importância do templo na religiosidade judaica, terminando justamente com a narração da sua nova dedicação (2Mac 10,1-18). Por outro lado, enfatiza a dimensão didática da história, de modo particular os sofrimentos do povo judeu. A teologia apresentada no livro aproxima-se, em vários aspetos, do pensamento do NT. De facto, alude-se, pela primeira vez, à criação *ex nihilo* (2Mac 7,28), assim como à ressurreição dos justos (2Mac 7,9.11.14.23.29), à luz da qual tem especial sentido o martírio (2Mac 7), tal como os sacrifícios e as orações oferecidas pela expiação dos pecados dos que morreram (2Mac 12,41-45; 15,12-16). Do mesmo modo que os justos, fiéis à Lei, serão recompensados por Deus, as injustiças serão castigadas (2Mac 6,26).

Estrutura do Primeiro Livro dos Macabeus

Introdução: A dinastia asmoneia (1,1-64)

I – A revolta dos Macabeus iniciada por Matatias (2,1-70)

II – Judas Macabeu (3,1-9,22)

III – Jónatas, chefe dos judeus e sumo sacerdote (9,23-12,53)

IV – Simão, sumo sacerdote e fundador da dinastia asmoneia (13,1-16,24)

Estrutura do Segundo Livro dos Macabeus

Introdução (1,1-2,32)

Duas cartas aos judeus do Egipto (1,1-2,18)

Prefácio do autor (1,19-2,32)

I – Expedição de Heliodoro contra o templo de Jerusalém (3,1-4,6)

II – Helenização da Judeia sob Antíoco IV (4,7-7,42);

III – Revolta de Judas Macabeu (8,1-10,8);

IV – Campanhas de Judas Macabeu (10,9-15,36);

Epílogo (15,37-39).

PRIMEIRO LIVRO DOS MACABEUS

INTRODUÇÃO: A DINASTIA ASMONEIA

1 Alexandre Magno

¹O que a seguir se narra^a aconteceu quando Alexandre, o macedônio, filho de Filipe^b, já a reinar sobre a Grécia, saiu da região de Kitim^c e derrotou Dario, rei dos Persas e dos Medos, passando a reinar em seu lugar^d. ²Travou numerosos combates, conquistou fortalezas e matou os reis da terra; ³avançou até aos confins da terra e saqueou inúmeros povos. Quando a terra se lhe rendeu, ele tornou-se orgulhoso, e o seu coração soberbo^e. ⁴Recrutou um exército poderosíssimo, governou regiões, povos e soberanos: todos lhe pagaram tributo. ⁵Depois disto caiu de cama e percebeu que estava a morrer. ⁶Chamou, então, os seus servidores^f mais ilustres, que tinham sido criados com ele desde a juventude^g, enquanto ainda se encontrava vivo, distribuiu por eles o seu reino. ⁷Alexandre morreu depois de ter reinado doze anos. ⁸Os seus oficiais assumiram o poder, cada um no seu território. ⁹Depois da morte de Alexandre^g, todos eles cingiram a coroa; e durante muitos anos fizeram-no também os seus filhos, que multiplicaram as desgraças sobre a terra.

A helenização de Antíoco IV Epífanes

¹⁰Deles saiu aquela raiz de pecado, Antíoco Epífanes, filho do rei Antíoco^h. Ele tinha estado em Roma, como refém, e tornou-se rei no ano cento e trinta e sete do reinado dos selêucidasⁱ.

¹¹Naqueles dias surgiram do seio de Israel homens perversos^j que persuadiram muitos, dizendo: «Vamos, façamos aliança com as nações à nossa volta, porque, desde que nos separámos delas, aconteceram-nos muitas desgraças^k». ¹²A proposta pareceu-lhes bem, ¹³e alguns de entre o povo apressaram-se a ir ter com o rei, que lhes deu autorização para seguirem os preceitos dos pagãos. ¹⁴Construíram, então,

^a *O que a seguir se narra é acrescento da tradução.*

^b Lit.: *o de Filipe.*

^c Nome com que, no AT, se designa Chipre (Gn 10,4; 1Cr 1,7; Is 23,1), assim como as ilhas gregas (Jr 2,10; Ez 27,6), a Macedónia (1Mac 8,5) e até os romanos.

^d Alexandre Magno (356-323 a.C.) começou a sua campanha a partir de Kitim no ano 334 a.C., derrotando o rei persa Dario III.

^e Lit.: *e foi exaltado e ficou elevado o coração dele.*

^f Lit.: *servos.*

^g Lit.: *dele.*

^h Antíoco IV Epífanes (175-164 a.C.) sucedeu ao seu irmão Seleuco IV Filopátor (185-175 a.C.) no trono selêucida.

ⁱ Lit.: *do reino dos gregos.* Os livros dos Macabeus datam os acontecimentos segundo a Era Selêucida, também conhecida como o «Ano dos Gregos». Este sistema cronológico foi adotado pelo Império Selêucida e manteve-se em uso em várias civilizações helenísticas. O ponto de partida desta era é 312/311 a.C., quando Seleuco I Nicátor reconquistou a Babilónia após o seu exílio no Egito ptolemaico.

^j Lit.: *sairam de Israel filhos fora da lei.*

^k Lit.: *muitas coisas más nos encontraram.*

um ginásio^l em Jerusalém, de acordo com o costume dos pagãos,¹⁵ disfarçaram os sinais da circuncisão^m e afastaram-se da santa aliança; juntaram-se aos pagãos e venderam-se à prática do malⁿ.

Antíoco IV no Egito

¹⁶Depois de consolidar o seu reino, Antíoco quis fazer-se rei do Egito^o, para poder assim reinar sobre os dois reinos.

Quando o reino ficou consolidado, Antíoco propôs-se reinar sobre a terra do Egito, e assim reinar sobre os dois reinos.¹⁷ Entrou no Egito com um poderoso exército, com carros, elefantes, cavaleiros e uma grande armada¹⁸ e travou combate contra Ptolomeu, rei do Egito^p. Ptolomeu entrou em pânico e fugiu. Foram muitos os que caíram mortos^q.¹⁹ Apoderaram-se, então, das cidades fortificadas da terra do Egito e Antíoco saqueou o Egito.

Antíoco IV em Israel e perseguição aos judeus (cf. 2Mac 5,24-26)

²⁰No regresso, depois de derrotar o Egito, no ano cento e quarenta e três^r, Antíoco avançou contra Israel e subiu a Jerusalém com um poderoso exército.²¹ Entrou com arrogância no santuário, apoderou-se do altar de ouro, do candelabro da luz com os seus acessórios,²² da mesa da oferenda, dos vasos, das taças, dos incensórios de ouro, do véu, das coroa, e arrancou toda a decoração de ouro da fachada do templo.²³ Apropriou-se também da prata, do ouro, dos vasos preciosos e dos tesouros escondidos que encontrou.²⁴ Apoderando-se de tudo, partiu para a sua terra, depois de ter causado uma grande mortandade e de ter falado com grande insolência^s.²⁵ Houve um grande luto em Israel, em todo o seu território.²⁶ Gemeram os chefes e os anciãos, desfaleceram as donzelas e os jovens, desvaneceu-se a beleza das mulheres.

²⁷Os noivos entoaram lamentações, e as noivas ficaram de luto no leito nupcial^t.²⁸ A

^l Estabelecimento de ensino grego que representava de forma emblemática o fenómeno da helenização, uma vez que tinha a capacidade de transformar indivíduos em «gregos» mediante a transmissão e assimilação dos valores, conhecimentos e práticas culturais helénicas.

^m Lit.: *fizeram a si mesmos de incircuncisão*.

ⁿ Esta helenização incluiu a construção de um ginásio (no sentido grego de local de exercício físico, de disputas filosóficas e, até, de culto aos deuses) em Jerusalém e de um *epibeteion* (sala para educação cultural da juventude; cf. 2Mac 4,7-20, onde esta secção surge mais desenvolvida). Este processo de helenização, para muitos judeus, também incluía a prática dos sacrifícios aos deuses pagãos (cf. 2Mac 4,9.18-20), uma abominação para a fé judaica.

^o Lit.: *e o reino foi preparado diante de Antíoco e tomou [a si] o reinar da terra do Egito*.

^p No princípio do ano 169 a.C., Antíoco lançou uma ofensiva militar contra o Egito, estrategicamente coincidente com o envolvimento romano no conflito contra a Macedónia. Esta campanha bélica, historicamente designada por Sexta Guerra Síria, obteve resultados favoráveis embora efémeros, estendendo-se ao longo de um período de dois anos conforme documentado no livro de Daniel.

^q *Mortos* é acrescento da tradução; esta expressão foi sempre assim traduzida em 1-2Mac.

^r Por volta de 169-168 a.C.

^s Cf. 2Mac 5,15-21; Dn 11,25-30.

^t Lit.: *tudo [o] noivo levantou lamentação, e [a] sentada no leito nupcial fez luto*.

terra estremeceu perante o sofrimento dos seus habitantes^a, e toda a casa de Jacob se cobriu de vergonha.

²⁹Dois anos depois, o rei enviou o chefe dos impostos às cidades de Judá, e este foi a Jerusalém com um poderoso exército^b. ³⁰Dirigiu-lhes propostas de paz, cheias de falsidade^c, e acreditaram nele. Caiu então de surpresa sobre a cidade, desferiu-lhe um grande golpe, e morreu muita gente em Israel. ³¹Saqueou a cidade, ateou-lhe fogo, destruiu as suas casas e as muralhas que a circundavam. ³²Levaram cativas as mulheres e as crianças e apropriaram-se dos animais. ³³Depois reconstruíram a cidade de David, com uma grande e sólida muralha, com torres fortificadas, e ela converteu-se na sua cidadela. ³⁴Instalaram ali uma nação pecadora, homens perversos que, nela, se fortificaram. ³⁵Aprovisionaram armas e alimentos e, depois de reunir os despojos do saque^d de Jerusalém, ali os colocaram também, tornando-se uma grande ameaça. ³⁶De facto, isto converteu-se numa armadilha para o santuário, numa contínua e maléfica ameaça^e para Israel^f. ³⁷Derramaram sangue inocente à volta do santuário e profanaram o santuário. ³⁸Os habitantes de Jerusalém fugiram por sua causa, e a cidade^g converteu-se em morada de estrangeiros. Tornou-se uma estranha para os que dela nasceram, e os seus filhos abandonaram-na. ³⁹O seu santuário ficou desolado como um deserto, as suas festas transformaram-se em luto, os seus sábados em desgraça e a sua honra em desdém. ⁴⁰Tal com tinha sido grande o seu esplendor, enorme se tornou a sua infâmia^h, e a sua grandeza converteu-se em luto.

Profanação do templo (cf. 2Mac 6,1-11)

⁴¹O rei Antíoco decretouⁱ a todo o seu reino que todos passassem a constituir um só povo⁴² e que cada um abandonasse a sua legislação própria. Todas as nações acatarem a ordem^j do rei⁴³ e, mesmo em Israel, houve muitos que^k adotaram o seu culto, ofereceram sacrifícios aos ídolos e profanaram o sábado. ⁴⁴O rei enviou então, por meio de mensageiros, cartas^l a Jerusalém e às cidades de Judá, ordenando que seguissem a legislação estrangeira^m; ⁴⁵proibia-se oferecer no santuário holocaustos, sacrifícios e libações; mandava-seⁿ profanar os sábados e as festas, ⁴⁶contaminar o santuário e as coisas santas, ⁴⁷erigir altares, recintos sagrados e templos aos ídolos,

^a Lit.: a terra foi estremecida perante os que a habitavam.

^b Cf. 2Mac 5,23b-26.

^c Lit.: palavras pacíficas em dolo.

^d Do saque é acrescento da tradução.

^e Lit.: diabo.

^f Nos vv. seguintes encontramos uma lamentação ao estilo do Sl 79.

^g A cidade é acrescento da tradução.

^h Lit.: de acordo com a sua glória a sua infâmia foi multiplicada.

ⁱ Lit.: o rei [Antíoco] escreveu.

^j Lit.: segundo a palavra.

^k Lit.: e muitos de Israel.

^l Lit.: e o rei enviou livros em mão de mensageiros.

^m Lit.: (para) irem atrás de legislações estranhas da terra.

ⁿ Mandava-se é acrescento da tradução.

sacrificar porcos e animais impuros,⁴⁸ deixar os próprios filhos incircuncisos, e tornar as suas almas abomináveis com todo o género de impurezas e de profanações,⁴⁹ de modo a que se esquecessem da Lei e mudassem todos os preceitos^p.⁵⁰ Quem não acatasse a palavra do rei seria executado^p.⁵¹ Foi nestes termos que o rei^q escreveu a todo o seu reino. Nomeou inspetores para todo o povo e ordenou às cidades de Judá que se oferecessem sacrifícios em cada uma delas^r.⁵² Entre o povo foram muitos os que aderiram a eles, todos os que abandonaram a Lei; praticaram o mal na região^s e⁵³ obrigaram Israel a encontrar refúgio em todos os lugares possíveis^t.

⁵⁴No dia quinze do mês de Quisleu, do ano cento e quarenta e cinco^u, o rei mandou^v erigir sobre o altar dos sacrifícios a abominação da desolação^w. Também nas cidades em redor de Judá se edificaram altares,⁵⁵ queimavam incenso diante das portas das casas e nas praças,⁵⁶ e rasgavam e atiravam às chamas os livros da Lei que encontravam.⁵⁷ Se alguém fosse descoberto com um livro da Aliança, ou seguisse os preceitos da Lei^x, o decreto do rei condenava-o à morte.⁵⁸ Era com violência que procediam^y contra Israel, contra todos aqueles que, mês após mês, eram descobertos nas cidades.⁵⁹ No dia vinte e cinco de cada mês^z ofereciam sacrifícios no altar que estava sobre o altar dos sacrifícios.⁶⁰ Segundo o decreto, executavam as mulheres que tinham circuncidado os seus filhos,⁶¹ com os recém-nascidos pendurados ao pescoço, assim como as suas famílias e aqueles que os tinham circuncidado.⁶² No entanto, muitos em Israel resistiram e mantiveram o firme propósito de não comer nada impuro;⁶³ preferiram morrer a contaminar-se^{aa} com alimentos impuros e a profanarem a santa aliança, morrendo em consequência.⁶⁴ Foi, de facto, muito grande a ira que se abateu sobre Israel.

^o Assim, os privilégios que o rei selêucida Antíoco III (223-187 a.C.) tinha concedido aos judeus, no sentido de conservarem os seus usos e costumes, foram abolidos.

^p Cf. 2Mac 6-7.

^q O rei é acrescento da tradução.

^r Lit.: *segundo cidade e cidade*.

^s Lit.: *fizeram coisas más na terra*.

^t Lit.: *e colocaram Israel em esconderijos em todo o refúgio deles*.

^u Ou seja, em novembro/dezembro do ano 167 a.C.

^v Lit.: *o rei mandou* é acrescento da tradução.

^w Dn 9,27; 11,31; a expressão refere-se provavelmente a um altar em honra de Zeus (deus da predileção de Antíoco IV), levantado sobre o altar dos holocaustos do templo de Jerusalém.

^x Lit.: *estivesse de acordo com a Lei*.

^y Lit.: *faziam com força deles*.

^z Provavelmente relacionado com a referência, em 2Mac 6,7, às celebrações mensais do aniversário do rei.

^{aa} Lit.: *para não serem contaminados*.

I – REVOLTA DE MATATIAS (2,1-70)

2 Matatias

¹Naqueles dias, Matatias, filho de João, filho de Simeão^a, sacerdote da linhagem de Joiarib^b, saiu de Jerusalém e foi estabelecer-se em Modín^c. ²Tinha cinco filhos: João, apelidado de Gadi; ³Simão, chamado Tassi; ⁴Judas, chamado Macabeu^d; ⁵Eleázar, chamado Avaran; e Jónatas, chamado Afos. ⁶Ao ver as ignomínias que aconteciam em Judá e em Jerusalém, ⁷disse: «Ai de mim! Foi para isto que nasci? Para ver destruição do meu povo e a destruição da cidade santa, e como se deixavam ficar ali sentados enquanto ela era entregue^e nas mãos do inimigo e o santuário nas mãos de estrangeiros? ⁸O seu templo ficou como um homem sem honra; ⁹os utensílios que eram a sua glória^f foram saqueados; as suas crianças foram assassinadas nas praças, e os seus jovens ao fio da espada do inimigo. ¹⁰Que nação haverá que não se tenha apropriado dos seus domínios^g e apoderado dos seus despojos? ¹¹Todos os seus ornamentos foram arrancados, e aquela que antes era uma mulher^h livre tornou-se escrava. ¹²E eis que o nosso santuário, que é a nossa beleza e a nossa glória, foi devastado, pois os pagãos profanaram-no. ¹³De que nos serve continuar a viverⁱ?». ¹⁴Matatias e os seus filhos rasgaram as suas vestes, vestiram-se de saco e fizeram um grande luto.

O sacrifício pagão de Modín

¹⁵Então, os funcionários do rei^j, encarregues de impor a apostasia, chegaram à cidade de Modín, para proceder aos sacrifícios. ¹⁶Muitos israelitas^k foram ter com eles, e Matatias e os seus filhos também foram à reunião. ¹⁷Os funcionários do rei tomaram a palavra e disseram a Matatias^l: «És um chefe, um homem^m ilustre e importante nesta cidade, e és apoiado pelos teus filhos e irmãos. ¹⁸Sê também agora o primeiro a cumprir o decreto do rei, como o fizeram todas as nações, os homens de Judá e

^a *Filho* é acrescento da tradução. Não existem registos destas personagens noutras fontes históricas independentes. Contudo, os três nomes ganhariam posteriormente considerável popularidade durante a época da dinastia asmoneia, sendo frequentemente adotados por membros dessa família governante.

^b Isto é, um descendente de Aarão e membro do clã sacerdotal de Joiarib - o clã que aparece listado em primeiro lugar na relação dos vinte e quatro clãs sacerdotais em 1Cr 24,7-18.

^c Povoação rural localizada aproximadamente a 27 km a noroeste da cidade de Jerusalém.

^d Provavelmente derivado do hebraico *maqgebet*, «martelo» (cf., por exemplo, Jz 4,21); tal epíteto poderia caracterizar a força de Judas.

^e Ou e *deixar-me aqui sentado enquanto ela é entregue*.

^f Lit.: *da sua glória*.

^g Lit.: *reinos*.

^h *Uma mulher* é acrescento da tradução.

ⁱ Lit.: *para que ainda vida para nós?*

^j Lit.: *os junto do rei*, tal como no v.17.

^k Lit.: *de Israel*.

^l O grego acrescenta *dizendo*.

^m *Homem* é acrescento da tradução.

os que ficaram em Jerusalém. Assim, tu e os teus filhos passareis a ser dos «amigos do rei»ⁿ e sereis honrados, tu e os teus filhos, com prata, ouro e muitos presentes».

¹⁹Mas Matatias respondeu^o com voz forte: «Ainda que todas as nações que estão sob o domínio do rei lhe obedeçam^p, e cada uma delas abandone o culto dos seus pais, escolhendo acatar as suas ordens^q, ²⁰eu, os meus filhos e os meus irmãos prosseguiremos na aliança dos nossos pais. ²¹O Céu^r nos livre de abandonarmos a Lei e os preceitos. ²²Não obedeceremos às ordens^s do rei e não nos desviaremos do nosso culto, nem para a direita nem para a esquerda». ²³Mal acabara ele de dizer estas palavras, aproximou-se um judeu^t, à vista de todos, para oferecer sacrifícios sobre o altar em Modín, de acordo com o decreto do rei. ²⁴Ao ver isto, Matatias ferveu de zelo^u; estremeceram-lhe os rins, foi tomado por uma justificada cólera^v e, correndo, degolou-o sobre o altar. ²⁵De seguida^w matou o homem do rei que queria obrigar a oferecer sacrifícios e derrubou o altar. ²⁶Fervendo de zelo pela Lei, fez o mesmo que Fineias^x fizera a Zimeri, filho de Salú. ²⁷Matatias pôs-se então a gritar com voz forte por toda a cidade, dizendo: «Todo aquele que sente zelo pela Lei e se mantém firme na aliança, venha atrás de mim». ²⁸E fugiu, juntamente com^y os seus filhos, para as montanhas, deixando na cidade tudo quanto possuíam.

Matatias no deserto

²⁹Então, muitos que procuravam a justiça e o direito^z desceram ao deserto para aí se estabelecerem, ³⁰juntamente com os seus filhos, as suas mulheres e os seus rebanhos, porque os males contra eles se tinham agravado. ³¹Foram dizer aos homens do rei e às tropas que estavam em Jerusalém, na cidade de David, que uns homens que tinham recusado a ordem do rei tinham descido para os esconderijos no deserto^{aa}. ³²Muitos soldados foram, então, em sua perseguição^{ab} e alcançaram-nos. Acamparam diante

ⁿ Título honorífico, equivalente a «nobres do reino» ou «grandes do reino» e que, em muitos casos, comportava uma função ou missão oficiais (cf. 3,38; 7,8; 10,16.20.60.65; 11,27.57; 14,39; 15,28; 2Mac 8,9).

^o Lit.: *E respondeu Matatias e disse.*

^p Lit.: *Se todas as nações que [existem] na casa do reino do rei o escutem.*

^q Lit.: *tenham escolhido nas suas ordens.*

^r *O Céu* é acrescento da tradução, tendo em conta o habitual circunlóquio para Deus em 1Mac (cf. 3,18 nota), e que o texto apresenta lit.: *misericordiamemente/misericordioso para nós*, sugerindo uma invocação da misericórdia divina.

^s Lit.: *não ouviremos as palavras.*

^t Lit.: *homem judeu.*

^u Lit.: *zelo*, assim como no v.26. Matatias reagiu segundo a Lei, ou seja, com zelo e com ira (cf. Dt 13,7-10; Ex 34,13).

^v Lit.: *transportou para cima uma cólera segundo julgamento/justiça.*

^w Lit.: *naquele tempo.*

^x Cf. Nm 25,6-15; Sl 106,28-31; Sir 45,23.

^y Lit.: *ele e*, tal como no v.30.

^z Cf. Is 56,1; Sl 106,3.

^{aa} Cf. 2Mac 6,11.

^{ab} Lit.: *e muitos correram atrás deles.*

deles e preparavam-se para atacar em dia de sábado. ³³E disseram-lhes: «Já basta! Saí e obedeci às ordens^a do rei e vivereis». ³⁴Mas eles responderam: «Não sairemos, nem obedeceremos às ordens^b do rei, profanando o dia de sábado». ³⁵Os soldados^c atacaram-nos imediatamente^d, ³⁶mas eles não lhes deram resposta, nem lhes atiraram pedras, nem se entricheiraram nos esconderijos, ³⁷e disseram: «Morramos todos mantendo a nossa integridade; o céu e a terra dão testemunho a nosso favor de que nos matais injustamente». ³⁸Então, os inimigos lançaram-se sobre eles^e em dia de sábado, e morreram, eles, as suas mulheres, os seus filhos e os seus animais; ao todo cerca mil pessoas^f.

³⁹Quando Matatias e os seus amigos tiveram conhecimento disto, fizeram um grande luto por eles. ⁴⁰Disseram, então, uns aos outros^g: «Se todos fizemos como os nossos irmãos fizeram e não combatermos pelas nossas vidas e pelos nossos preceitos contra os pagãos, depressa nos exterminarão da face^h da terra». ⁴¹E naquele dia tomaram esta decisãoⁱ: «Se alguém nos vier atacar^j em dia de sábado, combateremos contra ele e assim não morremos todos como morreram os nossos irmãos nos seus esconderijos».

⁴²Juntou-se, então, a eles um grupo de hassideus^k, guerreiros valentes de Israel, todos eles oferecendo-se voluntariamente pela Lei. ⁴³E todos os que queriam escapar àquelas desgraças juntaram-se a eles, reforçando-os^l. ⁴⁴Formaram, assim, um exército e derrotaram com a sua ira os pecadores e com a sua cólera os homens iníquos. Os restantes fugiram para junto dos pagãos, procurando salvar-se^m. ⁴⁵Matatias e os seus amigos circularam, então, pela regiãoⁿ: derrubaram os altares, ⁴⁶circuncidaram à força todos os meninos não circuncidados que encontraram dentro das fronteiras de Israel, ⁴⁷e perseguiram os filhos da arrogância; a sua campanha foi bem-sucedida^o. ⁴⁸Defenderam a Lei contra o poder^p dos pagãos e dos reis, e impediram o triunfo^q dos pecadores.

^a Lit.: *saindo fazei de acordo com a palavra.*

^b Lit.: *faremos a palavra do rei.*

^c Os soldados é acrescento da tradução.

^d Lit.: *lançaram rapidamente combate sobre eles.*

^e Lit.: *E levantaram-se sobre eles em combate.*

^f Lit.: *até mil almas de homens.*

^g Lit.: *E disse homem ao próximo dele.*

^h Da face é acrescento da tradução.

ⁱ O grego acrescenta dizendo.

^j Lit.: *Todo homem que vier sobre nós para combate.*

^k Hassideus é uma palavra transcrita do hebraico *hassidim*, que significa *os fiéis, os devotos*; trata-se do grupo que dará origem aos fariseus.

^l Lit.: *e foram para eles para suporte.*

^m Cf. 2Mac 8,5-7.

ⁿ Pela região é acrescento da tradução.

^o Lit.: *foi próspera a obra em mão deles.*

^p Lit.: *recolheram a Lei de mão.*

^q Lit.: *e não deram corno.* A palavra grega é um semitismo; assume parte do conteúdo semântico da palavra hebraica correspondente, que tanto significa *corno*, como *esplendor e glória* e, por extensão de sentido, *força e vigor*.

Testamento de Matatias

⁴⁹Ao aproximarem-se os dias da morte de Matatias, este disse aos seus filhos: «No presente domina^s a arrogância e o ultraje; são tempos de catástrofe e de cólera impetuosa^t. ⁵⁰Por isso, meus filhos^u, tende zelo pela Lei e dai a vossa vida pela aliança dos nossos pais. ⁵¹Recordai os feitos dos nossos^v antepassados, aquilo que fizeram no seu tempo^w, e recebereis uma glória extraordinária e um nome eterno. ⁵²Não foi, porventura, na provação que Abraão mostrou a sua fidelidade^x e que isso lhe foi considerado como causa de justificação? ⁵³José, no tempo do seu infortúnio, guardou os mandamentos e tornou-se senhor do Egito^y. ⁵⁴Fineias, o nosso antepassado^z, devido ao seu ardente zelo^{aa}, recebeu a aliança de um sacerdócio eterno^{ab}. ⁵⁵Josué, por cumprir a palavra divina^{ac}, tornou-se juiz em Israel^{ad}. ⁵⁶Caleb, por testemunhar diante da assembleia, recebeu uma terra como herança^{ac}. ⁵⁷David, pela sua piedade, herdou o trono do reino para sempre. ⁵⁸Elias, devido ao seu ardente zelo pela Lei, foi arrebatado ao céu^{af}. ⁵⁹Ananias, Azarias e Misael^{ag}, pela sua fidelidade, foram salvos das chamas. ⁶⁰Daniel, pela sua integridade, foi salvo da boca dos leões^{ah}. ⁶¹Deste modo, ponderai como, em cada geração, todos aqueles que esperam no Céu^{ai} não desfaleceram. ⁶²Não tendes medo das ameaças^{aj} de um homem pecador, porque a sua glória acaba no lixo e nos vermes^{ak}; ⁶³hoje será exaltado, mas amanhã desaparecerá para sempre^{al}, porque regressa ao pó^{am} e os seus planos serão frustrados. ⁶⁴Meus^{an} filhos, sede corajosos e fortes na defesa da Lei^{ao}, porque é na Lei que sereis glorificados.

^r Cf. 2Mac 6,12-16; Gn 49; Dt 33; Sir 44-50.

^s Lit.: *agora foi estabelecida*.

^t Lit.: *de furor*.

^u Lit.: *agora, filhos*.

^v *Nossos* é acrescento da tradução.

^w Lit.: *nas suas gerações*.

^x Lit.: *foi encontrado fiel*.

^y Cf. Gn 39.

^z Lit.: *o nosso pai*.

^{aa} Lit.: *no zelar o zelo*. tal como no no v.58.

^{ab} Cf. Nm 25,7-9.11-13.

^{ac} *Divina* é acrescento da tradução.

^{ad} Cf. Nm 14,6.9.

^{ae} Juntamente com Josué, Caleb permaneceu fiel a Israel apesar da força dos inimigos (cf. Nm 13,30-14,38; 27,65).

^{af} Cf. 1Rs 19,10.14.

^{ag} Estes jovens hebreus que se encontravam no palácio real da Babilónia mantiveram-se fiéis à observância dos preceitos religiosos judaicos, seguindo o exemplo de Daniel, mesmo confrontados com éditos reais que os proibiam (cf. Dn 1,6-20 e 3,8-30).

^{ah} Cf. Dn 6.

^{ai} Lit.: *nele*. A tradução *no Céu* tem em conta o circunlóquio de 3,18.

^{aj} Lit.: *palavras*.

^{ak} Cf. 2Mac 9.

^{al} Lit.: *jamais é encontrado*.

^{am} O grego acrescenta *dele*.

^{an} *Meus* é acrescento da tradução.

^{ao} Lit.: *sede viris/corajosos e sede fortes na Lei*.

⁶⁵Olhai Simão, o vosso irmão: sei que ele é um homem ponderado^a; escutai-o todos os dias e ele será para vós um pai. ⁶⁶E Judas Macabeu, que é um valente guerreiro^b desde a sua juventude, será o comandante do vosso exército e levará a cabo o combate contra os povos estrangeiros^c. ⁶⁷Reuni a vós todos os que observam a Lei^d, e vingai os ultrajes feitos^e ao vosso povo. ⁶⁸Retribuí^f aos pagãos aquilo que eles nos fizeram e prestai atenção aos preceitos da Lei». ⁶⁹Depois abençoou-os e foi juntar-se aos seus pais. ⁷⁰Morreu no ano cento e quarenta e seis^g e foi sepultado no sepulcro dos seus pais em Modín. Todo o Israel lamentou intensamente a sua morte^h.

II – JUDAS MACABEU (3,1-9,22)

3 Judas Macabeu

¹Sucedeu-lheⁱ o seu filho Judas, chamado Macabeu. ²Os seus irmãos e todos aqueles que se tinham juntado ao seu pai ajudaram-no com entusiasmo a combater por Israel^j. ³Ele dilatou a glória do seu povo, vestiu a couraça como um gigante, cingiu as suas armas de guerra e travou combates, protegendo o acampamento com a espada. ⁴Foi como um leão nos seus feitos, como uma cria de leão que ruga pela sua presa. ⁵Perseguiu e procurou os iníquos e lançou ao fogo os que atribulavam o seu povo^k. ⁶Os iníquos recuaram com medo dele, e todos os que praticavam a iniquidade estremeceram; pela sua mão, a salvação chegou a bom termo. ⁷Causou dissabores a muitos reis^l e alegrou Jacob com os seus feitos; a sua memória será para sempre bendita. ⁸Percorreu as cidades de Judá, exterminou delas os ímpios e afastou de Israel a ira divina^m. ⁹O seu nome chegouⁿ até aos confins da terra e reuniu os que estavam a ponto de perecer.

¹⁰Apolónio tinha reunido um grande exército, não só dos pagãos como da Samaria, para combater Israel^o. ¹¹Judas teve conhecimento disto e saiu-lhe ao encontro,

^a Lit.: *de conselho*.

^b Lit.: *poderoso em força*.

^c *Estrangeiros* é acrescento da tradução.

^d Lit.: *os fazedores da Lei*.

^e Lit.: *vingai vingança*.

^f Lit.: *retribuí a retribuição*.

^g Ou seja, por volta de 166 a.C.

^h Lit.: *golpeava por ele todo o Israel grande golpe*, no sentido de bater no peito em sinal de luto e de desgosto.

ⁱ Lit.: *e levantou-se no lugar dele*.

^j Lit.: *a combater o combate de Israel*.

^k Cf. 2Mac 8,33. Considerando a natureza das forças militares sob o seu comando, é verosímil que este Apolónio corresponda ao mesmo indivíduo que exercia funções de governador provincial selêucida na região da Samaria (região a norte da Judeia) de que fala Flávio Josefo, *Ant. Jud.* 12.261, 287).

^l Estes reis serão Antíoco V Eupátor, Antíoco IV Epífanês (175-164 a.C.) e Demétrio I Soter (162-150 a.C.), filho de Seleuco IV Filopátor (185-175 a.C.).

^m *Divina* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *e foi nomeado*.

^o Cf. 2Mac 5,23-26.

derrotou-o e matou-o. Foram muitos os que caíram feridos, e os restantes fugiram. ¹²Apoderaram-se, então, dos despojos^p, e Judas ficou com a espada de Apolônio, passando a combater com ela o resto da sua vida^q.

¹³Entretanto, Seron, comandante do exército sírio^r, ouviu dizer que Judas tinha reunido um contingente e que tinha consigo um grupo de homens fiéis, prontos para combater, ¹⁴e disse: «Vou ganhar nome e cobrir-me de glória no reino, combatendo contra Judas e contra os seus companheiros^s, que desprezam a ordem do rei». ¹⁵Preparou-se, pois, e juntou-se a ele^t um poderoso exército de gente ímpia, para o ajudar a vingar-se dos filhos de Israel. ¹⁶Quando se aproximava da encosta de Bet-Horon^u, Judas saiu-lhe ao encontro acompanhado de poucos homens. ¹⁷Mas, assim que viram o exército que vinha ao seu encontro, disseram a Judas: «Como poderemos nós, sendo tão poucos, combater contra uma hoste tão poderosa? Além disso, estamos fracos por não termos comido hoje». ¹⁸Judas respondeu-lhes: «Facilmente muitos podem cair nas mãos de uns poucos, pois o Céu^v não faz diferença entre salvar muitos ou poucos, ¹⁹porque a vitória não depende da dimensão do exército, mas da força que vem do Céu. ²⁰Eles marcham contra nós, cheios de insolência e de iniquidade, para nos aniquilar, a nós, às nossas mulheres e aos nossos filhos, e para nos saquear, ²¹enquanto nós combatemos pelas nossas vidas e pelas nossas leis. ²²O Céu^w esmagá-los-á diante de nós. Não tendes medo deles».

²³Assim que acabou de falar, Judas^x lançou-se subitamente sobre eles, e Seron e o seu exército foram destruídos diante dele. ²⁴Os homens de Judas^y perseguiram-no pela descida de Bet-Horon até à planície; caíram mortos cerca de oitocentos homens do exército de Seron^z, e os restantes fugiram para a terra dos filisteus. ²⁵Judas e os seus irmãos começaram a ser temidos^{aa} e espalhou-se uma onda de terror por^{ab} todos os povos em redor. ²⁶A sua fama^{ac} chegou até ao rei, e em todas as nações se falava dos combates de Judas.

^p O grego acrescenta *deles*.

^q Lit.: *e era combatente com ela todos os dias*.

^r Nada mais se conhece acerca deste comandante além do que aqui é dito e em Flávio Josefo (*Ant. Jud.* 12,288).

^s Lit.: *e os com ele*.

^t Lit.: *levantou-se com ele*.

^u Trata-se da encosta de Bet-Horon, situada na região noroeste de Jerusalém, caracterizada por um segmento particularmente inclinado da via que liga o Vale de Ajjalom às terras altas onde se localiza a cidade capital.

^v Céu é um circunlóquio para evitar pronunciar o nome de Deus.

^w Lit.: *Ele*.

^x Judas é acrescento da tradução.

^y Os homens de Judas é acrescento da tradução.

^z Lit.: *deles*.

^{aa} Lit.: *começou o medo de Judas e dos irmãos dele*.

^{ab} Lit.: *e o terror caiu sobre*.

^{ac} Lit.: *nome*.

Política de Antíoco IV Epífanes

²⁷Quando o rei Antíoco tomou conhecimento disto, ficou furioso e mandou reunir^a todas as forças do seu reino, formando um exército poderosíssimo. ²⁸Abriu o seu tesouro, deu às tropas o soldo de um ano, ordenando-lhes que estivessem prontas para qualquer eventualidade. ²⁹Apercebeu-se, porém, de que o dinheiro do tesouro se estava a esgotar e que os tributos da região eram escassos, devido às revoltas e danos que ele próprio tinha provocado no território ao suprimir as leis em vigor desde tempos antigos^b. ³⁰Começou a ter receio de ficar sem recursos, como já tinha sucedido outras vezes, para as despesas e para as dádivas que antes fazia com mão generosa, aspeto em que superava em muito os reis que o tinham antecedido^c. ³¹Profundamente perturbado^d, decidiu partir para a Pérsia, a fim de cobrar os tributos dessas regiões e juntar, assim, muito dinheiro^e. ³²Deixou Lísias, homem ilustre e de linhagem real, que era superintendente^f do rei, desde o rio Eufrates até às fronteiras do Egito, ³³com o encargo de cuidar do seu filho Antíoco^g, até que ele voltasse. ³⁴Entregou-lhe metade do exército e os seus elefantes e deu-lhe instruções sobre tudo o que pretendia que fosse feito. No que dizia respeito aos habitantes da Judeia e de Jerusalém, ³⁵deu-lhe instruções^h para enviar contra eles um exército, que destruísse e aniquilasse o poderio de Israel e o que restava de Jerusalém, e que fizesse desaparecer da região qualquerⁱ memória deles, ³⁶e para instalar estrangeiros^j em todos os seus territórios, distribuindo as suas terras por lotes. ³⁷O rei tomou consigo a outra metade do exército que tinha sobrado e partiu de Antioquia, a capital do seu reino, no ano cento e quarenta e sete^k. Atravessou o rio Eufrates e prosseguiu viagem através das regiões montanhosas.

Górgias e Nicanor

³⁸Lísias escolheu Ptolomeu, filho de Dorímenes, Nicanor e Górgias^l, homens poderosos entre «os amigos do rei»^m. ³⁹e enviou com eles quarenta mil homens e sete mil cavaleiros para invadirem a terra de Judá e destruírem-na, de acordo com a ordem do reiⁿ. ⁴⁰Partiram com todo o seu exército e foram acampar perto de Emaús,

^a Lit.: quando o rei Antíoco ouviu estas palavras, irou-se com cólera e enviou e reuniu.

^b Lit.: desde os primeiros dias.

^c Lit.: e ficou receoso por não ter, como uma vez e duas, para as despesas e as dádivas, que dava diante com mão abundante e abundava sobre os reis que [tinha havido] antes.

^d Lit.: e ficou muito perturbado na sua alma.

^e Cf. 2Mac 1,19.

^f Lit.: sobre os assuntos do rei.

^g Cf. 2Mac 11,1: Trata-se de Antíoco V Eupator (c. 164-161 a.C.).

^h Deu-lhe instruções é acrescento da tradução.

ⁱ Qualquer é acrescento da tradução.

^j Lit.: filhos estrangeiros.

^k Ou seja, no ano de 165 a.C.

^l Cf. 2Mac 8,8-15

^m Cf. 2Mac 8,8-29. Para a expressão, cf. 2,18 nota.

ⁿ Cf. 2Mac 8,9.

na planície.⁴¹ Quando os comerciantes da região souberam disto^o, tomaram consigo prata e ouro em grande quantidade, assim como grilhões, e dirigiram-se ao acampamento para adquirirem os filhos de Israel como escravos. Juntou-se-lhes um exército da Síria e do território dos filisteus^p.⁴² Judas e os seus irmãos viram que a situação era muito grave^q: para além de os exércitos já terem acampado dentro das suas fronteiras, ficaram a saber das ordens do rei para aniquilar completamente o povo^r.⁴³ Disseram, então, uns aos outros^s: «Levantemos o nosso povo da ruína; lutemos pelo nosso povo e pelo santuário».

⁴⁴A assembleia reuniu-se para se preparar para a guerra e para rezar, implorando misericórdia e compaixão.⁴⁵ Jerusalém estava despovoada como um deserto, nenhum dos seus filhos entrava ou saía dela; o santuário tinha sido violado, os estrangeiros ocupavam a cidadela^t, que se tinha convertido num albergue para os pagãos^u. A alegria foi varrida de Jacob, calaram-se a flauta e a lira.

Os judeus em Mispá

⁴⁶Uma vez reunidos, dirigiram-se para Mispá^v, em frente a Jerusalém, porque no passado tinha havido, em Mispá, um lugar de oração para Israel.⁴⁷ Naquele dia jejuaram, revestiram-se de saco, puseram^w cinza sobre as suas cabeças e rasgaram as vestes^x.⁴⁸

Desenrolaram o livro da Lei para examinar as mesmas questões sobre as quais os pagãos costumam consultar as imagens dos seus ídolos^y.⁴⁹ Trouxeram também as vestes sacerdotais, as primícias e os dízimos, e fizeram comparecer os nazireus que

^o Lit.: e os comerciantes ouviram o nome deles.

^p Cf. 2Mac 8,10s. O grego fala lit. em *estrangeiros*, o que no contexto da LXX é usado especialmente como referência a qualquer povo de Canaã, como são os filisteus neste contexto particular (cf. v.24).

^q Lit.: as coisas más se enchiam.

^r Lit.: as palavras do rei as quais mandava fazer ao povo para destruição e aniquilamento.

^s Lit.: disse cada um ao seu próximo.

^t A *cidadela* (*Akra*) era uma fortaleza selêucida em Jerusalém cuja localização exata tem sido muito debatida. O problema decorre da natureza ambígua dos achados arqueológicos e das afirmações repetidas de Josefo de que originalmente a cidadela era mais alta que o templo (*Ant. Jud.* 12,252; 362; 13,215-217; *Bell. Jud.* 5,139) — o que excluiria a cidade de David (ao sul do templo), localização óbvia segundo 1Mac 1,33. Alguns estudiosos tendem a situá-la, ainda assim, na cidade de David. Os habitantes principais da cidadela eram uma guarnição selêucida, mas foram gradualmente acompanhados por diversos judeus (cf. 4,2; 6,18). A cidadela constituía a «armadilha ao templo» (cf. 1,36), ao qual era adjacente, e permaneceu sob controlo selêucida até à sua conquista por Simão em 142 a.C. (cf. 13,51).

^u Lit.: e os filhos dos estrangeiros [estavam] na cidadela, albergue para os pagãos.

^v Cerca de 12 km a norte de Jerusalém: cf. Jz 20; 1Sm 7,5, 10,17; Jr 40,6 (47,6 LXX). Cf. 2Mac 8,1-23.

^w *Puseram* é acrescento da tradução.

^x Lit.: as suas vestes.

^y Lit.: acerca daquilo que os pagãos procuravam nas imagens dos seus ídolos. Texto de difícil interpretação. Aparentemente, trata-se de uma referência ao método da bibliomancia, a prática de consultar aleatoriamente o texto bíblico, um procedimento comparado àquele da divinação entre os pagãos (cf. 2Mac 8,23).

tinham completado os seus votos^a. ⁵⁰E, clamando ao Céu com voz forte^b, disseram: «Que havemos de fazer a esta gente, para onde a levaremos? ⁵¹O teu santuário foi violado e profanado, os teus sacerdotes estão de luto e humilhados. ⁵²E eis que as nações se coligaram contra nós, para nos aniquilar. Tu conheces o que maquinam contra nós. ⁵³Como poderemos resistir-lhes^c, se Tu não vieres em nosso auxílio?».

⁵⁴Tocaram, então, as trombetas e levantaram um grande clamor^d. ⁵⁵Depois disto, Judas designou chefes do povo: comandantes de mil, de cem, de cinquenta e de dez homens ⁵⁶e disse aos que estavam a construir casas, aos que estavam para casar^e, aos que plantavam vinhas e aos que estavam com medo, para que voltasse cada um para sua casa, segundo o que a Lei prescreve^f. ⁵⁷Depois levantaram o acampamento^g e foram acampar a sul de Emaús. ⁵⁸Judas disse então: «Preparai-vos e sede valentes^h. Estai prontos para combater amanhã cedo contra estas nações que se aliaram contra nós para nos aniquilar, a nós e ao nosso santuário, ⁵⁹porque é melhor morrermos no combate do que assistir à desgraça da nossa nação e do nosso santuário. ⁶⁰Porém, conforme for a vontade no Céuⁱ, assim acontecerá».

4 Combate de Emaús (cf. 2Mac 8,23-29.34-36)

¹Górgias tomou consigo cinco mil homens e mil cavaleiros escolhidos e partiu^j de noite, ²a fim de cair sobre o acampamento dos judeus, atacando-os de surpresa. Os homens^k da cidadela serviam-lhe de guias. ³Mas Judas teve conhecimento disto^l e partiu, juntamente com os seus guerreiros, para atacar o exército real que estava em Emaús, ⁴enquanto as tropas ainda se encontravam fora do acampamento. ⁵Górgias chegou de noite ao acampamento de Judas e não encontrou ninguém; pôs-se, então, à procura deles nas montanhas, dizendo^m: «Estão a fugir de nós». ⁶Ao raiar do dia, Judas apareceu na planície com três mil homens, mas sem terem as armaduras e as espadas que desejariamⁿ. ⁷Viram, então, o acampamento dos pagãos, fortificado, entrincheirado, com a cavalaria disposta ao redor e com soldados^o bem treinados para o combate. ⁸Judas disse aos homens que estavam com ele: «Não tendes medo

^a Lit.: *levantaram os nazireus que tinham completados os dias*. Sobre os nazireus, cf. Nm 6,1-12.

^b Forte é acréscito da tradução. Sobre Céu, cf. 3,18 nota.

^c Lit.: *subsistir diante do rosto deles*.

^d Lit.: *e clamaram com voz grande*.

^e Lit.: *comprometidos de mulher*.

^f Lit.: *segundo a Lei*. Segundo a Lei, estavam dispensados do combate os homens que construíram uma casa nova, plantaram um vinha, ficaram noivos ou estavam com medo (Cf. Dt 20,5-8).

^g Lit.: *o acampamento levantou*.

^h Lit.: *cingi-vos e tornai-vos em filhos poderosos*.

ⁱ Sobre Céu, cf. 3,18 nota.

^j Lit.: *o exército/acampamento levantou-se*.

^k Lit.: *filhos*.

^l Lit.: *ouveu*.

^m Lit.: *porque disse*.

ⁿ Cf. 2Mac 8,16.23.

^o Lit.: *estes*.

do seu número, nem receeis a sua violência^p. ⁹Lembrai-vos de como os nossos pais foram salvos no Mar Vermelho, quando o Faraó os perseguia com o seu exército. ¹⁰Clamemos, agora, ao Céu^q: se for benevolente para connosco^r, recordará a aliança com os nossos pais e destroçará, hoje, diante de nós, este exército. ¹¹E todas as nações ficarão a saber que existe Aquele que resgata e salva Israel».

¹²Os estrangeiros levantaram os olhos, viram-nos avançar contra si ¹³e saíram do acampamento para os combater^s. Então, os soldados^t de Judas tocaram a trombetas ¹⁴e atacaram-nos. Os pagãos foram destroçados e fugiram para a planície. ¹⁵Todos os que ficaram para trás caíram mortos ao fio da espada. Os homens de Judas^u perseguiram-nos até Guézer e até às planícies da Idumeia, de Asdod e de Jâmnia^v. Morreram cerca de três mil dos homens de Górgias^w. ¹⁶Depois de perseguir os fugitivos com o seu exército, Judas regressou^x ¹⁷e disse ao povo: «Não estejais já a cobiçar os despojos, porque temos um combate diante de nós. ¹⁸Górgias e o seu exército encontram-se na montanha, perto de nós; permaneci firmes diante dos nossos inimigos e combatei contra eles; depois podereis apoderar-vos dos despojos em segurança».

¹⁹Ainda Judas não tinha acabado de falar^y, quando apareceu um destacamento a assomar-se na montanha. ²⁰Viram, então, que os seus tinham sido derrotados^z e que o acampamento estava a ser incendiado, pois o fumo que se via revelava o sucedido. ²¹Ao verem isto, ficaram cheios de medo. E quando avistaram, na planície, o exército de Judas pronto para o combate, ²²fugiram todos para o território dos filisteus^{aa}. ²³Então, Judas voltou para recolher os despojos do acampamento: apoderaram-se de muito ouro, prata, tecidos tingidos de cor de jacinto e púrpura marinha^{ab} e grandes riquezas^{ac}. ²⁴No regresso, entoavam hinos e bendiziam o Céu: «Porque é bom, porque é eterna a sua misericórdia»^{ad}. ²⁵E assim, naquele dia, Israel experimentou uma grande salvação. ²⁶Os estrangeiros que conseguiram escapar foram relatar a Lísias

^p Cf. 2Mac 8,16-20.

^q Para este circunlóquio para Deus, cf. 3,18 nota.

^r Lit.: *se nos quiser*.

^s Lit.: *para combate*.

^t Lit.: *os junto de*.

^u *Os homens de Judas* é acrescento da tradução.

^v Guézer ficava 30 km a noroeste de Jerusalém, passando Emaús, e era uma fortaleza selêucida importante, que só se tornaria um centro asmoneu com Simão (cf. 13,43-48); Asdod é a moderna Ashdod (na costa mediterrânica, mencionada em 9,15 e 16,10); e Jâmnia situa-se na costa entre Tel Aviv e Ashdod (cf. 2 Mac 12,3-9).

^w Lit.: *deles*.

^x Lit.: *e Judas regressou e o exército depois de perseguir atrás deles*.

^y Lit.: *ainda Judas completava estas coisas*.

^z Lit.: *e viram que tinham sido postos em fuga*.

^{aa} Cf. 3,41 nota.

^{ab} Lit.: *muito ouro, prata, jacinto e púrpura marinha*. A púrpura marinha, ou escarlata (como é referida várias vezes em Ex 25-29), que se distingue por apresentar uma coloração muito carregada, é própria de Tiro.

^{ac} Cf. 2Mac 8,25.

^{ad} Cf. Sl 118,1ss.

tudo o que tinha acontecido^a.²⁷ Ao ouvi-los, ficou consternado e abatido, porque as coisas em Israel não tinham corrido como ele queria, e o resultado era contrário ao que o rei lhe tinha ordenado^b.

Primeira campanha de Lísias (cf. 2Mac 11,1-12)

²⁸No ano seguinte, Lísias^c mobilizou sessenta mil homens escolhidos e cinco mil cavaleiros, para combater contra os judeus^d. ²⁹Foram para a Idumeia e acamparam em Bet-Sur^e. Judas saiu para os enfrentar com dez mil homens^f. ³⁰Quando viu tão poderoso exército, rezou e disse: «Bendito és, ó Salvador de Israel, Tu que esmagaste a violência de um gigante^g pela mão do teu servo David e que entregaste o acampamento dos filisteus^h nas mãos de Jónatas, filho de Saul, e do seu escudeiroⁱ; ³¹faz, do mesmo modo, com que este exército seja capturado pela mão do teu povo, Israel, e que fiquem envergonhados do seu exército e da sua cavalaria. ³²Infunde-lhes cobardia, derrete a confiança que têm na sua força^j, e que fiquem abalados com a sua derrota. ³³Abate-os com a espada daqueles que te amam; e que te louvem com hinos todos os que conhecem o teu nome».

³⁴Lançaram-se, então, uns contra os outros e, diante dos judeus^k, caíram mortos cerca de cinco mil homens do exército de Lísias. ³⁵Ao ver as suas hostes desmoronarem-se^l, a coragem das fileiras^m de Judas e como elas estavam prontas para viver ou para morrer heroicamente, partiu para Antioquia, onde começou a recrutar numerosos mercenários, com o propósito de voltar à Judeiaⁿ.

Purificação do templo

³⁶Judas e os seus irmãos disseram então: «Eis que os nossos inimigos foram destruídos; subamos, pois, para purificar o santuário e fazer a sua dedicação»^o. ³⁷Reuniu-se todo o exército, e subiram ao monte Sião. ³⁸Ao verem o santuário abandonado, o altar profanado, as portas queimadas, os átrios cheios de ervas, nascidas como num

^a Cf. 2Mac 8,28-30.

^b Lit.: *e resultou não como o rei lhe tinha ordenado*.

^c Lísias é acrescento da tradução.

^d Lit.: *para combatê-los*.

^e A localidade de Bet-Sur, localizada nas proximidades de Halhul, a aproximadamente 24 km a sul de Jerusalém, ocupava uma posição geográfica estratégica que correspondia sensivelmente à linha divisória territorial entre as regiões da Idumeia e da Judeia.

^f Cf. 2Mac 11,5-7

^g Lit.: *do poderoso*.

^h Cf. 3,41 nota.

ⁱ Cf. 1Sam 14,17; 1QM 11,1-3.

^j Lit.: *a confiança da força deles*.

^k Lit.: *diante deles*.

^l Lit.: *a volta acontecida da sua organização*.

^m Fileiras é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *para apresentar-se de novo na Judeia*.

^o Cf. 2Mac 10,1-8.

bosque ou como num dos montes, e as dependências derrocadas, ³⁹rasgaram as vestes, elevaram grandes lamentos, cobriram-se de cinza, ⁴⁰prostraram-se com o rosto por terra e, ao sinal dado pelas trombetas^p, clamaram ao Céu^q. ⁴¹Judas ordenou, então, aos seus homens que combatessem os que estavam na cidadela, enquanto purificava o santuário. ⁴²Depois, escolheu sacerdotes irrepreensíveis, observantes da Lei^r, ⁴³que purificaram o santuário e retiraram as pedras contaminadas^s para um lugar impuro^t. ⁴⁴Deliberaram sobre o que se deveria fazer ao altar dos holocaustos que fora profanado^u, ⁴⁵e tomaram a boa resolução de o demolir, para que não se tornasse para eles motivo de desgraça, uma vez que os pagãos o tinham contaminado. Assim, demoliram-no ⁴⁶e colocaram as pedras no Monte do Templo^v, num lugar apropriado, até que aparecesse um profeta que decidisse o que fazer com elas^w. ⁴⁷Depois tomaram pedras por lavar, de acordo com a Lei, e edificaram um novo altar de acordo com o modelo do primeiro^x. ⁴⁸Restauraram o santuário e o interior do templo e consagraram os átrios. ⁴⁹Fizeram novos vasos sagrados e levaram para o santuário o candelabro, o altar dos incensos e a mesa. ⁵⁰Queimaram incenso sobre o altar e acenderam as lâmpadas do candelabro, para iluminar o^y santuário. ⁵¹Colocaram pães sobre a mesa, penduraram o véu e deram por concluídos todos os trabalhos que deviam realizar.

⁵²No dia vinte e cinco do nono mês – ou seja, o mês de Quisleu – do ano cento e quarenta e oito^z, levantaram-se de manhã cedo ⁵³e ofereceram um sacrifício, de acordo com a Lei, sobre o novo altar dos holocaustos^{aa} que tinham construído. ⁵⁴Precisamente no aniversário do dia^{ab} em que os pagãos o tinham profanado, o altar foi de novo consagrado, ao som de cânticos, cítaras, harpas e címbalos. ⁵⁵Todo o povo se prostrou com o rosto por terra, adorando e bendizendo o Céu, que lhes tinha sido propício. ⁵⁶Durante oito dias^{ac}, celebraram^{ad} a dedicação do altar, oferecendo, com alegria, holocaustos e o sacrifício de salvação e de louvor. ⁵⁷Adornaram a fachada do santuário com coroas de ouro e com pequenos escudos e restauraram o pórtico e as dependências, nas quais colocaram portas.

^p Lit.: *e tocaram as trombetas dos sinais*.

^q Para este circunlóquio para Deus, cf. 3,18 nota.

^r Cf. 2Rs 23,2; 2Cr 29,4ss.

^s Provável referência a um altar (cf. 1,54 nota) ou eventualmente a estátuas pagãs erigidas no templo.

^t Cf. 2Rs 23,4.6.12.

^u Cf. *IQS* 9,10-11; Ex 20,25; Dt 27,4-6.

^v Lit.: *da casa*, tal como no v.48.

^w Lit.: *responder acerca delas*.

^x Lit.: *segundo o primeiro*.

^y Lit.: *e brilham no*.

^z Ou seja, em novembro/dezembro do ano 164 a.C.

^{aa} Cf. Ex 29,38-41; Nm 7,10.

^{ab} Lit.: *de acordo com o tempo e de acordo com o dia*.

^{ac} A festa era celebrada durante oito dias, tal como a Festa dos Tabernáculos (cf. 2Mac 1,9.18; 2,16.18; Lv 23,33-36; 2Cr 29,17).

^{ad} Lit.: *fizeram*.

⁵⁸Foi enorme a alegria entre o povo, quando a profanação^a dos pagãos foi eliminada. ⁵⁹Judas, os seus irmãos e toda a assembleia de Israel estabeleceram que todos os anos, no tempo próprio, se celebrassem, com regozijo e alegria, os dias da dedicação do altar, durante oito dias a partir do dia vinte e cinco do mês de Quisleu.

⁶⁰Por essa altura, construíram à volta do monte Sião uma alta muralha e sólidas torres, não fosse acontecer que aparecessem de novo os pagãos e a espezinhassem como outrora.

⁶¹Judas^b destacou uma guarnição para a guardar e deu-lhe meios^c para guardar também Bet-Sur, a fim de que o povo tivesse uma fortaleza que o protegesse frente à Idumeia.

5 Guerras de Judas Macabeu (cf. 2Mac 10,14-33; 12,10-31)

¹Quando^d as nações em redor ouviram dizer que o altar fora reconstruído e que o santuário fora dedicado como antes, ficaram muito irritadas. ²Decidiram então eliminar todos os descendentes de Jacob^e que viviam no meio deles e começaram a matá-los^f para os exterminar.

³Visto que eles assediavam Israel deste modo, Judas travou, então, combate contra os filhos de Esaú na Idumeia, em Acrabata; inflingiu-lhes uma grande derrota, humilhou-os e apoderou-se dos seus despojos. ⁴Recordou-se, então, da malvadez dos filhos de Bean^g, que constituíam uma esparrela e uma armadilha para o povo, com as emboscadas que lhes montavam nos caminhos. ⁵Obrigou-os a fecharem-se^h nas torres, sitiou-os e, votando-os ao extermínio, incendiou as suas torres com todos os que lá se encontravamⁱ. ⁶Dali, marchou contra os filhos de Amon, onde encontrou um forte e numeroso contingente^j e um povo numeroso, sob o comando de Timóteo^k. ⁷Judas^l travou contra eles muitos combates^m; foram destroçados diante dele e derrotados. ⁸Conquistou também Jazerⁿ e as suas povoações^o e regressou à Judeia.

^a Lit.: *insulto*.

^b Judas é acrescento da tradução.

^c Lit.: *fortificou isto*.

^d O grego antepõe: *e aconteceu que*.

^e Lit.: *levantar a raça de Jacob*.

^f O grego acrescenta *no povo*.

^g Tribo que é de outro modo desconhecida.

^h Lit.: *foram enclausurados por ele*.

ⁱ Cf. 2Mac 10,14-23.

^j Lit.: *mão poderosa e muito povo*.

^k Líder militar ativo na região da Transjordânia, citado nesta obra apenas neste cap., que culmina com a narração da sua derrota no v.43. Contudo, esta figura aparece mencionada em múltiplas ocasiões em 2Mac, de modo algo confuso.

^l Judas é acrescento da tradução.

^m Cf. 2Mac 10,19.

ⁿ Cidade da Transjordânia, cuja localização não é clara.

^o Lit.: *e as filhas dela*.

Libertação de judeus galileus

⁹Os pagãos de Guilead^p aliaram-se contra os israelitas que viviam nos seus territórios para os aniquilar, mas estes refugiaram-se na fortaleza de Dátema^q ¹⁰e enviaram uma carta a Judas e aos seus irmãos, dizendo: «Os pagãos que vivem à nossa volta aliaram-se contra nós, para nos aniquilarem, ¹¹e preparam-se para conquistar a fortaleza para onde fugimos. É Timóteo quem comanda o seu exército. ¹²Vem, pois, rapidamente livrar-nos das mãos deles, porque a maioria dos nossos já caiu morta; ¹³todos os nossos irmãos que viviam na região de Tob^r foram mortos, e levaram cativos as suas mulheres, os seus filhos e os seus bens. Pereceram ali cerca de mil homens».

¹⁴Ainda a carta estava a ser lida, quando^s chegaram da Galileia outros mensageiros, com as vestes esfarrapadas, que relataram coisas semelhantes, ¹⁵dizendo: «Os de Ptolemaida^t, de Tiro, de Sídón, e toda a Galileia dos estrangeiros aliaram-se contra nós, para nos destruir». ¹⁶Logo que Judas e o povo ouviram estas palavras, convocou-se uma grande assembleia, para deliberar o que fazer pelos irmãos que estavam em tribulação, atacados por aquela gente. ¹⁷Judas disse a seu irmão Simão: «Escolhe uns quantos homens e vai salvar os teus irmãos que estão na Galileia; eu e o meu irmão Jónatas iremos à região de Guilead». ¹⁸Para defender a Judeia, deixou José, filho de^u Zacarias, e Azarias, chefe do povo, com o resto do exército, ¹⁹e ordenou-lhes^v: «Governai este povo e não traveis combate contra os pagãos até regressarmos». ²⁰A Simão foram entregues^w três mil homens para ir à Galileia, e a Judas oito mil para Guilead.

²¹Simão partiu para a Galileia; travou muitos combates contra os pagãos, que^x foram destroçados^y, ²²e perseguiu-os até às portas de Ptolemaida. Dos pagãos, caíram mor-

^p Guilead designa a região da Transjordânia que se estende sensivelmente desde o rio Arnon, que desemboca na margem oriental do Mar Morto aproximadamente a meio da sua extensão (na zona fronteira a Ein Guedi), prolongando-se até à área de Basã (cf. Dt 3,12-17). A referência específica a Guilead não parece casual e evoca paralelos com o episódio registado em 1Sm 11, onde também se encontra um padrão semelhante de cidade sitiada, apelo por socorro e subsequente libertação.

^q Cf. 2Mac 12,10-31. Considerando a posição geográfica dos restantes lugares referidos nesta passagem, os autores têm tentado situar este local numa zona da região setentrional de Guilead, mais especificamente numa área posicionada ao sul ou a oriente do Lago da Galileia.

^r Lit.: *entre os de Tob*. A expressão grega é normalmente interpretada como uma alusão ao «território de Tob», que surge com destaque na narrativa sobre Jefté em Jz 11,3-5. A expressão poderá, no entanto, designar as forças militares vinculadas aos Tobíadas, uma influente família judaica estabelecida na Transjordânia durante os sécs. III e II a.C. Este clã é bem documentado na extensa narrativa de Flávio Josefo (*Ant. Jud.* 12,154–236), nas referências de 2Mac (3,11; 12,17) e em descobertas epigráficas e arqueológicas.

^s Lit.: *eis que*.

^t Ptolemaida era o nome helenístico dado por Ptolomeu II a Aco, antiga cidade portuária localizada na costa mediterrânica, no norte de Israel.

^u Lit.: *o de*.

^v O grego acrescenta: *dizendo*.

^w Lit.: *foram separados para Simão*.

^x Lit.: *os pagãos*.

^y Grego acrescenta: *a partir de/pela face dele*.

tos cerca de três mil homens, e ele apoderou-se dos seus despojos. ²³Tomou, então, consigo os judeus^a da Galileia e os que estavam em Arbata^b, com as suas mulheres, os seus filhos e tudo quanto possuíam, e conduziu-os com grande júbilo para a Judeia.

²⁴Entretanto, Judas Macabeu e o seu irmão Jónatas atravessaram o Jordão e marcharam durante três dias pelo deserto. ²⁵Encontraram-se com os nabateus^c, que os receberam pacificamente e lhes contaram tudo o que acontecera aos seus irmãos em Guilead: ²⁶que muitos deles se encontravam aprisionados em Bosra e em Bosor, em Alema, Casfo, Maqued e Carnaim^d, todas elas cidades fortificadas e grandes; ²⁷que havia presos nas restantes cidades de Guilead; e que os seus inimigos^e tinham decidido sitiar as fortalezas no dia seguinte, tomá-las e aniquilá-los a todos num só dia. ²⁸Judas desviou-se com o seu exército em direção a Bosra, através do deserto; tomou a cidade e, depois de passar todos os homens ao fio de espada e de se ter apoderado de todos os despojos, incendiou-a. ²⁹À noite, partiu dali e avançaram até às proximidades da fortaleza. ³⁰Ao romper do dia, ao levantar os olhos, os judeus viram uma multidão imensa, que não se podia contar^f, a transportar escadas e máquinas de assédio para tomar a fortaleza; iniciara-se o combate^g. ³¹Ao ver que o combate tinha começado e que o clamor da cidade subia até ao céu, com o som das trombetas^h e uma intensa gritaria, Judas ³²disse aos soldadosⁱ: «Combatei hoje pelos nossos irmãos». ³³Irromperam^j então pela retaguarda dos inimigos^k em três colunas, tocando as trombetas e clamando em oração. ³⁴Quando o exército de Timóteo se apercebeu de que era o Macabeu, pôs-se em fuga^l. Judas^m infligiu-lhes uma grande derrota e, naquele dia, caíram mortos cerca de oito mil inimigosⁿ. ³⁵Judas dirigiu-se, então, para Alema^o, travou combate contra ela e tomou-a. Depois de matar toda a

^a *Judeus* é acrescento da tradução.

^b Povoação cuja localização é disputada; provavelmente trata-se de Nabata.

^c Povo árabe, cuja capital era Petra.

^d Entre as localidades mencionadas, a primeira e última podem ser localizadas geograficamente com razoável certeza; Bosra corresponde à antiga Bostra, situada aproximadamente 105 km a sul de Damasco (cidade que viria posteriormente a servir como sede administrativa da província romana da Arábia); Carnaim, por sua vez, é comumente associada ao local designado Šēh Sa'd, posicionado a nordeste de Bostra, a cerca de 35 km para oriente do Lago da Galileia, conforme também referenciado noutras fontes históricas. A identificação das outras localidades é problemática.

^e *Os seus inimigos* é acrescento da tradução.

^f Lit.: e aconteceu na manhã [que] levantaram os olhos deles e eis muito povo, que não tinha número.

^g Lit.: e combatiam-nos.

^h Lit.: com trombetas.

ⁱ Lit.: homens do exército.

^j Lit.: saiu.

^k Lit.: deles.

^l O grego acrescenta *diante da sua face*.

^m *Judas* é acrescento da tradução, assim como no v.35.

ⁿ Lit.: dos homens deles.

^o Localidade de quase impossível localização; os mss. apresentam duas leituras problemáticas para o topónimo: Mispá (geograficamente improvável no norte de Guilead), Alema (leitura alternativa que parece ser uma região de Bosor, não um local separado). Flávio Josefo fala em Mela (*Ant. Jud.* 12.340), possivelmente uma corrupção de Pela, cidade helenística importante que falta estranhamente nesta narrativa.

população masculina, apoderou-se dos seus despojos e incendiou-a. ³⁶Partiu dali e foi conquistar Casfo, Maqued, Bosor e as restantes cidades de Guilead^p.

³⁷Depois destes acontecimentos, Timóteo reuniu outro exército e acampou em frente a Rafon, do outro lado da torrente^q. ³⁸Judas mandou, então, espiar o acampamento, e vieram dizer-lhe: «Juntaram-se a ele todos os pagãos que nos rodeiam, e formam^s um exército muito grande. ³⁹Além disso, contrataram mercenários árabes para os ajudar. Acamparam no outro lado da torrente, preparados para vir contra ti para te combater». Judas marchou ao encontro deles ⁴⁰e, enquanto Judas e o seu exército se aproximavam da torrente da água, Timóteo disse aos comandantes do seu exército: «Se ele atravessar primeiro para vir contra nós, não poderemos resistir-lhe, porque terá uma grande vantagem sobre nós; ⁴¹mas, se tiver medo e acampar do outro lado do rio, atravessaremos nós contra ele e levaremos a melhor^u».

⁴²Quando Judas se aproximou da torrente da água, dispôs os escribas^v do povo ao longo da torrente e deu-lhes esta ordem^w: «Não deixeis ninguém^x acampar; que vão todos para o combate». ⁴³Ele foi o primeiro a atravessar^y, e a tropa foi toda^z atrás dele. Os pagãos foram totalmente destroçados^{aa}, largaram as armas^{ab} e fugiram para o templo de Carnaim. ⁴⁴Mas os judeus^{ac} conquistaram a cidade e incendiaram o templo, com todos os que lá se encontravam. Carnaim foi derrotada, e os inimigos^{ad} não puderam mais resistir a Judas.

⁴⁵Judas reuniu todos os israelitas que estavam em Guilead, do menos ao mais importante^{ae}, as suas mulheres, crianças e bens, uma multidão imensa^{af}, para os conduzir à terra de Judá. ⁴⁶Foram até Efron^{ag}, cidade grande e bem fortificada, situada

^p Cf. 2Mac 12,13-16.

^q Cf. 2Mac 12,17s. Localidade comumente identificada pelos estudiosos com Rafanea, que durante a época romana possuía estatuto de cidade (pólis). Esta identificação baseia-se na referência feita por Plínio, o Velho (*Nat. Hist.* 5.16 (74)).

^r Lit.: e anunciaram-lhe dizendo.

^s E *formam* é acréscimo da tradução.

^t Lit.: porque podendo poderá contra nós.

^u Lit.: poderemos contra ele.

^v A expressão *escriba* (*grammateus*) constitui a tradução convencional que os LXX utilizam para os funcionários que, segundo Dt 20,5-9, tinham a responsabilidade de proclamar às tropas as disposições sobre quem poderia ser dispensado do serviço militar.

^w Lit.: e ordenou-lhes dizendo.

^x Lit.: todo o homem.

^y O grego acrescenta *sobre eles*.

^z Lit.: todo o povo.

^{aa} Lit.: foram destroçados diante do rosto deles todos os pagãos.

^{ab} O grego acrescenta *deles*.

^{ac} Mas os judeus é acréscimo da tradução.

^{ad} Os inimigos é acréscimo da tradução.

^{ae} Lit.: do pequeno ao maior.

^{af} Lit.: acampamento muito grande.

^{ag} Cf. 2Mac 12,27s. Localidade atualmente conhecida como at-Taiba, situada nas proximidades de Pela, na região oriental relativamente a Bet-Chan (cf. v.52), aproximadamente 12 km a sudoeste da moderna cidade de Irbid.

no caminho. Era preciso atravessá-la, pois não era possível desviar-se dela, nem pela direita nem pela esquerda. ⁴⁷Mas os habitantes^a da cidade barraram-lhes a passagem e bloquearam as portas com pedras. ⁴⁸Judas enviou-lhes mensageiros^b com propostas de paz^c, dizendo: «Atravessaremos a tua terra para irmos para a nossa terra, e ninguém vos fará mal; passaremos apenas a pé». Mas eles não lhe quiseram abrir as portas^d. ⁴⁹Então, Judas ordenou^e no acampamento que cada um, no seu posto, tomasse posição para o combate^f. ⁵⁰Os homens do exército tomaram posição, e Judas^g travou combate contra a cidade durante todo aquele dia e durante toda a noite, até que a cidade se entregou nas suas mãos. ⁵¹Matou ao fio da espada todos os homens, arrasou a cidade^h, saqueou-a e atravessou-a passandoⁱ por cima dos mortos. ⁵²Depois atravessaram o Jordão em direção à grande planície que fica em frente de Bet-Chan^j. ⁵³Durante todo o caminho, Judas ia reunindo os que se atrasavam e encorajando o povo, até que chegou à terra de Judá. ⁵⁴Subiram ao monte Sião com entusiasmo e regozijo e ofereceram holocaustos, porque tinham regressado a salvo^k sem que nenhum deles tivesse caído morto.

Combates na zona marítima (cf. 2Mac 12,32-45)

⁵⁵Nos dias em que Judas e Jónatas estavam na terra de Guilead, e o seu irmão Simão se encontrava na Galileia, em frente a Ptolemaida, ⁵⁶José, filho de^l Zacarias, e Azarias, comandantes do exército, ouviram falar das suas proezas e dos combates que tinham travado, ⁵⁷e disseram: «Ganhamos nome também nós: vamos combater os pagãos que há à nossa volta». ⁵⁸Deram ordens aos soldados^m do exército que estava com eles e marcharam contra Jâmniaⁿ. ⁵⁹Mas Górgias saiu da cidade, com os seus homens, para ir ao seu encontro e combatê-lo^o. ⁶⁰José e Azarias foram derrotados e perseguidos até à fronteira da Judeia. Naquele dia, caíram mortos cerca de dois mil homens do povo de Israel. ⁶¹Este grande revés para o povo aconteceu por não terem ouvido Judas e os

^a *Habitantes* é acrescento da tradução.

^b *Mensageiros* é acrescento da tradução.

^c Lit.: *palavras pacíficas*.

^d *As portas* é acrescento da tradução.

^e O grego acrescenta *para proclamar*.

^f *Para o combate* é acrescento da tradução.

^g *Judas* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *arrasou-a*.

ⁱ *Passando* é acrescento da tradução.

^j A *grande planície* refere-se à planície entre a Galileia e a Samaria, e a expressão *em frente de Bet-Chan* (ou seja, Citópolis) identifica o ponto de travessia do Jordão usado por Judas para chegar à planície, pois Bet-Chan marca a extremidade oriental dessa planície e era um local habitual de travessia na junção de rotas importantes (cf. Políbio 5,70, Flávio Josefo *Ant. Jud.* 14,49).

^k Lit.: *em paz*.

^l Lit.: *o de*.

^m *Soldados* é acrescento da tradução.

ⁿ Cf. 4,15 nota.

^o Lit.: *para combate*.

seus irmãos, por se julgarem capazes de grandes proezas^p. ⁶²Mas eles não pertenciam à cepa^q daqueles homens por cujas mãos foi concedida a salvação a Israel.

⁶³O valente^r Judas e os seus irmãos alcançaram grande glória diante de todo o Israel e de todas as nações que ouviam falar do seu nome^s. ⁶⁴Todos se juntavam à sua volta para os aclamar.

⁶⁵Judas e os seus irmãos partiram, então, para combater os filhos de Esaú, no território que fica a sul. Atacou Hebron e as suas povoações^t, destruiu as suas fortalezas e incendiou as torres que a circundavam. ⁶⁶Partiu dali e atravessou a região de Marecha^u, para chegar ao território dos filisteus^v. ⁶⁷Naquele dia caíram mortos no combate alguns sacerdotes, que, por desejarem realizar proezas, tinham saído imprudentemente para o combate. ⁶⁸Judas voltou-se, então, contra Asdod^w, no território dos filisteus, derrubou os seus altares, queimou as esculturas dos seus deuses e saqueou as cidades^x. Depois regressou à terra de Judá.

6 Morte de Antíoco IV Epífanes (cf. 2Mac 1,11-17; 9)

¹Enquanto percorria as províncias setentrionais^y, o rei Antíoco ouviu dizer que havia, na Pérsia, uma cidade chamada^z Elimaida^{aa}, famosa pela sua riqueza, pela prata e pelo ouro. ²O templo que nela havia era muito rico: tinha escudos de ouro, couraças e armas, ali deixadas por Alexandre, filho de^{ab} Filipe, rei da Macedónia, que foi o primeiro a reinar sobre os gregos. ³Dirigiu-se, então, para lá^{ac} e tentou tomar a cidade e saqueá-la, mas não conseguiu, porque os habitantes da cidade tiveram conhecimento dos seus planos^{ad} ⁴e opuseram-se-lhe em combate. Ele teve de fugir e foi com grande tristeza que partiu dali para regressar à Babilónia^{ae}.

^p Lit.: *julgando fazer ato valente*.

^q Lit.: *não eram da semente*.

^r Lit.: *varão*.

^s Lit.: *onde era ouvido o nome deles*.

^t Lit.: *e as filhas dela*.

^u Marecha (*Marisa* na grafia grega) era um importante centro idumeu perto de Bet-Guvrin (cerca de 29 km a sudoeste de Jerusalém), próximo da Filisteia; os mss. gregos leem *Samaria*, mas a emenda é aceite unanimemente com base em Josefo (*Ant. Jud.* 12.353), em testemunhos latinos e na lógica geográfica - pois de Hebron para a costa sul (terra dos filisteus, v.66) a rota natural passava pela Idumeia, não exigindo desvio para norte até Samaria (um erro motivado por desconhecimento da geografia palestina).

^v Cf. 3,41 nota.

^w Cf. 4,15 nota.

^x Lit.: *saqueou os saques das cidades*.

^y Cf. Gn 10,22.

^z Chamada é acrescento da tradução.

^{aa} Elimaida era uma região no sul da Mesopotâmia junto ao Golfo Pérsico, não uma cidade; o texto de 1Mac pode refletir uma má tradução do hebraico ou simplesmente ignorância geográfica do autor sobre terras distantes.

^{ab} Lit.: *o de*.

^{ac} Lit.: e foi.

^{ad} Lit.: *a palavra foi conhecida pelos da cidade*.

^{ae} Cf. 2Mac 9,1-3.

⁵Estava ele na Pérsia, quando lhe foram dar a notícia^a de que o exército enviado à terra da Judeia tinha sido derrotado, ⁶e que Lísias, que partira com um exército exceccionalmente poderoso, fora humilhado pelos judeus^b, que se tinham fortalecido com armas, tropas e com os muitos despojos que tinham tomado ao exército que derrotaram; ⁷e ainda que tinham derrubado a abominação que Antíoco^c edificara sobre o altar, em Jerusalém, cercado o santuário com altas muralhas, como outrora, e feito o mesmo à cidade de Bet-Sur, uma das cidades do rei^d.

⁸Quando^e ouviu estas palavras, o rei ficou estupefacto e profundamente abalado. Caiu de cama, doente de tristeza, porque os seus projetos^f não lhe tinham corrido como pensara. ⁹E ali passou muitos dias, porque a grande tristeza que se abatera^g sobre ele ia-se renovando constantemente. Pensou que ia morrer, ¹⁰chamou todos os seus amigos e disse-lhes: «O sono afastou-se dos meus olhos e o meu coração desfalece com a ansiedade! ¹¹E disse ao meu coração: “A que tribulação cheguei, em que mar violento agora me encontro, eu, que era tão generoso e amado nos tempos em que era poderoso^h! ¹²Mas agora lembro-me das perversidades que cometi em Jerusalém, quando me apoderei de todos os utensílios de prata e de ouro que nela havia, e mandei exterminar sem motivo os habitantes da Judeia. ¹³Reconheço que é por causa disso que estas desgraças vieram ao meu encontro; e eis que agora morro, em grande tristeza, numa terra estrangeira».

¹⁴Chamou Filipe, um dos seus amigos, e nomeou-o regente deⁱ todo o seu reino^j. ¹⁵Entregou-lhe a coroa, o seu manto e o anel, encarregando-o de guiar^k o seu filho Antíoco e de o educar para reinar. ¹⁶E ali morreu o rei Antíoco, no ano cento e quarenta e nove^l. ¹⁷Quando Lísias soube que o rei morrera, proclamou como rei o seu filho Antíoco, a quem educara desde a infância, e deu-lhe o nome de Eupátor^m.

Judas Macabeu em conflito com a Síriaⁿ

¹⁸Entretanto, os soldados^o da cidadela mantinham Israel confinado à volta do santuário, procurando por todos os meios causar-lhe mal e favorecer os pagãos. ¹⁹Judas resolveu aniquilá-los e convocou todo o povo para os sitiar. ²⁰Eles reuniram-se e,

^a Lit.: *E foi alguém anunciando a ele para a Pérsia.*

^b Lit.: *pelo/diante de rosto deles.*

^c *Antíoco* é acrescento da tradução.

^d Lit.: *e a sua cidade de Bet-Sur.* Cf. 4,29 nota.

^e O grego antepõe e aconteceu [que].

^f *Os seus projetos* é acrescento da tradução.

^g *Que se abatera* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *no meu poder.*

ⁱ Lit.: *pô-lo sobre.*

^j Cf. 2Mac 9,29; 13,23.

^k Lit.: *para guiar.*

^l Ou seja, no ano 163 a.C.

^m Nome grego formado a partir do prefixo *eu* (*bom*) e *patēr* (*pai*).

ⁿ Estes eventos não encontram paralelo em 2Mac.

^o *Soldados* é acrescento da tradução.

no ano cento e cinquenta^p, sitiaram a cidadela, construindo, para isso, máquinas de arremesso e máquinas de assédio. ²¹Alguns dos que estavam sitiados conseguiram escapar, e juntaram-se-lhes alguns dos ímpios de Israel. ²²Foram ter com o rei e disseram: «Até quando tardarás a fazer^q justiça e a vingar os nossos irmãos? ²³Nós aceitámos de bom grado servir o teu pai, seguir as suas instruções^r e obedecer às suas ordens. ²⁴Por causa disso, os filhos do nosso povo sitiaram a cidadela^s e tratam-nos como estrangeiros. Além disso, mataram a todos quantos descobriram ser dos nossos e expoliaram-nos dos nossos bens^t. ²⁵Mas não levantaram a mão apenas contra nós; fizeram-no também contra todos os vossos territórios^u. ²⁶E eis que hoje estão acampados em frente à cidadela em Jerusalém para a tomar. E já fortificaram quer o santuário, quer Bet-Sur. ²⁷Se não te antecipares rapidamente a eles, farão muito mais do que isto, e tu já não os conseguirás deter».

Judas Macabeu contra Antíoco V e Lísias no combate batalha de Bet-Zacarias (cf. 2Mac 13,1-17)

²⁸Ao ouvir isto, o rei ficou furioso e reuniu todos os seus amigos, os comandantes do seu exército e da cavalaria. ²⁹Juntaram-se-lhe também tropas de mercenários de outros reinos e das ilhas do mar. ³⁰O contingente do seu exército era de cem mil soldados, vinte mil cavaleiros e trinta e dois elefantes adestrados para o combate^v. ³¹Foram pela Idumeia e acamparam junto a Bet-Sur. Travaram combate durante muitos dias e construíram máquinas, mas os sitiados^w saíam, incendiavam-nas e lutavam com valentia^x. ³²Então Judas levantou o cerco da cidadela^y e foi estabelecer acampamento em Bet-Zacarias, em frente ao acampamento do rei. ³³O rei levantou-se de manhã, muito cedo, e fez o exército marchar^z em grande velocidade ao longo do caminho de Bet-Zacarias. O exército tomou posição para o combate e tocaram as trombetas. ³⁴Para instigar os elefantes para o combate, mostraram-lhes sumo^{aa} de uva e de amoras. ³⁵Distribuíram os animais pelas falanges e colocaram, por cada elefante, mil homens encouraçados com cotas de malha e capacetes de bronze na cabeça. Além disso, para acompanhar^{ab} cada animal, destacaram quinhentos cavaleiros seleccionados, ³⁶que estariam onde o animal estivesse e iriam para onde ele fosse, sem nunca se

^p Ou seja, em 164 a.C.

^q Lit.: *não farás*.

^r Lit.: *caminhar nas coisas ditas por ele*.

^s Lit.: *sentaram-se à volta sobre ela*.

^t Lit.: as heranças.

^u Lit.: *todas as fronteiras deles*.

^v Cf. 2Mac 13,2.

^w Os *sitiados* é acrescento da tradução.

^x Cf. 2Mac 13,18s.

^y Lit.: *levantou a partir da cidadela*.

^z Lit.: *levantou*.

^{aa} Lit.: *sangue*.

^{ab} *Acompanhar* é acrescento da tradução.

afastarem dele. ³⁷Sobre cada um dos animais amarraram, com mecanismos especiais, uma torre de madeira, sólida e toda coberta, com quatro guerreiros^a que combatiam a partir dela, para além do condutor^b indiano. ³⁸O rei^c dispôs o resto da cavalaria de um lado e do outro, nos dois flancos do exército, para incitar e proteger as falanges. ³⁹Quando o sol começou a brilhar nos escudos de ouro e de bronze, as montanhas refletiam aquele brilho^d e iluminavam como tochas de fogo. ⁴⁰Uma parte do exército do rei foi disposta no alto das montanhas e outra na planície; e avançavam com precaução e ordenadamente. ⁴¹Todos os que ouviam o barulho daquela multidão, a sua marcha^e e o som do bater das armas, ficavam perturbados. Era, de facto, um exército muito grande e poderoso. ⁴²Judas, no entanto, avançou com o seu exército para a linha de combate, e caíram mortos seiscentos homens do exército do rei. ⁴³Eleázar, o Avaran^f, viu um dos elefantes^g encouraçado com as insígnias^h reais, que sobressaía entre todos os outros animais, e supôs que sobre ele estaria o rei. ⁴⁴Decidiu, então, sacrificar-seⁱ para salvar o seu povo e conseguir para si mesmo um nome imortal. ⁴⁵Correu corajosamente para o elefante^j, pelo meio das falanges, matando à direita e à esquerda e fazendo com que os inimigos^k se afastassem^l dele para um lado e para o outro. ⁴⁶Deslizou até debaixo do elefante, tomou posição e matou-o. O animal^m, porém, caiu por terra, em cima de Eleazarⁿ, e ele morreu ali mesmo. ⁴⁷Então, ao verem o poderio daquele reino e a impetuosidade dos seus exércitos, os judeus^o retrocederam^p.

Cerco dos sírios ao monte Sião (cf. 2Mac 11,22-26; 13,18-26)

⁴⁸Os soldados^q do exército do rei subiram, então, a Jerusalém para enfrentarem os judeus^r, e o rei acampou com a intenção de investir contra a Judeia e contra o monte Sião. ⁴⁹O rei fizera a paz com os habitantes^s de Bet-Sur, que saíram da cidade por já não terem víveres para continuarem ali confinados, pois era ano sabático para

^a Lit.: *e sobre cada um quatro homens de poder.*

^b Condutor é acrescento da tradução.

^c O rei é acrescento da tradução.

^d Lit.: *a partir deles.*

^e Lit.: *a marcha da multidão.*

^f Irmão de Judas, apenas mencionado aqui e em 2,5.

^g Lit.: *animais.*

^h Lit.: *courças.*

ⁱ Lit.: *E deu a si próprio.*

^j Lit.: *ele.*

^k Inimigos é acrescento da tradução.

^l Lit.: *dividissem.*

^m O animal é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *dele.*

^o Judeus é acrescento da tradução.

^p O grego acrescenta *deles.*

^q Soldados é acrescento da tradução.

^r Lit.: *eles.*

^s O rei é acrescento da tradução, tal como *habitantes.*

a terra^t. ⁵⁰O rei apoderou-se, assim, de Bet-Sur e destacou uma guarnição para a guardar. ⁵¹Acampou, então, diante do santuário durante muitos dias, e instalou ali máquinas de arremesso, máquinas de assédio, catapultas para lançar fogo e pedras, e escorpiões^u para disparar flechas, e ainda muitas^v fundas. ⁵²Por sua vez, os judeus^w também construíram máquinas contra as máquinas dos inimigos^x e combateram durante muitos dias. ⁵³Mas já não havia mantimentos nos depósitos, por ser o sétimo ano, e os refugiados, que tinham chegado à Judeia para se salvarem dos pagãos, tinham consumido o que restava da reserva. ⁵⁴A fome acabou por vencê-los, pelo que deixaram no santuário uns poucos homens e dispersaram-se, cada um para seu lado.

⁵⁵Entretanto, Lísias soube que Filipe, a quem o rei Antíoco nomeara, em vida, para educar o seu filho Antíoco para reinar, ⁵⁶regressara da Pérsia e da Média, com o exército que tinha partido com o rei, e que pretendia tomar o poder^y. ⁵⁷Então, Lísias apressou-se e deu ordem para partir, dizendo ao rei, aos oficiais do exército e aos seus homens: «Definhamos de dia para dia, os alimentos são insuficientes para nós, o lugar que sitiamos está bem fortificado, e os assuntos do reino reclamam-nos^z. ⁵⁸Estendamos, pois, a mão direita^{aa} a estes homens e façamos a paz com eles e com toda a sua nação; ⁵⁹deixemo-los viver segundo as suas leis^{ab}, como o faziam antes, pois foi por causa dessas leis, que nós abolimos, que eles ficaram irados e fizeram tudo isto»^{ac}. ⁶⁰Esta proposta agradou ao rei e aos comandantes. Assim, enviou-lhes mensageiros^{ad} para fazer a paz, e eles aceitaram. ⁶¹Perante o juramento que o rei e os comandantes lhes fizeram^{ae}, os sitiados^{af} saíram da fortaleza. ⁶²Mas quando o rei entrou no monte Sião e viu a fortaleza daquele lugar, violou o juramento que fizera^{ag} e ordenou a destruição da muralha circundante. ⁶³Depois partiu a toda a pressa e regressou a Antioquia, onde encontrou Filipe, que se tinha assenhorado da cidade; travou combate contra ele e tomou a cidade pela força.

^t O conceito de *ano sabático* (lit.: *sábado*) está relacionado com a agricultura; de acordo com Lv 25, os judeus deviam fazer uma pausa de um ano no trabalho dos campos a cada sete anos. Cf. 2Mac 13,22; Ex 23,11; Lv 25,3-7.

^u O *escorpião* era uma espécie de balestra.

^v *Muitas* é acrescento da tradução.

^w *Judeus* é acrescento da tradução.

^x Lit.: *deles*.

^y Lit.: *as coisas dos assuntos*.

^z Cf. 2Mac 13,23.

^{aa} Lit.: *dêmos direitas*. *Dar a (mão) direita* a alguém, ou sentar(-se) à direita, eram gestos que, no mundo antigo, marcavam o início de um pacto de amizade ou uma aliança. Com o gesto, ambas as partes ficavam comprometidas numa relação de reciprocidade (cf. Flávio Josefo, *Ant. Jud.* 18,9,3). Este costume é também partilhado pela tradição bíblica (cf. 1Rs 2,19; Sl 45,10; 2Mac 11,26; 12,11; 13,22; Gl 2,9).

^{ab} Lit.: *estabelecamos para eles caminhar com as leis deles*.

^{ac} Cf. 2Mac 13,24-26.

^{ad} *Mensageiros* é acrescento da tradução.

^{ae} Lit.: *e o rei jurou-lhes e os seus comandantes*.

^{af} *Sitiados* é acrescento da tradução.

^{ag} Lit.: *rejeitou o juramento que jurara*.

7 O rei Demétrio I (cf. 2Mac 14,1-4)

¹No ano cento e cinquenta e um^a, Demétrio, filho de^b Seleuco, saiu de Roma e fez-se ao mar^c com poucos homens para uma cidade marítima^d, onde se proclamou rei^e. ²Quando^f ele entrou no palácio real dos seus pais^g, o exército prendeu Antíoco e Lísias para lhes entregar. ³Ao ser informado do acontecimento, disse: «Nem quero ver^h as suas caras». ⁴Então o exército executou-os, e Demétrio sentou-se no trono realⁱ.

⁵Foram ter com ele todos os homens iníquos e ímpios de Israel, liderados por Alcimo^j, que queria ser sumo sacerdote, ⁶e acusaram o povo ao rei, dizendo: «Judas e os seus irmãos mataram todos os teus amigos e expulsaram-nos da nossa terra^k. ⁷Por isso, manda agora um homem, em quem tenhas confiança, para que vá ver toda a destruição que ele nos infligiu, a nós e à província do rei, e que os castigue, a eles e a todos aqueles que os apoiam^l».

Báquides e Alcimo na Judeia

⁸O rei escolheu Báquides^m, um dos «amigos do rei»ⁿ, que governava a região do^o outro lado do rio^p, homem importante^q no reino e fiel ao rei. ⁹Enviou-o com o ímpio Alcimo, a quem atribuiu o sumo sacerdócio, e ordenou-lhe que se vingasse^r dos filhos de Israel. ¹⁰Eles partiram com um grande exército e chegaram à terra de

^a Ou seja, no ano 161 a.C.

^b Lit.: *o de*. Demétrio I, nascido por volta de 186 a.C., descendia de Seleuco IV e era, por laços familiares, sobrinho de Antíoco IV. Com o falecimento de Seleuco em 175 a.C., Antíoco apropriou-se do poder. Demétrio, que permanecia exilado em Roma, conseguiu evadir-se da cidade imperial e apresentou-se como legítimo pretendente ao trono selêucida. O relato detalhado destes acontecimentos encontra-se documentado nos escritos do historiador Políbio (31,12-15).

^c Lit.: *subiu/embarcou*.

^d Trípolis, segundo 2Mac 14,1 e Josefo (*Ant. Jud.* 12.389).

^e Lit.: *reinou*.

^f O grego antepõe: *e aconteceu [que]*.

^g Ou seja, o palácio real dos seus antepassados, tendo em conta a herança legítima de Demétrio como descendente de Seleuco I.

^h Lit.: *não me mostreis*.

ⁱ Lit.: *do seu reino* (hebraísmo).

^j Há três versões contraditórias sobre o estatuto de Alcimo como sumo sacerdote: 2Mac 14,3 afirma que ele tinha sido sumo sacerdote anteriormente (após Menelau) e queria recuperar o cargo; Josefo (*Ant. Jud.* 12.385, 387) diz que Alcimo era o sumo sacerdote em exercício, nomeado após a execução de Menelau; 1Mac apresenta Alcimo apenas como aspirante ao sumo sacerdócio, sem mencionar qualquer passado no cargo – silêncio coerente com a omissão sistemática do livro sobre todos os sumos sacerdotes pré-asmoneus.

^k Cf. 2Mac 14,3.

^l Cf. 2Mac 14,6.

^m Personagem apenas conhecida nos livros dos Macabeus e em Flávio Josefo.

ⁿ Para a expressão, cf. 2,18 nota.

^o Lit.: *era senhor no*.

^p Ou seja, a parte ocidental do Império Selêucida, que ia do Eufrates ao Egito, confiada por Antíoco Epífanes a Lísias (cf. 3,32).

^q Lit.: *grande*.

^r Lit.: *fizesse a vingança*.

Judá. Báquides^s enviou mensageiros a Judas e aos seus irmãos, com falsas propostas de paz^t. ¹¹Mas estes não fizeram caso das suas palavras, pois viram que tinham vindo com um grande exército. ¹²Contudo, um grupo de escribas reuniu-se com Alcimo e Báquides, a fim de procurar uma solução justa^u. ¹³Os hassídeus^v foram os primeiros entre os filhos de Israel a procurar fazer a paz com eles, ¹⁴pois diziam: «É um sacerdote^w da descendência de Aarão que chegou com o exército: ele não será injusto connosco». ¹⁵Báquides dirigiu-lhes palavras de paz e jurou-lhes, dizendo: «Não vos faremos mal, nem a vós^x nem aos vossos amigos». ¹⁶Acreditaram nele, mas ele prendeu sessenta dos seus homens e mandou-os matar num só dia, de acordo com a palavra da Escritura^y: ¹⁷«Espalharam a carne e o sangue dos teus santos ao redor de Jerusalém, e não houve ninguém que os sepultasse»^z. ¹⁸O medo e o temor que eles suscitavam^{aa} abateram-se sobre todo o povo, porque diziam: «Não há entre eles nem verdade nem justiça, pois violaram o pacto e o juramento que fizeram^{ab}». ¹⁹Báquides partiu, então, de Jerusalém e acampou em Bet-Zait. Mandou prender muitos homens que tinham estado com ele e que tinham desertado^{ac}, assim como alguns do povo, e matou-os, lançando-os no poço grande^{ad}. ²⁰Confiou a região a Alcimo, deixou com ele um exército para o auxiliar e regressou^{ae} para junto do rei. ²¹Entretanto, Alcimo teve de lutar para defender o seu cargo de sumo sacerdote^{af}. ²²Juntaram-se-lhe todos os que perturbavam o povo^{ag} e apoderaram-se da terra de Judá, causando grandes danos a Israel. ²³Quando Judas viu todo o mal que Alcimo e os seus cúmplices^{ah} infligiam aos filhos de Israel, ainda pior que aquele que os

^s *Báquides* é acrescento da tradução.

^t Lit.: *palavras pacíficas com engano*.

^u Lit.: *as coisas justas*.

^v Sobre os *hassídeus*, cf. 2,42 nota.

^w Lit.: *homem sacerdote*.

^x Lit.: *não procuraremos mal para vós*.

^y Lit.: *a qual escreveu*.

^z Cf. Sl 79,2s.

^{aa} Lit.: *deles*.

^{ab} Lit.: *que juraram*.

^{ac} Poderiam tratar-se de apóstatas, semelhantes aos referidos anteriormente e que Judas Macabeu viria a castigar conforme relatado no v.24; por outro lado, poderiam ser os indivíduos bem-intencionados mas ingênuos na sua piedade, à semelhança das figuras descritas nos vv.12-14.

^{ad} *Lançando-os* é acrescento da tradução. Referência clara ao texto de Jr 41,7. Nessa passagem bíblica, Ismael, filho de Natania, após assassinar traiçoeiramente Godolias, acolheu oitenta peregrinos que traziam oferendas para o templo, para depois os trucidar e atirar os cadáveres numa cisterna. Esta narrativa constitui uma réplica do acontecimento previamente relatado nos vv.11-16, sublinhando assim a total ausência de lealdade de Báquides e das forças que representava. O facto de terem sido atirados para uma cisterna, privando-os de sepultura digna (v.17), agravava consideravelmente a natureza abominável do crime cometido.

^{ae} O grego acrescenta: *Báquides*.

^{af} Lit.: *lutou acerca do sumo sacerdócio*.

^{ag} O grego acrescenta *deles*.

^{ah} Lit.: *os com ele*.

pagãos tinham feito^a, ²⁴foi por toda a Judeia, até às suas fronteiras, para se vingar dos homens que tinham desertado e impedi-los de circularem pela região.

Nicanor na Judeia (cf. 2Mac 14,12-36)

²⁵Quando Alcimo viu que Judas e os seus companheiros^b eram mais fortes e percebeu que não conseguiria enfrentá-los, regressou para junto do rei e acusou-os dos piores delitos^c. ²⁶O rei enviou, então, Nicanor, um dos seus comandantes mais ilustres, que odiava e era um inimigo declarado^d de Israel, ordenando-lhe que exterminasse o povo. ²⁷Nicanor foi para Jerusalém com um grande exército e enviou a Judas e aos seus irmãos falsas propostas de paz^e, dizendo-lhes: ²⁸«Que não haja combate entre mim e vós. Irei, com poucos homens, para um encontro pacífico^f». ²⁹Com efeito, ele foi ter com Judas e saudaram-se amistosamente, mas os inimigos estavam preparados para raptar Judas. ³⁰Quando Judas se apercebeu de que Nicanor^g tinha vindo ter com ele com falsidades, ficou receoso e não quis vê-lo mais^h. ³¹Nicanor apercebeu-se de que o seu plano tinha sido descoberto e saiu ao encontro de Judas para o combater perto de Cafarsalamaⁱ. ³²Caíram mortos cinco mil homens do exército de Nicanor^j, e os restantes^k fugiram para a cidade de David.

Ameaça de Nicanor ao templo

³³Depois destes acontecimentos, Nicanor subiu ao monte Sião. Alguns sacerdotes e anciãos do povo saíram do santuário para o saudar amistosamente e mostrar-lhe o sacrifício de holocausto que era oferecido em favor do rei. ³⁴Mas ele ridicularizou-os e riu-se deles; cuspiu-lhes^l, falou-lhes com arrogância ³⁵e, cheio de cólera, jurou, dizendo: «Se Judas e o seu exército não forem entregues agora mesmo nas minhas mãos, quando regressar vitorioso^m deitarei fogo a este edifício». E saiu, cheio de cólera. ³⁶Os sacerdotes entraram, puseram-se entre o altar e o santuário, começaram a chorar e disseramⁿ: ³⁷«Tu escolheste esta casa para que nela seja invocado o teu nome, para que seja uma casa de oração e de súplica para o teu povo. ³⁸Executa a

^a Lit.: *mais que os pagãos*.

^b Lit.: *e os com ele*.

^c Lit.: *de coisas más*.

^d *Declarado* é acrescento da tradução.

^e Lit.: *palavras pacíficas com engano*. Cf. 2Mac 14,28-30.

^f Lit.: *para ver os vossos rostos com paz*.

^g *Nicanor* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *ver o rosto dele*.

ⁱ Provavelmente perto de Gibeon, cerca de 11 km a norte de Jerusalém.

^j Lit.: *dos junto de Nicanor*.

^k *Os restantes* é acrescento da tradução.

^l Lit.: *manchou-os*.

^m Lit.: *em paz*.

ⁿ Cf. 2Mac 15; Is 56,6-8.

tua vingança contra este homem e contra o seu exército: que caiam mortos ao fio da espada. Recorda-te das suas blasfêmias e não os deixes sobreviver^o».

Derrota e morte de Nicanor (cf. 2Mac 15,1-36)

³⁹Nicanor saiu de Jerusalém e acampou em Bet-Horon^p, onde se lhe juntou o exército da Síria. ⁴⁰Judas acampou em Adasa^q com três mil homens^r e rezou, dizendo: ⁴¹«Quando os enviados do rei^s blasfemaram, o teu anjo veio e feriu cento e oitenta e cinco mil dos seus homens^t; ⁴²aniquila também hoje este exército, diante de nós, para que os restantes reconheçam que ele insultou^u o teu santuário! Julga-o de acordo com a sua perversidade!».

⁴³Os exércitos travaram combate no dia treze do mês de Adar^v. O exército de Nicanor foi destroçado, e ele foi o primeiro a cair morto no combate. ⁴⁴Assim que o seu exército viu que Nicanor tinha caído morto, largaram as armas e fugiram. ⁴⁵Os judeus^x perseguiram-nos durante um dia inteiro^y, desde Adasa até chegar a Guézer^z, e enquanto iam atrás deles, tocavam as trombetas para dar o alarme^{aa}. ⁴⁶De todas as povoações da Judeia em redor saíram grupos^{ab} para os cercar, de modo que eles acabaram por embater uns nos outros^{ac}. Caíram todos mortos ao fio da espada; nenhum deles sobreviveu. ⁴⁷Recolheram os despojos e o saque e cortaram a cabeça de Nicanor e a sua mão direita, que ele tinha levantado com tanta arrogância; levaram-nas e exibiram-nas diante de Jerusalém^{ad}. ⁴⁸O povo sentiu uma grande alegria, e celebraram aquele dia como um dia de grande alegria. ⁴⁹Estabeleceram, então, celebrar em cada ano este dia treze do mês de Adar^{ae}. ⁵⁰E a terra de Judá teve tranquilidade durante algum tempo^{af}.

^o Lit.: *não lhes dês morada*.

^p Cf. 3,16 nota.

^q Provavelmente algures nas colinas a norte de Jerusalém e a sul de Ramalá.

^r Cf. 2Mac 15,7-19.

^s Lit.: *os de junto do rei*.

^t Cf. 2Rs 19,35.

^u Lit.: *falou de modo mau sobre*.

^v Ou seja, por volta de fevereiro/março de 160 a.C. (cf. 2Mac 15,25-27).

^x *Judeus* é acresceto da tradução.

^y Lit.: *caminho de um dia*, distância normalmente estimada em c. 32 km.

^z Cf. 4,15 nota.

^{aa} Lit.: *dos sinais*.

^{ab} *Grupos* é acresceto da tradução.

^{ac} Lit.: *e voltavam uns para os outros*.

^{ad} Cf. 2Mac 15,31,35.

^{ae} Cf. 2Mac 15,36. Este dia festivo ficou conhecido como o *Dia de Nicanor*; considerando que as conquistas militares dos asmoneus perderam o seu significado após o desmoronamento do seu domínio político, esta celebração acabou por ser gradualmente esquecida e abandonada pelas gerações posteriores.

^{af} Lit.: *poucos dias*.

8 Elogio aos romanos

¹Judas ouviu falar da fama^a dos romanos: que eram muito poderosos^b, que se mostravam benevolentes para com todos os que se aliavam a eles, e que estabeleciam amizade com todos aqueles que iam ter com eles, porque, de facto, eram muito poderosos. ²Descreveram-lhe os seus combates, as suas proezas entre os gálatas, como os subjugaram e lhes impuseram tributo, ³bem como tudo o que tinham feito na região da Hispânia, para se apoderarem das minas de prata e de ouro que ali havia, ⁴como tinham subjugado todo aquele território com a sua sagacidade e paciência, apesar de ser um território que ficava muito distante deles. Descreveram-lhe ainda^c como foram subjugando os reis que tinham vindo atacá-los desde os confins da terra, até os terem destruído: infligiram-lhes grandes derrotas^d e aos outros impuseram-lhes um tributo anual. ⁵Destruíram em combate e subjugaram Filipe e Perseu, reis da Macedónia^e, assim como outros que se tinham levantado contra eles. ⁶Também Antíoco^f, o grande rei da Ásia, que fora atacá-los com^g cento e vinte elefantes, com cavalaria, carros e um grande exército, foi destruído por eles: ⁷capturaram-no vivo, e impuseram-lhes, a ele e aos que viessem a reinar depois dele, o pagamento de^h um grande tributo, assim como a entrega de reféns e a cedência ⁸de algumas das suas melhores províncias: a província da Índia, da Média e da Lídia; tiraram-lhas e deram-nas ao rei Eumenesⁱ. ⁹Também os gregos^j fizeram planos de investir sobre eles para os exterminar, ¹⁰mas os romanos tiveram conhecimento disto^k e enviaram para os enfrentar um único comandante militar^l; travaram combate com eles, e muitos deles caíram mortos. Levaram cativos as suas mulheres e os seus filhos, pilharam-nos, subjugaram o território, destruíram as suas fortalezas e reduziram-nos à escravidão até ao dia de hoje. ¹¹Quanto aos restantes reinos e ilhas, destruíram e submeteram à escravidão todos aqueles que alguma vez se levantaram contra eles, mas conservaram a amizade com os seus amigos e com os que neles procuravam apoio. ¹²Submeteram os reis que estavam perto e os que estavam longe, e todos os que ouviam o seu nome

^a Lit.: *ouviu o nome*.

^b Lit.: *poderosos em força*, assim como no final do v.

^c *Descreveram-lhe ainda* é acrescento da tradução, assim como *foram subjugando*.

^d Lit.: *golpearam neles uma grande ferida*.

^e Lit.: *Kitim* (cf. 1,1 nota). Estes dois monarcas, pai e filho, sofreram derrotas militares às mãos dos romanos em conflitos sucessivos. Filipe V foi vencido durante a Segunda Guerra Macedónica, nos primeiros anos da década de 190 a.C., enquanto o seu sucessor, Perseu, enfrentou derrota semelhante na Terceira Guerra Macedónica aproximadamente três décadas depois, nos primeiros anos da década de 160 a.C.

^f Antíoco III (223-187 a.C.), derrotado por Cipião Asiático em 189 a.C. «Ásia» refere-se aqui ao reino selêucida.

^g Lit.: *que fora sobre eles para combate, tendo*.

^h *O pagamento de* é acrescento da tradução.

ⁱ Eumenes II, rei de Pérgamo, que reinou entre 197-159 a.C.

^j Referência à Liga Aqueia, que se revoltou contra os romanos, cuja resistência culminou na destruição de Corinto em 146 a.C., evento a que provavelmente o v.10 faz referência.

^k Lit.: *e a palavra foi conhecida por eles*.

^l Ou seja, Lúcio Múmio Acaico, o cônsul responsável pela destruição de Corinto.

temiam-nos.¹³ Aqueles a quem querem ajudar a tornar-se reis acabam por reinar, e depõem aqueles que eles querem, tão grande é o poder que alcançaram^m.¹⁴ Apesar de tudo isto, nenhum deles usou coroa, nem se revestiu de púrpura para se engrandecer com ela.¹⁵ Constituíram para si um senadoⁿ, onde, todos os dias, trezentos e vinte conselheiros deliberam sobre tudo que diz respeito ao povo^o, para o governar bem.¹⁶ Em cada ano, confiam a sua liderança e o domínio sobre todo o seu território a um único homem^p; todos lhe obedecem^q e não há inveja nem ciúme entre eles.

Aliança dos judeus com Roma

¹⁷Judas escolheu Eupólemo^r, filho de João, filho^s de Hacós, e Jasão, filho de Eleázar, e enviou-os a Roma para estabelecer amizade e uma aliança¹⁸ que os libertasse do jugo dos gregos^s, pois viram que o reino dos gregos estava a submeter Israel à escravidão.¹⁹ Partiram, pois, para Roma, e depois de um longo caminho, entraram no senado, tomaram a palavra e disseram:²⁰ «Judas, também chamado Macabeu^u, os seus irmãos e todo o povo dos judeus enviaram-nos a vós para estabelecer convosco uma aliança e a paz, para sermos inscritos entre os vossos aliados e amigos».

²¹A proposta agradou-lhes.²² E esta é a cópia da carta^v que escreveram em tábuas de bronze e que enviaram para Jerusalém, para ali ficar junto dos judeus^w como memorial da paz e da aliança:²³ «Prosperidade^x aos romanos e à nação dos judeus, no mar e em terra, para sempre! Que a espada e o inimigo se mantenham longe dos dois^y.²⁴ Mas se for declarada guerra, a Roma, antes de mais, ou a qualquer um dos seus aliados em todos os seus domínios,²⁵ a nação dos judeus combaterá de todo o coração a seu lado, conforme as circunstâncias exigiam^z.²⁶ Não darão nem ajudarão os inimigos

^m Lit.: *e foram exaltados muito*.

ⁿ Lit.: *conselho*, tal como no v.19.

^o Lit.: *multidão*, tal como no v.20. O número de senadores aduzido é bastante aproximado: eram, de facto, trezentos os senadores nos tempos da República, até Sula.

^p Na realidade, eram dois os cônsules nomeados para cada ano. Este tipo de imprecisão, juntamente com outras (como referir que o senado se reunia diariamente, quando ele apenas o fazia quando os magistrados o convocavam) revela até que ponto o autor de Mac desconhecia as instituições romanas.

^q Lit.: *ouvem este um*.

^r Antíoco III (223-187 a.C.) tinha concedido privilégios a Eupólemo (cf. 2Mac 4,11), que pertencia à linhagem sacerdotal de Hacós (cf. 1Cr 24,10; Esd 2,61). Quanto a Jasão, o facto de ser um nome bastante comum, torna muito difícil a sua identificação.

^s *Filho* é acrescido da tradução.

^t Lit.: *deles*.

^u Lit.: *o também Macabeu*.

^v Era prática corrente entre os romanos gravar em placas de bronze os tratados e acordos estabelecidos entre diferentes estados (cf. 14,18.26.48). Este método servia não apenas para tornar públicos tais documentos e assegurar a sua durabilidade ao longo do tempo, mas também para lhes atribuir um carácter inviolável e sacrossanto (cf. Flávio Josefo, *Ant. Jud.* 14.188).

^w Lit.: *junto deles*.

^x Lit.: *que aconteça bem*.

^y Lit.: *deles*.

^z Lit.: *como quer que o tempo lhes prescreva*, tal como no v.28.

gos^a com trigo, armas, dinheiro ou barcos, tal como Roma estipulou^b. Observarão estas ordens^c, sem esperar nada em troca. ²⁷Do mesmo modo, se sobrevier primeiro à nação dos judeus uma guerra, os romanos combaterão, com todo o ânimo, a seu lado conforme as circunstâncias exigiam. ²⁸E aos inimigos não será dado nem trigo, nem armas, nem dinheiro, nem barcos, tal como Roma estipulou. Observarão estas ordens sem qualquer falsidade. ²⁹Foi nestes termos que os romanos estabeleceram uma aliança^d com o povo judeu. ³⁰Se, depois deste acordo, uns ou outros quiserem acrescentar ou tirar algo, poderão fazê-lo por iniciativa de uma das partes^e, e o que for acrescentado ou tirado será vinculativo. ³¹Quanto ao mal que o rei Demétrio lhes fez, já lhe escrevemos, dizendo: “Porque impuseste um jugo tão pesado sobre os judeus, nossos amigos e aliados? ³²Se eles se nos queixarem outra vez de ti, far-lhes-emos justiça e combater-te-emos por mar e por terra”».

9 Regresso de Báquides e morte de Judas Macabeu

¹Quando Demétrio soube que Nicanor e o seu exército tinham caído mortos em combate, resolveu enviar, pela segunda vez, Báquides e Alcimo à terra de Judá e, com eles, a ala direita do exército^f. ²Seguiram pelo caminho de Guilgal e acamparam em frente de Messalot, na Arbela; conquistaram-na e mataram muita gente^g. ³No primeiro mês do ano cento e cinquenta e dois^h acamparam em frente de Jerusalém, ⁴mas acabaram por partir e ir para Bereiaⁱ com vinte mil homens e dois mil cavaleiros. ⁵Judas estava acampado em Elássá, com três mil homens escolhidos. ⁶Estes, ao verem aquele exército enorme^k, ficaram cheios de medo, e muitos fugiram do acampamento, não tendo ficado mais do que oitocentos homens. ⁷Ao ver que o seu exército se tinha desfeito e que o combate estava iminente^l, Judas ficou de coração destruído,

^a Lit.: *os combatentes*, tal como no v.28.

^b Lit.: *pensou*, tal como no v.28.

^c Lit.: *observarão estas observações*, tal como no v.28.

^d Lit.: *segundo estas palavras assim os romanos estabeleceram*.

^e Lit.: *fá-lo-ão de fação deles*.

^f *Do exército é acrescento da tradução*.

^g Lit.: *muitas almas de homens*. O v. apresenta alguns problemas topográficos: Guilgal situa-se perto de Jericó, Messalot é desconhecido, e Arbela fica a norte de Tiberíades - ordem inversa para um exército vindo do norte; todas as soluções propostas (que incluem, por ex., emendar «Guilgal» para «Galileia», com Flávio Josefo, *Ant. Jud.* 12.421) levantam várias dificuldades filológicas, históricas ou literárias, deixando a questão sem uma resolução definitiva.

^h Ou seja, no ano 160 a.C.

ⁱ A leitura *Bereth* (*Berea* na grafia grega) identifica o local com **Al-Bireh**, perto de Ramalá, 15 km a norte de Jerusalém; uma leitura alternativa **será Beerzath**, preservada em alguns mss. e refletida em Josefo (*Ant. Jud.* 12.422), e permite a identificação com **Birzeit** nas colinas de Gofna (8 km a norte de Ramalá), o que implicaria localizar Elássá muito mais a sul; a questão permanece em debate.

^j Localidade provavelmente próxima de Bereia; a sua localização depende, pois, da interpretação textual do v.4 (cf. nota). Flávio Josefo, no seu relato desta batalha, não menciona este topónimo (cf. *Ant. Jud.* 12.422–430).

^k Lit.: *e viram a multidão do exército porque são muitos*.

^l Lit.: *e o combate apertava-o*.

porque já não tinha tempo para os reunir. ⁸Embora consternado, disse aos que ficaram: «Levantemo-nos e subamos, avançando contra os nossos inimigos; pode ser que lhes consigamos dar combate!». ⁹Mas eles tentavam dissuadi-lo, dizendo: «Jamais conseguiremos! Mas se salvarmos agora as nossas vidas, voltaremos depois com os nossos irmãos e travaremos combate contra eles. Agora^m somos poucos». ¹⁰Judas respondeu-lhes: «Longe de mim fazer tal coisaⁿ, fugir deles! Se a nossa hora chegou, então morramos com valentia pelos nossos irmãos, sem deixar mancha na nossa honra».

¹¹O exército inimigo^o saiu do acampamento e tomou posição para os atacar: a cavalaria dividiu-se em duas partes, os atiradores de fundas e os arqueiros marchavam à frente do exército, com os mais aguerridos na primeira fila; Báquides estava na ala direita. ¹²A falange aproximou-se pelos dois lados, ao toque das trombetas. Os soldados de^p Judas também tocaram as trombetas. ¹³A terra estremeceu com o barulho dos exércitos. Desencadeou-se o combate, que durou desde manhã até ao entardecer. ¹⁴Quando Judas viu que Báquides se encontrava à direita com o núcleo mais forte do seu exército, juntaram-se-lhe todos os mais destemidos^q, ¹⁵e destroçaram a ala direita, e Judas^r perseguiu-os até ao monte de Asdod^s. ¹⁶Mas, quando os que estavam na ala esquerda viram que a ala direita tinha sido destroçada, foram no encalço de Judas e dos seus companheiros^t. ¹⁷O combate foi feroz e foram muitos os que caíram feridos, de ambos os lados. ¹⁸O próprio Judas caiu morto, e os outros fugiram. ¹⁹Jónatas e Simão recolheram o seu irmão Judas e sepultaram-no no túmulo dos seus pais, em Modín^u. ²⁰Todo o Israel o chorou e elevou grandes lamentos, guardando luto durante muitos dias e dizendo: ²¹«Como pôde cair morto este valente, aquele que salvava Israel?»^v.

²²As restantes ações de Judas, os combates, as proezas que realizou e os seus títulos de glória não foram postos por escrito, por o seu número ser demasiado grande^w.

III— JÓNATAS SUCESSOR DE JUDAS MACABEU (9,23-12,53)

²³Depois^x da morte de Judas, reapareceram os ímpios por todo o território de Israel, e ressurgiram todos os que praticavam a injustiça. ²⁴Naqueles dias, houve uma

^m *Agora* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *não aconteça fazer esta coisa*.

^o *Inimigo* é acrescento da tradução.

^p Lit.: *os de junto de*.

^q Lit.: *os destemidos no coração*.

^r *Judas* é acrescento da tradução.

^s Cf. 4,15 nota.

^t Lit.: *e voltaram conforme pés de Judas e dos com ele atrás*.

^u Cf. 2,1 nota.

^v Eco do lamento de David por Saul, o primeiro rei de Israel (cf. 2Sm 1,19.25)

^w Lit.: *pois eram muito muitas coisas*.

^x O grego antepõe e *aconteceu [que]*.

grande fome, e a região passou para o lado dos inimigos^a. ²⁵Por sua vez, Báquides escolheu homens ímpios e constituiu-os senhores da região. ²⁶Estes começaram a procurar o rasto^b dos amigos de Judas, e levavam-nos a Báquides, que se vingava deles e os sujeitava ao ridículo. ²⁷Foi grande a tribulação que sobreveio a Israel, como nunca acontecera desde o dia em que desapareceram os seus profetas^c. ²⁸Então, reuniram-se todos os amigos de Judas e disseram a Jónatas: ²⁹«Desde que o teu irmão Judas morreu, não apareceu ninguém como ele que lidere a luta contra os inimigos^d, contra Báquides e os que odeiam a nossa nação. ³⁰Por isso, escolhemos-te, hoje, para seres o nosso chefe, no seu lugar, e o comandante nos nossos combates^e».

Jónatas e os nabateus

³¹Foi nesta altura que Jónatas aceitou o comando e tomou o lugar do seu irmão Judas. ³²Báquides teve conhecimento disso e procurava matá-lo. ³³Mas, quando o souberam, Jónatas, o seu irmão Simão e todos os seus companheiros^f fugiram para o deserto de Técua^g, onde acamparam junto às águas da cisterna de Asfar. ³⁴Báquides teve conhecimento disto em dia de sábado e foi ele mesmo com todo o seu exército para a outra margem do Jordão. ³⁵Então Jónatas^h enviou o seu irmão Joãoⁱ, que comandava a tropa, a pedir aos seus amigos nabateus para deixar com eles os seus equipamentos, que eram muitos. ³⁶Mas, os filhos de Jambri, que eram de Madabá^j, saíram, apoderaram-se de João e de tudo o que ele tinha, e foram-se embora com tudo^k.

³⁷Depois destes acontecimentos, deram a Jónatas e ao seu irmão Simão a seguinte notícia: «Os filhos de Jambri vão celebrar um grande casamento, e trazem a noiva, filha de um dos grandes dignatários de Canaã, com grande pompa, de Nadabat». ³⁸Eles recordaram-se, então, do fim sangrento^l do seu irmão João e subiram para se esconderem numa saliência da montanha. ³⁹Levantaram os olhos e viram uma grande caravana, no meio de uma grande algazarra^m; o noivo saiu ao seu encon-

^a Lit.: *deles*.

^b Lit.: *procurar e investigar*.

^c Lit.: *não foi visto profeta por eles*. A expressão refere-se provavelmente à época dos últimos profetas canónicos (Ageu, Zacarias, Malaquias) nas primeiras gerações após o regresso da Babilónia; a ideia deste livro de que a era profética terminara surge também em 4,46 e 14,41.

^d Lit.: *para sair e ir para os inimigos*.

^e Lit.: *para combater o nosso combate*.

^f Lit.: *os com ele*.

^g Técua situava-se cerca de 13 km a sul de Jerusalém; o *deserto de Técua* é também mencionado em 2Cr 20,20. Os autores localizam-no na fronteira entre a Judeia e a Idumeia (cf. Flávio Josefo, *Bell. Jud.* 4,518).

^h *Então Jónatas* é acrescento da tradução.

ⁱ *Jónatas e João* são acrescentos da tradução.

^j Madabá localizar-se-ia em Moab; trata-se aparentemente de uma tribo rival, que pode ser identificada com a tribo Amrat, conhecida de inscrições.

^k Lit.: *e partiram tendo*.

^l Lit.: *do sangue*.

^m Lit.: *e viram e eis barulho e muita bagagem*.

tro com os seus amigos e irmãos, com tamborins, instrumentos musicais e muitas armas. ⁴⁰Jónatas e os seus companheirosⁿ levantaram-se, então, da sua emboscada, lançaram-se sobre eles^o e mataram-nos. Foram muitos os que caíram feridos, e os restantes fugiram para a montanha, enquanto eles se apoderavam de todos os seus despojos. ⁴¹Deste modo, o casamento transformou-se em luto, e o som da música^p em lamentações^q. ⁴²Vingaram assim o sangue^r do seu irmão e regressaram às zonas pantanosas do Jordão.

Fortificações de Báquides

⁴³Báquides teve conhecimento disto^s e chegou, em dia de sábado, à margem do Jordão com um grande exército. ⁴⁴Jónatas disse aos companheiros^t: «Levantemo-nos e combatamos pelas nossas vidas, pois hoje não é um dia igual aos outros^u. ⁴⁵Esperamos um combate^v à nossa frente e atrás de nós, e de ambos os lados temos a água do Jordão, para além da zona pantanosa e do bosque; não há por onde escapar. ⁴⁶Por isso, gritai agora ao Céu^w, para que possais ser salvos das mãos dos nossos inimigos». ⁴⁷De seguida, travou-se o combate, e Jónatas estendeu a mão para atingir Báquides, mas este desviou-se dele e foi para trás. ⁴⁸Então Jónatas e os seus companheiros^x atiraram-se ao Jordão e atravessaram a nado para a outra margem; os seus inimigos, porém, não atravessaram o Jordão no seu encalço^y. ⁴⁹Naquele dia, do lado de Báquides, caíram mortos cerca de mil homens. ⁵⁰Este regressou a Jerusalém e começou a edificar cidades fortificadas na Judeia: a fortaleza de Jericó, a de Emaús, a de Bet-Horon, a de Betel, a de Timna, a de Piraton e a de Tefon^z, com altas muralhas, portas e trancas. ⁵¹Colocou nelas uma guarnição para que hostilizasse Israel. ⁵²Fortificou igualmente as cidades de Bet-Sur^{aa} e Guézer^{ab} e a cidadela, instalando nelas tropas e depósitos de mantimentos. ⁵³Tomou como reféns os filhos dos líderes da região, e pô-los sob custódia na cidadela de Jerusalém.

ⁿ *Jónatas e os seus* é acrescento da tradução.

^o Lit.: *e levantaram-se sobre eles da emboscada*.

^p Lit.: *dos seus instrumentos/músicos*.

^q O episódio faz recordar Am 8,10, a que 1,39 já tinha aludido.

^r Lit.: *vingaram a vingança do sangue*.

^s Lit.: *ouviu*.

^t Lit.: *aos junto dele*.

^u Lit.: *como ontem e anteontem*, semitismo e uma expressão comum para exprimir um estado de coisas diferente do atual (Cf. Gn 31,2.5; Ex 5,7s; 1Sm 14,21).

^v Lit.: *eis que o combate*.

^w Sobre este circunlóquio para Deus, cf. 3,18 nota.

^x Lit.: *e os com ele*.

^y Lit.: *e não atravessaram o Jordão até eles*.

^z Cf. Js 19,50; Jz 12,13.15.

^{aa} Cf. 4,29 nota.

^{ab} Cf. 4,15 nota.

⁵⁴No segundo mês do ano cento e cinquenta e três^a, Alcimo ordenou a demolição da muralha do pátio interior do templo, destruindo a obra dos profetas^b. Mas, quando a começou a demolir, ⁵⁵foi, nessa mesma ocasião, atingido por uma apoplexia^c, e a sua obra foi interrompida: a sua boca ficou bloqueada e paralisada, de tal modo que já não conseguiu dizer uma palavra, nem deixar disposições em relação à sua casa. ⁵⁶Alcimo morreu, então^d, no meio de grandes tormentos. ⁵⁷Quando Báquides viu que Alcimo tinha morrido, regressou para junto do rei. E a terra de Judá teve tranquilidade durante dois anos.

Fim da guerra e derrota de Báquides

⁵⁸Todos os ímpios^e reuniram-se em conselho, dizendo: «Jónatas^f e os seus companheiros^g vivem tranquilos e confiantes. Por isso, façamos agora vir Báquides, e ele os prenderá a todos numa única noite». ⁵⁹Foram, então, reunir-se com ele. ⁶⁰Báquides pôs-se a caminho^h com um grande exército. Enviou cartas secretas a todos os seus aliados que estavam na Judeia para que prendessem Jónatas e os seus companheirosⁱ. Mas não conseguiram, porque o seu plano foi conhecido.

⁶¹Por sua vez, Jónatas e os seus companheiros^j prenderam cerca de cinquenta homens daquela região que tinham sido promotores de tal perversidade e mataram-nos. ⁶²A seguir, Jónatas, Simão e os seus companheiros^k retiraram-se para Bet-Basi^l, no deserto, reconstruíram o que tinha sido demolido e fortificaram-na. ⁶³Quando Báquides soube disto, reuniu todo o seu exército^m e mandou avisar os seus partidários da Judeiaⁿ. ⁶⁴Depois foi acampar em frente de Bet-Basi e travou combate contra ela durante muitos dias, para o que construiu máquinas de assédio^o. ⁶⁵Jónatas deixou na cidade o seu irmão Simão e saiu pela região, marchando com um pequeno número de homens^p, ⁶⁶com os quais derrotou, no seu acampamento, Odomera e os seus irmãos, bem como os filhos de Fasiron^q. Começaram assim a lutar e a

^a Ou seja, por volta de maio de 159 a.C.

^b Esta parece tratar-se de uma manifestação da crença amplamente partilhada segundo a qual a edificação do segundo templo ocorreu sob a orientação e vigilância dos profetas que marcaram o fim da era profética em Israel.

^c *Por uma apoplexia* é acrescento de tradução.

^d Lit.: *nesse tempo*.

^e Ou seja, os judeus helenizados e infieis à Lei.

^f O grego antepõe *eis* que.

^g Lit.: *os junto dele*.

^h Lit.: *e levantou para*. Báquides é acrescento da tradução.

ⁱ Lit.: *os com ele*.

^j *Jónatas e os seus companheiros* é acrescento da tradução.

^k Lit.: *os com ele*.

^l Localidade provavelmente situada perto de Técua e Belém.

^m Lit.: *toda a multidão dele*.

ⁿ Lit.: *os da Judeia*.

^o Lit.: *e fez máquinas*.

^p Lit.: *e foi em/com número*.

^q Nada se sabe sobre a identidade destas duas tribos citadas.

avançar em força.⁶⁷ Simão e os seus companheiros^t, por sua vez, saíram da cidade e incendiaram as máquinas de assédio.⁶⁸ Travaram combate contra Báquides, que foi destroçado por eles, submetendo-o assim a uma grande frustração, por o seu plano e o seu projeto terem sido inúteis.⁶⁹ Ficou cheio de cólera contra os ímpios^s que o tinham aconselhado a vir para a região e mandou matar muitos deles; depois decidiu partir para a sua terra.⁷⁰ Quando Jónatas soube disto, enviou-lhe embaixadores para acordar a paz com ele e para lhes devolverem os prisioneiros.⁷¹ Ele acedeu e agiu de acordo com a proposta de Jónatas^t. Jurou que não procuraria fazer-lhe mal, durante o resto^u da sua vida,⁷² e devolveu-lhe os prisioneiros que tinha anteriormente capturado na terra da Judeia. Depois partiu de regresso à sua terra e nunca mais quis voltar ao território dos judeus^v.⁷³ E assim descansou a espada em Israel. Jónatas foi habitar em Micmás^w, onde começou a governar o povo, e fez desaparecer os ímpios de Israel.

10 Alexandre Epífanes e Jónatas sumo sacerdote

¹No ano cento e sessenta, Alexandre Epífanes^x, filho de^y Antíoco, embarcou e tomou posse de Ptolemaida^z, onde foi bem acolhido e começou a reinar.² Quando o rei Demétrio soube disto^{aa}, reuniu um grande exército^{ab} e partiu ao seu encontro, para o combater.³ Enviou uma carta^{ac} a Jónatas com propostas de paz em que prometia engrandecê-lo^{ad},⁴ pois dizia a si mesmo^{ae}: «Antecipemo-nos a fazer a paz com eles, antes que ele a faça com Alexandre contra nós,⁵ pois, com certeza, recordar-se-á bem^{af} de todos os males que lhes infligimos, a ele, aos seus irmãos e à sua nação». ⁶E deu-lhe autorização para formar exércitos, fabricar armas e considerar-se^{ag} seu alia-

^t Lit.: *os com ele*.

^s Lit.: *e tornou-se com fúria contra os homens ímpios*, ou seja, os judeus helenizados.

^u Lit.: *ele acolheu e fez segundo a palavra*.

^u Lit.: *todos os dias*.

^v Lit.: *e não pôs vir de novo para as fronteiras deles*.

^w Micmás situava-se nas colinas c. 11 km a norte de Jerusalém; biblicamente, foi base para a construção do reino de Judá (cf. especialmente 1Sm 13-14), e a descrição de Jónatas aqui como quem «começou a governar o povo» ressoa bem nesses capítulos.

^x Ou seja, no ano 152 a.C. Alexandre (conhecido como Alexandre Balas) foi um impostor que se apresentou como filho de Antíoco IV e que foi apoiado, por conveniência política, por Roma, Atalo II de Pérgamo, Ariarates V da Capadócia, Ptolomeu VI do Egito e Roma. Alexandre é apresentado como filho de Antíoco IV, e não como irmão do rei anterior (Antíoco V), seguindo o princípio de 1Mac de que a legitimidade deriva da sucessão paternal, não fraternal. O mesmo padrão narrativo aplica-se em 15,1, onde Antíoco Sidetes é identificado como filho de Demétrio I, omitindo a relação de irmão com Demétrio II.

^y Lit.: *o de*.

^z Cf. 5,15 nota.

^{aa} Lit.: *ouveu*.

^{ab} Lit.: *forças muitas muito*.

^{ac} O grego acrescenta *Demétrio*.

^{ad} Lit.: *palavras pacíficas a fim de engrandecê-lo*.

^{ae} *A si mesmo* é acrescento da tradução.

^{af} *Bem* é acrescento da tradução.

^{ag} Lit.: *ser*.

do, além de ordenar^a que lhe fossem restituídos os reféns que estavam na cidadela. ⁷Jónatas foi, então, para Jerusalém e leu a carta diante^b de todo o povo e dos que estavam na cidadela. ⁸Quando ouviram que o rei lhe dera autorização para formar um exército, ficaram cheios de medo^c. ⁹Os que estavam na cidadela restituíram a Jónatas os reféns e ele entregou-os aos seus familiares.

¹⁰Jónatas estabeleceu residência em Jerusalém e começou a reconstruir e a renovar a cidade. ¹¹Disse aos que executavam os trabalhos que construísssem as muralhas também à volta do monte Sião com pedras quadrangulares, para o fortificar, e eles assim fizeram. ¹²Os estrangeiros que estavam nas fortalezas construídas por Báquides fugiram; ¹³abandonando os seus postos, partiu cada um para a sua terra. ¹⁴Apenas em Bet-Sur ficaram alguns dos que tinham abandonado a Lei e os mandamentos. De facto, era aqui o seu lugar de refúgio.

¹⁵Entretanto, o rei Alexandre tomou conhecimento das^d promessas que Demétrio enviara a Jónatas. Além disso, relataram-lhes os combates, as proezas que ele e os seus irmãos tinham realizado, e também os tormentos que padeceram. ¹⁶Disse o rei: «Encontraremos alguma vez um homem como ele? Façamo-lo imediatamente nosso amigo e aliado». ¹⁷Escreveu então uma carta e enviou-lha, com estas palavras^e: ¹⁸«O rei Alexandre, ao irmão Jónatas, saudações! ¹⁹Ouvimos dizer a teu respeito que és um homem poderoso e forte, e que estás disposto a ser nosso amigo. ²⁰Assim, constituí-mos-te hoje sumo sacerdote da tua nação e serás chamado “amigo do rei” – tinha-lhe enviado, de facto, uma clâmide de púrpura e uma coroa de ouro – «para que tenhas em consideração a nossa causa^g e preserves a nossa amizade para connosco». ²¹No sétimo mês do ano cento e sessenta^h, por ocasião da festa das Tendasi, Jónatas revestiu-se com as vestes sagradas. Entretanto, ia recrutando tropas e fabricando uma grande quantidade de armasⁱ.

Carta de Demétrio a Jónatas

²²Ao saber destes factos^k, Demétrio ficou muito desagradado e disse: ²³«Porque deixámos nós^l que Alexandre se nos antecipasse em ganhar a amizade dos judeus para

^a Lit.: *e disse*.

^b Lit.: *para os ouvidos*, semitismo.

^c Lit.: *amedrontaram-se com um grande medo*.

^d Lit.: *ouviu as*.

^e *O rei* é acrescento da tradução.

^f O grego acrescenta *dizendo*.

^g Lit.: *as nossas coisas*.

^h Ou seja, por volta de setembro/outubro do ano 152 a.C.

ⁱ Cf. Ex 28. A Festa das Tendasi (ou dos Tabernáculos) era celebrada durante oito dias no sétimo mês (cf. Lv 23,33-36), de acordo com o calendário selêucida.

^j Lit.: *preparando muitas armas*.

^k Lit.: *e ouviu estas palavras*.

^l Lit.: *Porque fizemos isto*.

o apoiarem^m? ²⁴Vou também eu escrever-lhes palavras persuasivas, com promessas de altos cargosⁿ e de dádivas, para que estejam a meu lado e me auxiliem^o».

²⁵Enviou-lhes, então, uma mensagem^p com estas palavras: «O rei Demétrio, à nação dos judeus, saudações! ²⁶Soubemos – e alegramo-nos com isso – que tendes observado os nossos acordos e que vos mantivestes fiéis à nossa amizade, não passando para o lado dos nossos inimigos. ²⁷Assim, continuai a guardar fidelidade para connosco e recompensar-vos-emos com benefícios por tudo o que fazeis por nós: ²⁸isentar-vos-emos de muitos impostos e conceder-vos-emos favores. ²⁹Assim, a partir de agora dispensar e isento todos os judeus dos tributos e da taxa do sal e das coroas^q. ³⁰Isento-vos, de hoje em diante, de um terço das sementes e da metade dos frutos das árvores, que me pertence tomar^r da terra de Judá e dos três distritos que lhe estão anexos, bem como da Samaria e da Galileia^s; e isto desde agora e para sempre. ³¹Que Jerusalém seja considerada^t sagrada e fique isenta, assim como os seus territórios, de dízimos e tributos. ³²Renuncio também ao poder sobre a cidadela de Jerusalém e entrego-a ao sumo sacerdote, para que ali coloque os homens que ele escolher para a guardar. ³³Concedo a liberdade a todo o judeu^u que tiver sido levado cativo do território de Judá para qualquer parte do meu reino, sem exigir resgate^v. Que todos fiquem isentos de tributo, mesmo sobre os seus rebanhos. ³⁴Todas as festas, os sábados, as festas da lua nova, os dias prescritos, bem como os três dias anteriores e posteriores à festa, sejam todos dias de imunidade tributária e de isenção para todos os judeus que houver no meu reino: ³⁵ninguém terá autorização para os demandar, nem para os importunar por motivo algum. ³⁶Sejam alistados nos exércitos do rei até trinta mil judeus^w, a quem se dará o soldo consignado a todas as tropas do rei. ³⁷Alguns deles serão colocados nas fortalezas importantes do rei, e, destes, alguns serão colocados em postos do reino que requerem confiança^x. Os seus chefes e os seus comandantes serão escolhidos^y de entre eles, e viverão segundo as suas leis, tal como o rei ordenou para a terra da Judá. ³⁸E que os três distritos

^m Lit.: *para apoio*.

ⁿ Lit.: *e de altura*.

^o Lit.: *sendo comigo para auxílio*.

^p Mensagem é acrescento da tradução.

^q O imposto do sal era um tributo comum no Império Seléucida, especialmente documentado na Babilónia; o imposto de coroa eram originalmente coroas de ouro oferecidas pelos súbditos como homenagem ao rei; com o tempo, os seléucidas transformaram estas oferendas voluntárias num imposto regular pago em metal precioso.

^r Cf. Lv 27,30.

^s Ou seja, os distritos conquistados por Judas, que Báquides já tinha incluído na Judeia (cf. 9,50), discriminados em 11,34.

^t Considerada é acrescento da tradução.

^u Lit.: *toda a alma de judeus*.

^v Lit.: *gratuitamente*.

^w Lit.: *dos judeus... trinta mil homens*.

^x Lit.: *dos que são para confiança/fidelidade*.

^y Escolhidos é acrescento da tradução.

da região da Samaria, que foram anexados à Judeia, continuem anexados à Judeia para que se considerem dependentes de uma só pessoa, não obedecendo a qualquer outra autoridade que não seja a do sumo sacerdote. ³⁹Concedo Ptolemaida^a e a região limítrofe como presente ao santuário de Jerusalém, para cobrir as despesas do santuário. ⁴⁰Eu próprio darei em cada ano quinze mil siclos de prata do erário do rei, provenientes das localidades mais capacitadas. ⁴¹E tudo o que ficou por pagar pelos funcionários nos anos anteriores^b, a partir de agora, será doado para as obras do templo^c. ⁴²Além disso, os cinco mil siclos de prata que, todos os anos, eram recolhidos dos ingressos no santuário ficarão lá por ser uma soma devida^d aos sacerdotes que exercem as funções litúrgicas. ⁴³Todos aqueles que fugirem para o templo de Jerusalém ou para as suas dependências, mesmo que devam algo ao rei^e ou por qualquer outro motivo, serão deixados livres, eles e tudo o que possuam^f no meu reino. ⁴⁴As despesas da reconstrução e do restauro^g do templo serão custeadas pelo erário do rei. ⁴⁵E também a reconstrução das muralhas de Jerusalém e das fortalezas circundantes serão custeadas pelo erário do rei, bem como a reconstrução das muralhas na Judeia».

Morte do rei Demétrio I

⁴⁶Quando Jónatas e o povo ouviram estas palavras não acreditaram nelas, nem as aceitaram, porque se recordavam do grande mal que Demétrio^h tinha feito em Israel e o quanto os tinha oprimido. ⁴⁷Por outro lado, estavam agradados com Alexandre, porque ele fora o primeiro a propor-lhes um tratado de paz, e tornaram-se seus aliados permanentesⁱ. ⁴⁸O rei Alexandre juntou um grande exército e pôs-se em campo^j contra Demétrio. ⁴⁹Os dois reis travaram combate, e o exército de Demétrio pôs-se em fuga. Alexandre perseguiu-o e levou a melhor sobre eles^k. ⁵⁰O combate foi-se intensificando até ao pôr do sol, e Demétrio caiu morto naquele dia.

^a Cf. 5,15 nota.

^b Lit.: *tudo o excedente que não deram pelos dos assuntos como nos primeiros anos*. O texto pressupõe que o tesouro real subsidiava o culto em Jerusalém, mas não há evidência de tais subsídios desde Antíoco III e Seleuco IV. Esta promessa de reembolso ou de não exigir a devolução de fundos excedentes seria, portanto, vazia, reforçando o tom satírico do documento — o rei «oferece» generosamente devolver dinheiro que nunca chegou a dar.

^c Lit.: *da casa*.

^d Lit.: *por pertecerem estas coisas*.

^e Lit.: *reino*.

^f Lit.: *e tudo quanto há para eles*.

^g Lit.: *o construir e o restaurar as obras*.

^h Demétrio é acrescento da tradução.

ⁱ Lit.: *o primeiro de palavras pacíficas e eram aliados para ele todos os dias*.

^j Lit.: *acampou*.

^k Alguns mss. apresentam uma leitura contrária: *e o exército de Alexandre pôs-se em fuga; Demétrio perseguiu-o*.

Aliança de Alexandre Epífanes com Ptolomeu VI e com Jónatas

⁵¹Alexandre enviou então embaixadores a Ptolomeu, rei do Egito^l, com estas palavras^m: ⁵²«Regressei ao meu reino e sentei-me no trono dos meus pais, retomei o poder, destrocei Demétrio e tornei-me senhor da nossa região; ⁵³travei combate com ele, e ele e o seu exército foram destroçados por nós, que nos sentámos no seu trono realⁿ. ⁵⁴Estabeleçamos, pois, agora entre nós um pacto de amizade^o: concede-me^p a tua filha por esposa; serei teu genro, e dar-te-ei, a ti e a ela, presentes dignos de ti». ⁵⁵O rei Ptolomeu respondeu, dizendo: «Ditoso o dia em que regressaste à terra dos teus pais e te sentaste no seu trono real^q. ⁵⁶Pois bem, farei contigo o que propuseste^r. Mas vem ter comigo a Ptolemaida para que nos vejamos e tornar-me-ei teu sogro, tal como disseste».

⁵⁷Ptolomeu partiu do Egito, ele e a sua filha Cleópatra^s, e foi para Ptolemaida. Era o ano cento e sessenta e dois^t. ⁵⁸O rei Alexandre foi ao seu encontro, e Ptolomeu^u entregou-lhe a sua filha Cleópatra, fazendo o casamento dela em Ptolemaida, com grande esplendor, como é costume entre os reis^v.

⁵⁹O rei Alexandre tinha também escrito a Jónatas para que fosse ao seu encontro. ⁶⁰Este dirigiu-se a Ptolemaida com grande^w pompa, e encontrou-se com os dois reis. Ofereceu-lhes, a eles e aos seus amigos, prata, ouro e muitos presentes, e ganhou a sua simpatia^x. ⁶¹Entretanto, uniram-se contra ele alguns homens perversos^y de Israel – gente iníqua^z – a fim de o acusar, mas o rei não lhes fez caso. ⁶²Em vez disso, o rei ordenou que tirassem a Jónatas as suas vestes e o vestissem de púrpura^{aa}; e assim fizeram. ⁶³O rei sentou-o com ele e disse aos seus dignitários: «Saí com ele pelo meio da cidade e proclamai que ninguém, sob nenhum pretexto, apresentará contra ele qualquer acusação, e que ninguém o importunará seja por que assunto for». ⁶⁴Quando^{ab} os seus acusadores o viram assim cheio de honras^{ac}, tal como tinha

^l Trata-se de Ptolomeu VI Filometor (185-145 a.C.). A falha em esclarecer qual Ptolomeu tinha em mente é habitual neste autor, e revela uma vez mais um certo provincianismo.

^m O grego acrescenta *dizendo*.

ⁿ Lit.: *do seu reino*; trata-se de um semitismo, tal como no v.55.

^o Lit.: *uma amizade*.

^p O grego acrescenta *agora*.

^q Lit.: *sobre o trono do seu reino* (hebraísmo).

^r Lit.: *escreveste*.

^s Trata-se de Cleópatra Teia (c. 164–121 a.C.), figura selêucida de grande importância histórica: filha de Ptolomeu VI Filometor, foi irmã de dois reis e esposa de três, tendo dado à luz outros quatro reis.

^t Ou seja, o ano 150 a.C.

^u *Ptolomeu* é acrescento da tradução.

^v Lit.: *como os reis*.

^w *Grande* é acrescento da tradução.

^x Lit.: *encontrou graça diante deles*.

^y Lit.: *pestilentos*.

^z Lit.: *homens iníquos*.

^{aa} Vestes honoríficas, usadas pelos «amigos do rei».

^{ab} O grego antepõe: *E aconteceu [que]*.

^{ac} Lit.: *viram a glória dele*.

sido proclamado, e vestido de púrpura, fugiram todos. ⁶⁵O rei honrou-o ainda mais: inscreveu-o entre os seus principais amigos, e nomeou-o comandante militar e governador da província. ⁶⁶E Jónatas regressou a Jerusalém em paz e alegria.

Vitória de Jónatas sobre Apolónio

⁶⁷No ano cento e sessenta e cinco^a, Demétrio, filho de Demétrio^b, foi de Creta para a terra dos seus pais. ⁶⁸Quando o rei Alexandre soube disso^c, ficou muito desagradado e regressou para Antioquia. ⁶⁹Demétrio nomeou seu comandante^d Apolónio, que era governante da Cele-Síria^e, o qual reuniu um grande exército e foi acampar em Jâmnia^f, de onde enviou ao sumo sacerdote Jónatas uma mensagem^g, que dizia: ⁷⁰«Tu és o único que se rebelou contra nós; por tua causa tornei-me objeto de irrisão e de zombaria. Por que razão usas o teu poder contra nós nas montanhas? ⁷¹Se tens assim tanta confiança no teu exército, desce agora a ter connosco na planície, e meçamo-nos ali um ao outro, pois o exército das cidades está comigo. ⁷²Pergunta e fica a saber quem sou eu e os outros que nos prestam auxílio. Dir-vos-ão: “Não podereis fazer-lhes frente”^h porque já por duas vezes os teus pais foram postos em fuga da sua própria terraⁱ”. ⁷³Por isso, agora não poderás resistir à cavalaria nem a um tal exército na planície, onde não há pedras, nem rochedos^j, nem lugar para fugir».

⁷⁴Quando Jónatas ouviu as palavras de Apolónio, ficou irritado^k; escolheu dez mil homens e saiu de Jerusalém. O seu irmão Simão foi ao seu encontro para o auxiliar. ⁷⁵Acampou frente a Jope^l, mas os habitantes^m da cidade tinham-na fechado, porque havia em Jope uma guarnição de Apolónio. Travaram então combate contra ela, ⁷⁶e os habitantes da cidade, atemorizados, abriram as portasⁿ. Jónatas tornou-se, assim, senhor de Jope.

^a Ou seja, no ano 147 a.C.

^b Demétrio II (que reinou entre 147-139 e 129-125 a.C.).

^c Lit.: *ouviu*.

^d *Seu comandante* é acrescento da tradução.

^e Lit.: *constituiu Apolónio, o que está/para estar sobre Cele-Síria*: Cele-Síria é o termo oficial selêucida para designar a região da Síria-Palestina que esteve sob domínio ptolemaico no século III a.C. e que passou para controlo selêucida após a vitória de Antíoco III.

^f Cf. 4,15 nota.

^g *Uma mensagem* é acrescento da tradução.

^h Lit.: *não há para vós firmeza de pé segundo rosto deles*.

ⁱ Apolónio argumenta *a fortiori*: se os antepassados de Jónatas foram derrotados até no seu próprio território, certamente Jónatas o será agora. A cabal identificação destas derrotas referidas é incerta: embora *teus pais* sugira uma derrota acontecida em gerações antigas (cf. possivelmente 1Sm 4,10), é improvável que um general sírio conhecesse tais eventos bíblicos. Mais plausível é a referência a derrotas recentes dos asmoneus (cf. caps. 6 e 9).

^j Ou seja, nenhum obstáculo a carros de guerra.

^k Lit.: *abalado no pensamento*.

^l Jope (ou Jafa) é uma cidade portuária adjacente à atual Tel Aviv, cerca de 24 km a norte de Jâmnia. Segundo Diodoro (1.31.2), não havia nenhum porto importante entre Jope e Alexandria, o que explica a importância estratégica que os asmoneus atribuíam à sua anexação.

^m *Habitantes* é acrescento da tradução, tal como no v. seguinte.

ⁿ *As portas* é acrescento da tradução.

⁷⁷ Assim que Apolônio soube disto^o, pôs em campo três mil cavaleiros e um grande exército e marchou em direção a Asdod^p, como se a fosse atravessar. Mas avançou imediatamente^q para a planície, por ter uma cavalaria numerosa, na qual tinha confiança. ⁷⁸ Jónatas^r foi no seu encalço até Asdod, onde os exércitos travaram combate. ⁷⁹ Entretanto, Apolônio tinha deixado mil cavaleiros escondidos na sua retaguarda. ⁸⁰ Mas Jónatas apercebeu-se de que havia uma emboscada na retaguarda, e apesar de os cavaleiros do inimigo^s terem cercado o seu exército e lançado flechas sobre as tropas^t, desde manhã até ao pôr do sol, ⁸¹ as tropas mantiveram-se firmes, tal como ordenara Jónatas, e os cavalos do inimigo^u acabaram por ficar cansados. ⁸² Simão fez, então, avançar o seu exército e atacou a falange. Como a cavalaria estava exausta, foram destroçados por ele e fugiram. ⁸³ A cavalaria dispersou-se pela planície: fugiram para Asdod e entraram à procura de salvação em Bet-Dagon^v, no templo do seu ídolo. ⁸⁴ Jónatas incendiou Asdod e as cidades em redor, e apoderou-se dos seus despojos; incendiou também o templo de Dagon com todos os que nele se refugiaram. ⁸⁵ Os que caíram mortos^w pela espada e pelo fogo^x foram cerca de oito mil homens. ⁸⁶ Jónatas partiu dali e acampou em Ascalon^y, cujos habitantes saíram ao seu encontro com grandes honras. ⁸⁷ Depois, Jónatas e os seus companheiros^z regressaram a Jerusalém, carregados de^{aa} despojos. ⁸⁸ Quando o rei Alexandre soube destas coisas^{ab}, decidiu enaltecer ainda mais^{ac} Jónatas: ⁸⁹ mandou-lhe uma fivela de ouro, como era costume dar aos parentes dos reis, e concedeu-lhe a propriedade de Ecron^{ad} e de todas os seus territórios^{ae}.

11 Invasão da Síria por Ptolomeu e traição a Alexandre

¹ O rei do Egito reuniu um exército tão numeroso como a areia da praia do mar e uma grande frota. Ele pretendia apoderar-se, à traição, do reino de Alexandre para

^o Lit.: *ouviu*.

^p Cf. 4,15 nota.

^q Lit.: *ao mesmo tempo*.

^r *Jónatas* é acrescento da tradução.

^s *Cavaleiros do inimigo* é acrescento da tradução.

^t Lit.: *o povo*, tal como no v. seguinte.

^u *Do inimigo* é acrescento da tradução.

^v Ou seja, *Casa de Dagon*, templo consagrado a uma divindade filisteia (cf. 1Sm 5,2-5).

^w Lit.: *e aconteceu que os caídos*.

^x Lit.: *[juntamente] com os queimados*.

^y Ascalon ou Ascalão é uma cidade localizada cerca de 50 km a sul de Tel Aviv e 13 km a norte da fronteira com a Faixa de Gaza. Era uma das principais cidades filisteias da Antiguidade, que manteve a sua independência durante o período asmoneu.

^z Lit.: *os junto dele*.

^{aa} Lit.: *tendo muitos*.

^{ab} Lit.: *e aconteceu [que] quando ouviu Alexandre, o rei, estas palavras*.

^{ac} Lit.: *ainda glorificar*.

^{ad} Localizada perto da fronteira com a Judeia, trata-se de outra cidade da Filisteia, a meio caminho entre Jerusalém e Asdod.

^{ae} Lit.: *fronteiras*.

o anexar ao seu^a. ²Partiu, pois, para a Síria, com propostas de paz^b, e os habitantes das cidades abriam-lhe as portas^c e iam ao seu encontro, porque essa tinha sido a ordem do rei Alexandre – de ir ao seu encontro – por se tratar do seu sogro. ³Mas logo que entrava nas cidades, Ptolomeu tratava de estabelecer em cada uma delas^d as suas tropas como guarnição. ⁴Quando se aproximava de Asdod, mostraram-lhe o templo de Dagon destruído pelo fogo, Asdod e os seus arredores devastados, os cadáveres espalhados, assim como os corpos^e carbonizados daqueles a quem Jónatas tinha queimado aquando do combate^f, pois eles tinham-nos amontoado no caminho por onde o rei ia passar^g. ⁵Contaram ao rei as coisas que Jónatas fizera, com o fim de o criticar; mas o rei manteve-se em silêncio. ⁶Entretanto, Jónatas foi ao encontro do rei em Jope, com grande pompa. Saudaram-se um ao outro e pernoitaram ali. ⁷Depois, Jónatas acompanhou o rei até ao rio chamado Eleutero^h e regressou a Jerusalém.

⁸O rei Ptolomeu continuou a tornar-se senhor das cidades da costa até à Selêucida marítimaⁱ, enquanto ia cogitando os seus planos maléficos em relação a Alexandre. ⁹Enviou embaixadores ao rei Demétrio, dizendo: «Vem e façamos uma aliança entre nós. Dar-te-ei a minha filha, a mulher de Alexandre^j, e reinarás sobre o reino do teu pai. ¹⁰Estou arrependido de lhe ter dado a minha filha, pois procurei matar-me». ¹¹Fazia-lhe tal acusação por cobiçar o reino de Alexandre^k. ¹²Tirando-lhe, pois, a filha, deu-a a Demétrio, rompeu relações com Alexandre e a inimizade entre eles tornou-se patente. ¹³Ptolomeu entrou em Antioquia e cingiu a coroa da Ásia; cingiu assim a sua cabeça com duas coroas: a do Egito e a da Ásia.

¹⁴Por essa altura, o rei Alexandre encontrava-se na Cilícia^l, pois os habitantes^m daqueles lugares tinham-se revoltado. ¹⁵Quando Alexandre soube do sucedidoⁿ, foi contra ele para o combater. Mas Ptolomeu saiu ao seu encontro com um poderoso exército^o e pô-lo em fuga. ¹⁶Alexandre fugiu para a Arábia, para ali se refugiar, enquanto o rei Ptolomeu saiu enaltecido^p. ¹⁷O árabe Zabdiel cortou a cabeça de Alexandre e mandou-a a Ptolomeu. ¹⁸Mas três dias depois o rei Ptolomeu morreu,

^a O grego acrescenta *reino*.

^b Lit.: *palavras pacíficas*.

^c Lit.: *e os das cidades abriam-lhe*.

^d Lit.: *cada cidade*.

^e *Corpos* é acrescento da tradução.

^f Lit.: *carbonizados que queimou no combate que fez*.

^g Lit.: *pois fizeram montes deles no caminho dele*.

^h Trata-se do rio Nahr el-Kebir, frequentemente considerado a fronteira norte da Cele-Síria e o limite sul da Síria propriamente dita. Atualmente marca a fronteira norte do Líbano.

ⁱ Ou seja, o porto de Antioquia.

^j Lit.: *a que Alexandre tem*.

^k Lit.: *dele*.

^l Cilícia era uma região localizada no sudeste da Ásia Menor (na atual Turquia), que no período dos Macabeus fazia parte do Império Selêucida.

^m *Habitantes* é acrescento da tradução.

ⁿ Lit.: *e Alexandre ouviu*.

^o Lit.: *com mão forte*.

^p Lit.: *foi exaltado*.

e as guarnições que pusera^q nas suas fortalezas foram aniquiladas pelos que nelas habitavam^r. ¹⁹Demétrio começou assim a reinar no ano cento e sessenta e sete^s.

Diplomacia e prestígio de Jónatas

²⁰Naqueles dias, Jónatas reuniu os da Judeia para atacar a cidadela de Jerusalém e construiu muitas máquinas de assédio para a conquistar^t. ²¹Então, alguns homens iníquos, que odiavam a sua nação, foram ter com o rei Demétrio^u para o informar de que Jónatas sitiara a cidadela. ²²Ao ouvir isto, ficou furioso. E, imediatamente depois de o ouvir, pôs-se em marcha e foi para Ptolemaida^v. Escreveu então a Jónatas para que levantasse o cerco e fosse encontrar-se com ele a Ptolemaida, para conversar, o mais depressa possível. ²³Mas quando Jónatas ouviu isto, ordenou que o cerco continuasse. Escolheu alguns dos anciãos de Israel e dos sacerdotes e expôs-se pessoalmente ao risco de uma tal embaixada^w. ²⁴Tomando prata, ouro, vestes e muitos outros presentes, foi ter com o rei a Ptolemaida, e ganhou a sua simpatia. ²⁵Alguns ímpios da nação continuavam a falar contra ele, ²⁶mas o rei tratou-o como o tinham feito os seus predecessores e enalteceu-o diante de todos os seus amigos; ²⁷confirmou-o no sumo sacerdócio e em todas as outras dignidades que já tinha, e fez com que fosse considerado um dos seus principais amigos. ²⁸Jónatas pediu ao rei que declarasse a Judeia isenta do pagamento de tributos, assim como os três distritos^x e a Samaria, e prometeu-lhe, em contrapartida, trezentos talentos. ²⁹O rei ficou agradado e escreveu a Jónatas uma carta sobre tudo isto, com o seguinte teor: ³⁰«O rei Demétrio, ao irmão Jónatas e à nação dos judeus, saudações! ³¹Para vosso conhecimento, remetemos cópia da carta que, sobre vós, escrevemos ao nosso parente Lástenes^y: ³²«O rei Demétrio a Lástenes, seu pai^z, saudações! ³³Achámos por bem agradecer a nação dos judeus, nossos amigos e que se têm conservado retos na sua relação connosco, tendo em conta a boa vontade que têm mostrado para conosco. ³⁴Nós lhes confirmamos a posse do território^{aa} da Judeia e dos três distritos de Aferema, Lod e Ramataim, destacados da Samaria e anexados à Judeia, assim como o que lhe é contíguo, em favor de todos os que oferecem sacrifícios em Jerusalém,

^q Lit.: *e os que estavam*.

^r Lit.: *pelos [que estavam] nas fortalezas*.

^s Ou seja, no ano 145 a.C.

^t Lit.: *contra ela*.

^u Demétrio é acrescento da tradução.

^v Cf. 5,15 nota.

^w Lit.: *ao perigo*.

^x Os três distintos elencados em 11,34.

^y Líder de Creta que forneceu numerosos mercenários a Demétrio II (Josefo, *Ant. Jud.* 13.86). Será provavelmente o mesmo homem que Demétrio nomearia governador do reino após derrotar Alexandre Balas (Diodoro 33.4.1). Dada a juventude de Demétrio, Lástenes deve ter exercido uma considerável influência sobre o rei, controlando efetivamente o jovem monarca durante os seus primeiros anos de reinado.

^z Termo afetuosos, tal como *irmão* no v.30, que não implica qualquer laço de sangue.

^{aa} Lit.: *as fronteiras*.

em compensação pelos impostos que anteriormente o rei^a deles recebia anualmente pelos produtos da terra e pelos frutos das árvores.³⁵ Também todas as outras coisas que nos são devidas – os dízimos, as taxas que nos são devidas, as salinas e as coroas que nos são devidas^b – a partir de agora, nós lhes concedemos isenção^c em tudo isso.³⁶ Não será derogada nem uma sequer destas disposições, nem agora nem nunca^d.³⁷ Cuidai, pois, de fazer uma cópia deste decreto^e e que seja entregue a Jónatas, para ser colocado no monte santo, em lugar relevante».

A intriga de Trífon e o auxílio de Jónatas a Demétrio II

³⁸O rei Demétrio, ao ver que a terra estava tranquila sob o seu domínio^f e que nada lhe oferecia resistência, deixou ir embora todas as suas tropas, mandando^g cada um para sua casa, exceto as tropas estrangeiras que tinha recrutado como mercenárias nas ilhas dos pagãos. Isto fez com que todas as tropas que já vinham dos seus pais o comesçassem a odiar.³⁹ Ao ver que todas as tropas o murmuravam contra Demétrio, Trífon^h, que desde o princípio tinha feito parte dos partidários deⁱ Alexandre, foi ter com Imalcué, o árabe que educava Antíoco, o jovem filho de Alexandre,⁴⁰ e pediu-lhe insistentemente que lho entregasse, para o fazer reinar no lugar de seu pai. Contou-lhe tudo o que Demétrio tinha feito e a hostilidade que as suas tropas mantinham contra ele. E permaneceu ali muitos dias.

⁴¹Entretanto, Jónatas enviou mensagem^j ao rei Demétrio para que expulsasse de Jerusalém os que ocupavam a cidadela de Jerusalém e as outras fortalezas^k, pois continuavam a travar combates contra Israel.⁴² Demétrio enviou resposta^l a Jónatas, dizendo: «Não só farei isso por ti e pela tua nação, como te cumularei de honras^m, a ti e ao teu povo, assim que encontre oportunidade.⁴³ Por agora, farás bem se me enviares homens que combatam comigo, porque todas as minhas tropas me abandonaram». ⁴⁴Jónatas enviou-lhe para Antioquia três mil valentes guerreirosⁿ, que foram ter com o rei. O rei ficou muito contente com a vinda deles,⁴⁵ mas cerca de

^a Lit.: *do pertencente ao rei*.

^b Cf. 10,29 nota.

^c Lit.: *ajudamos*.

^d Lit.: *desde o agora e para o tempo todo*.

^e *Decreto* é acréscimo da tradução.

^f Lit.: *diante dele*.

^g *Mandando* é acréscimo da tradução.

^h Também conhecido como Diodoto, foi um antigo colaborador próximo de Alexandre Balas (Estrabão 16.2.10), o que explica o seu acesso ao jovem filho de Alexandre mencionado adiante. Desempenhou um papel secundário nas lutas dinásticas selêucidas até à sua queda em 138/137 a.C.

ⁱ Lit.: *era dos de junto de*.

^j *Mensagem* é acréscimo da tradução.

^k Lit.: *e os nas fortalezas*.

^l *Resposta* é acréscimo da tradução.

^m Lit.: *glorificarei com glória*.

ⁿ Lit.: *homens poderosos*.

cento e vinte mil habitantes^o juntaram-se no centro da cidade e queriam matar o rei. ⁴⁶O rei fugiu para o palácio, enquanto os habitantes da cidade ocuparam as ruas da cidade e começaram a combater. ⁴⁷O rei chamou, então, os judeus em seu auxílio. Todos eles se congregaram à sua volta e, de seguida, dispersaram-se pela cidade; mataram, naquele dia, cerca de cem mil. ⁴⁸Incendiaram a cidade, apoderaram-se, naquele mesmo dia, de muitos despojos e salvaram o rei. ⁴⁹Quando os habitantes da cidade viram que os judeus tinham a cidade à sua mercê^p, perderam o ânimo^q e começaram a gritar com súplicas ao rei, dizendo: ⁵⁰«Estende-nos a tua mão direita^r e que os judeus deixem de combater contra nós e contra a cidade».

⁵¹Eles depuseram as armas e fizeram a paz. Os judeus foram cumulados de honras diante do rei e diante de todos os que viviam^s no seu reino, e regressaram a Jerusalém com muitos despojos.

⁵²O rei Demétrio sentou-se no trono real^t, e a terra viveu tranquila sob o seu domínio^u. ⁵³Contudo, não cumpriu nada daquilo que tinha dito e tornou-se um estranho para Jónatas: em vez de retribuir os favores que este lhe tinha prestado, causou-lhe grandes tribulações^v.

Tomada do poder de Demétrio II por Trífon

⁵⁴Depois destes acontecimentos, Trífon regressou com Antíoco, que era um rapaz ainda muito jovem^w; este foi proclamado rei e passou a cingir a coroa. ⁵⁵Juntaram-se a ele todas as tropas que Demétrio tinha mandado embora, as quais travaram combate contra este, que acabou por fugir e ser derrotado. ⁵⁶Trífon, por sua vez, capturou os seus elefantes^x e apoderou-se de Antioquia.

⁵⁷O jovem Antíoco escreveu então a Jónatas, dizendo: «Confirmo-te no sumo sacerdócio, coloco-te à frente dos quatro distritos^y e continuarás a fazer parte dos “amigos do rei”». ⁵⁸Enviou-lhe taças de ouro e um serviço de mesa, deu-lhe autorização para beber em taças de ouro^z, de se vestir de púrpura^{aa} e de usar a fivela de

^o *Habitantes* é acrescento da tradução, tal como nos vv.46.49.

^p Lit.: *dominavam a cidade como desejavam*.

^q Lit.: *enfraqueceram nas suas mentes*.

^r Lit.: *Dá-nos direitas*; sobre a expressão, cf. 6,58 nota.

^s *Que viviam* é acrescento da tradução.

^t Lit.: *do seu reino*; trata-se de um semitismo.

^u Lit.: *diante dele*.

^v Lit.: *oprimiu-o muito*.

^w Trata-se de Antíoco VI, que reinou c. 145 a 142 a.C.

^x Lit.: *feras*.

^y Três deles são os referidos em 11,34; o quarto é desconhecido.

^z *Beber em taças de ouro* estava reservado ao rei e a quem este concedesse este privilégio.

^{aa} Lit.: *e estar em púrpura*.

ouro^a. ⁵⁹Além disso, nomeou o seu irmão Simão comandante militar desde a Escada de Tiro^b até à fronteira com o Egito.

Campanhas de Jónatas e de Simão

⁶⁰Jónatas partiu então e percorreu o outro lado do rio^c e as suas cidades. Todo o exército da Síria juntou-se a ele como aliado. Chegou a Ascalon e os habitantes^d da cidade saíram ao seu encontro para lhe prestar honras^e. ⁶¹Dali partiu para Gaza, mas os habitantes de Gaza fecharam-lhe as portas^f. Ele sitiou a cidade^g e incendiou os seus arredores, depois de os ter saqueado. ⁶²Então, os habitantes de Gaza imploraram a Jónatas, e este estendeu-lhes a mão direita^h, mas tomou os filhos dos seus chefes como reféns e enviou-os para Jerusalém. A seguir, atravessou a região até Damasco. ⁶³Jónatas ouviu dizerⁱ que os comandantes de Demétrio tinham chegado a Quedes^j, na Galileia, com um grande exército, com a intenção de o depor do cargo. ⁶⁴Foi ao encontro deles, mas deixou o seu irmão Simão na região. ⁶⁵Simão acampou em frente de Bet-Sur^k, travou combate contra ela durante muitos dias e sitiou-a. ⁶⁶Por fim, os habitantes imploraram-lhe que lhes estendesse a mão direita^l e ele concedeu-lho, mas fê-los sair dali, ocupou a cidade e colocou nela uma guarnição.

⁶⁷Jónatas e o seu exército acamparam perto do Lago de Genesaré^m e de manhã, muito cedo, foram em direção à planície de Haçor. ⁶⁸O exércitoⁿ estrangeiro veio, então, ao seu encontro, na planície, depois de lhe ter preparado uma emboscada nos montes. Eles atacaram de frente, ⁶⁹e os que estavam na emboscada levantaram-se dos seus lugares e travaram combate. ⁷⁰Os que estavam com Jónatas fugiram todos; nem

^a Antíoco renova os privilégios que lhe tinham sido concedidos por seu pai (cf. 10,89).

^b Trata-se de Rosh HaNiqla, uma passagem íngreme numa saliência rochosa entre Aco (Ptolemaida) e Tiro, por vezes considerada a fronteira norte da Palestina.

^c Expressão ambígua. Pode referir-se à região da mencionada em 7,8 (cf. nota), o que explicaria a reunião de todo o exército da Síria. Josefo (*Ant. Jud.* 13.148) interpreta assim, mencionando «Síria e Fenícia». Alternativamente, pode referir-se simplesmente ao rio Jordão: Simão ficaria responsável pela planície costeira da Palestina, enquanto Jónatas atuaria no interior e na Transjordânia, chegando eventualmente a Damasco (v.62).

^d *Habitantes* é acrescento da tradução, tal como nos vv.61.62.

^e Lit.: *e os da cidade encontraram-no gloriosamente*.

^f *Portas* é acrescento da tradução.

^g Lit.: *sitiou-a*.

^h Lit.: *deu-lhes direitas*; sobre a expressão, cf. 6,58 nota.

ⁱ *Dizer* é acrescento de tradução.

^j Cidade designada outras vezes na Bíblia (Js 20,7; 21,32), localizada c. de 13 km a norte de Haçor (v.67); ambas mencionadas lado a lado em Js 15,23 e 2Rs 15,29. Alguns autores sugerem que esta narrativa seja anacrônica (talvez emprestada da história de Tiro), pois os anos 140 seriam demasiado cedo para uma conquista asmoneia tão a norte. Contudo, o texto não especifica uma conquista, mas apenas uma vitória passageira.

^k Cf. 4,29 nota.

^l Lit.: *para tomar direitas*.

^m Lit.: *água de Genesaré*. Trata-se do Mar da Galileia (em hebraico *Kinneret*): A sua extremidade norte fica c. 16 km a sul de Haçor.

ⁿ O grego antepõe: *e eis que*.

sequer um deles ficou, a não ser Matatias, filho de^o Absalão, e Judas, filho de Calfi, comandantes do contingente do exército^p. ⁷¹Jónatas rasgou as suas vestes, pôs terra sobre a cabeça e pôs-se a rezar. ⁷²Depois, regressou ao combate contra eles, desbaratou-os, e eles puseram-se em fuga. ⁷³Os seus homens^q que tinham fugido viram isto e regressaram para junto dele e, juntamente com ele, perseguiram-nos até Quedes, até ao acampamento deles, e acamparam ali. ⁷⁴Naquele dia, caíram mortos cerca de três mil estrangeiros. Jónatas regressou, então, a Jerusalém.

12 **Embaixada e aliança com Roma e Esparta**

¹Vendo Jónatas que a ocasião lhe era favorável^r, escolheu alguns homens, enviou-os a Roma para confirmar e renovar a amizade com os romanos^s. ²Enviou também cartas aos espartanos e a outros lugares com o mesmo propósito^t. ³Quando chegaram a Roma, entraram no senado^u e disseram: «O sumo sacerdote Jónatas e a nação dos judeus enviaram-nos para que renoveis a amizade com eles e a aliança, tal como no passado». ⁴Eles entregaram-lhes então cartas dirigidas às autoridades de cada região^v, a fim de lhes possibilitar regressar sãos e salvos^w para a terra de Judá.

⁵Quanto à carta que Jónatas escreveu aos espartanos, aqui está a cópia: ⁶«O sumo sacerdote Jónatas, o conselho dos anciãos da nação, os sacerdotes e o restante povo dos judeus, aos irmãos espartanos, saudações! ⁷Já em tempos, Areu, que reinava entre vós, tinha enviado uma carta ao sumo sacerdote Onias^x, em que dizia^y que sois nossos irmãos, tal como comprova a cópia anexa^z. ⁸Onias acolheu com honras o homem que tinha sido enviado e recebeu a carta, na qual se explicava a aliança e a amizade. ⁹Embora nós não sintamos necessidade destas coisas, por termos como nossa consolação os livros sagrados^{aa} que estão nas nossas mãos, ¹⁰procurámos enviar-vos

^o Lit.: *o de*, assim como na outra ocorrência do v.

^p Cf. 2Mac 11,17.

^q Lit.: *os junto de*.

^r Lit.: *o tempo trabalha com ele*.

^s Lit.: *eles*.

^t Lit.: *segundo as mesmas coisas*.

^u Lit.: *conselho* (cf. 8,15.19).

^v Lit.: *cartas para de acordo com lugar*.

^w Lit.: *os enviar com paz*.

^x Dois reis espartanos chamaram-se Areu (Areu I, 309–265 a.C.; Areu II, c. 254 a.C.). Quanto a Onias, apesar de Josefo situar a carta nos dias de Seleuco IV (*Ant. Jud.* 12,225–227), o sumo sacerdote não poderia ser Onias III (sumo sacerdote sob Seleuco IV; cf. 2Mac 3–4), pois o reinado de Seleuco IV (187–175 a.C.) foi muito posterior ao dos dois reis Areu. Restam Onias I ou Onias II; alguns estudiosos defendem o segundo, outros o primeiro. Porém, é igualmente provável que «Onias» e «Areu» tenham sido escolhidos simplesmente porque se sabia que houve sumos sacerdotes judeus (tidos como descendentes de Sadoc) e reis espartanos com esses nomes.

^y *Em que dizia* é acrescento da tradução.

^z Lit.: *como a cópia que está em baixo*.

^{aa} É a primeira e única vez em que surge, nos LXX, a expressão *tà biblía tà hágia* (lit.: *os livros sagrados*), na origem do atual termo *Bíblia Sagrada*.

uma embaixada^a para renovar a nossa fraternidade e a amizade, a fim de não nos tornarmos para vós uns estranhos, pois já passou muito tempo desde que nos enviastes aquela carta^b. ¹¹Pois nós lembramo-nos permanentemente e a cada momento de vós, nas festas e nos outros dias estabelecidos em que oferecemos sacrifícios e nas nossas orações, tal como é necessário e conveniente recordar-se dos irmãos. ¹²Alegramo-nos com a vossa glória. ¹³Quanto a nós, fomos cercados por muitas tribulações e muitos combates, pois os reis que nos rodeiam trouxeram-nos a guerra. ¹⁴Todavia, não queríamos importunar-vos, nem a vós, nem aos nossos restantes aliados e amigos com tais combates, ¹⁵pois temos o auxílio proveniente do Céu^c, que nos presta ajuda e nos salva dos nossos inimigos; e os nossos inimigos foram humilhados. ¹⁶Por isso, escolhemos Numénio, filho de^d Antíoco, e Antípatro, filho de Jasão^e, e enviámo-los aos romanos para renovar a amizade e aliança que já anteriormente tínhamos com eles. ¹⁷Ordenámo-lhes também que fossem ter convosco, para vos saudar e para vos entregar uma carta da nossa parte, sobre a renovação da nossa fraternidade. ¹⁸Seria, pois, muito bom se pudésseis responder^f».

¹⁹Quanto à carta que enviaram a Onias, aqui está a cópia: ²⁰«Areu, rei dos espartanos, ao grande sacerdote Onias, saudações! ²¹Num escrito sobre os espartanos e judeus encontrou-se a informação^g de que são irmãos e que são da descendência de Abraão. ²²E agora, dado que conhecemos isto, seria muito bom se nos pudésseis escrever sobre as vossas disposições^h. ²³Da nossa parte, temos a responder-vos: “Os vossos rebanhos e os vossos haveres são nossos, assim como os nossos são vossos”. Ordenámos, portanto, que vos fosse enviada uma mensagem neste sentidoⁱ».

^a *Embaixada* é acrescento da tradução.

^b *Aquela carta* é acrescento da tradução.

^c Para este circunlóquio para Deus, cf. 3,18 nota.

^d *Filho* é acrescento da tradução, assim como na outra ocorrência no v.

^e Os diplomatas judeus precisavam de dominar o grego e a cultura helenística, e os nomes gregos sugerem uma educação nesse sentido – possivelmente no ginásio de Jerusalém. Ambos reaparecem na resposta espartana (14,22). Numénio, cujo nome é comum em grego, será enviado noutra missão posterior (cf. 14,24; 15,15). É também mencionado num documento preservado por Josefo (*Ant. Jud.* 14,146).

^f Lit.: *e agora fareis bem em responder-nos a isto*. Trata-se de uma formulação idiomática típica deste estilo diplomático (cf. v.22 e 2Mac 2,16; 11,26).

^g *A informação* é acrescento da tradução. A referência pode ser a uma obra atribuída a Hecateu de Abdera (c. 300 a.C.) que, segundo Diodoro (40.3.2), afirmava que os antigos hebreus saíram do Egito ao mesmo tempo que Cadmo, um herói grego com ligações a Esparta (cf. Heródoto 4,147). A noção de judeus e gregos partilharem Abraão como antepassado aparentemente contradiz Gn 10-11, segundo o qual os hebreus descendem de Sem, enquanto os gregos descendem de Jafet. Provavelmente não se deve interpretar literalmente a expressão (tal como o *irmão* em 11,30 ou *pai* no em 11,32): textos como Lc 3,8 e Gl 3 mostram como a ideia de uma filiação comum em *Abraão* pode ser uma demonstração de afetividade.

^h Lit.: *a vossa paz*; trata-se de um semitismo.

ⁱ Formulação bíblica para uma aliança, que ecoa em Gn 34,23 ou talvez (embora em contextos militares) 1Rs 22,4 e 2Rs 3,7.

^j Lit.: *a fim que vos informassem segundo isto*.

Campanha de Jónatas e Simão

²⁴Entretanto, Jónatas soube que os comandantes de Demétrio tinham regressado com um exército maior que o anterior para combater contra ele. ²⁵Partiu, então, de Jerusalém e foi ao encontro deles na região de Hamar^k, não lhes dando, assim, a oportunidade de invadir a sua região. ²⁶Enviou espiões ao acampamento deles que, ao regressarem, lhe contaram que se preparavam para investir contra eles de noite. ²⁷Quando o sol se pôs, Jónatas ordenou aos seus companheiros^l que estivessem vigilantes e junto das armas, preparados para o combate durante toda a noite, e colocou sentinelas ao redor do acampamento. ²⁸Os adversários souberam que Jónatas e os seus companheiros estavam preparados para a guerra; ficaram cheios de medo e, com o coração acobardado, acenderam fogueiras no seu acampamento. ²⁹Mas Jónatas e os seus companheiros não se aperceberam da sua fuga^m até de manhã, pois viam as fogueiras a arder. ³⁰Jónatas foi, então, atrás deles em perseguição, mas não os conseguiu apanhar, pois tinham atravessado o rio Eleuteroⁿ.

³¹Jónatas voltou-se então contra os árabes, chamados zebadeus^o, derrotou-os e apoderou-se dos seus despojos. ³²E, depois de levantar o acampamento, foi para Damasco percorrendo toda a região. ³³Simão também partiu e fez caminho até Ascalon e às fortalezas vizinhas. De lá, desviou-se para Jope e conquistou-a, ³⁴pois ouvira dizer que pretendiam entregar a fortaleza aos partidários^p de Demétrio. Por isso, colocou ali uma guarnição para a guardar.

Obras em Jerusalém

³⁵Jónatas regressou a Jerusalém^q, convocou os anciãos do povo e deliberou com eles construir fortalezas na Judeia, ³⁶e elevar as muralhas de Jerusalém, construir um muro de grande altura entre a cidadela e a cidade para as separar, a fim de isolar a cidadela, de modo a que os seus habitantes não pudessem nem comprar nem vender^r. ³⁷Juntaram-se, então, para reconstruir a cidade, pois uma parte da muralha da

^k Ou seja, no vale do rio Orontes, no caminho de Damasco para Alepo.

^l Lit.: *aos junto dele*, assim como nos vv.28.29.

^m *Da sua fuga* é acrescento da tradução. Como se depreende do v.30, os inimigos fugiram; é provável que o autor pressupusesse o conhecimento do leitor de uma estratégia comum de fuga: acender fogueiras durante a noite, levando os inimigos a pensar que o acampamento continuava ocupado.

ⁿ Cf. 11,7 nota.

^o Aparentemente uma tribo árabe; um zabdibelo comanda «os árabes e tribos vizinhas» no exército de Antíoco III em Ráfia (217 a.C.), segundo Políbio (5.79.8). O autor não justifica o ataque aos zabadeus; a narrativa sugere que Jónatas procurava o combate e, escapando os homens de Demétrio, encontrou outra vítima. Talvez os leitores pudessem presumir que Zabdiel, que decapitou Alexandre Balas (11,17), pertencia a esta tribo, interpretando o episódio como vingança justificada de Jónatas pelo seu falecido patrono.

^p Lit.: *aos junto*.

^q *A Jerusalém* é acrescento da tradução.

^r Lit.: *levantar uma grande altura entre a cidadela e a cidade para a separar da cidade, para que esta estivesse a sós, para que nem comprassem nem vendessem*. Para o resultado desta decisão, cf. 13,49.

torrente do lado oriental^a tinha ruído. Nessa altura, reparou o chamado Cafenata^b.³⁸ Simão, por seu lado, reconstruiu Adida^c, na planície costeira^d, fortificou-a e instalou portas e ferrolhos.

Prisão de Jónatas por Trífon

³⁹Entretanto, Trífon procurava tornar-se rei da Ásia, cingir a coroa e estender a mão contra o rei Antíoco. ⁴⁰Mas receou que Jónatas não lho permitisse e que combatesse contra si. Procurava, por isso, um meio de o prender para o matar e, pondo-se a caminho, foi para Bet-Chan^e. ⁴¹Jónatas saiu ao seu encontro com quarenta mil homens escolhidos para o combate, e foi para Bet-Chan. ⁴²Quando Trífon viu que Jónatas^f vinha com um grande exército, receou estender a mão contra ele. ⁴³Recebeu-o com grandes honras e apresentou-o a todos os seus amigos, deu-lhe presentes e ordenou aos seus amigos e às suas tropas que lhe obedecessem como a ele próprio. ⁴⁴E disse a Jónatas: «Por que razão afadigaste toda esta gente^g, se não existe guerra entre nós? ⁴⁵Manda-os agora para as suas casas; mas escolhe^h alguns homens que fiquem contigo e vem comigo a Ptolemaida: entregar-te-ei a cidade, com as restantes fortalezas e o resto das tropas, assim como todos os funcionários. Depois partirei de regresso, pois foi por isso que vim».

⁴⁶Jónatas acreditou nele e fez como ele lhe disse: mandou embora as tropas, que partiram para a terra de Judá. ⁴⁷Conservou consigo três mil homens, dos quais deixou dois mil na Galileia, e mil acompanharam-no. ⁴⁸Mal Jónatas entrou em Ptolemaida, os habitantesⁱ de Ptolemaida fecharam os portões, prenderam-no e mataram à espada todos os que tinham entrado com ele. ⁴⁹Entretanto, Trífon enviou tropas e cavalaria à Galileia e à grande planície, para aniquilar todos os partidários^j de Jónatas. ⁵⁰Mas estes, ao saberem que Jónatas fora preso e que perecera juntamente com os seus companheiros^k, encorajaram-se uns aos outros e marcharam em formação compacta, preparados para o combate. ⁵¹Quando os perseguidores viram que eles estavam

^a Ou seja, o vale de Cédron, que começa ligeiramente a nordeste de Jerusalém, separando o Monte do Templo do Monte das Oliveiras e terminando no Mar Morto. Também é chamado Vale da Torrente do Cédron devido ao fluxo contínuo de água durante as chuvas de inverno.

^b Um bairro de Jerusalém, cuja localização não é possível precisar.

^c Localizada perto de Lida, a povoação encarava a planície (13,13) e dominava-a de cima (Josefo, *Ant. Jud.* 13,203).

^d Lit.: *Sefelá*, nome hebraico para a região «baixa» entre as colinas da Judeia e a planície costeira. O facto de o tradutor transliterar o termo indica que se estaria a referir a uma região específica assim designada, e não meramente a uma qualquer.

^e Cf. 5,52 nota.

^f *Jónatas* é acrescento da tradução, assim como nos vv.46.50.

^g Lit.: *tudo este povo*.

^h O grego acrescenta *para ti mesmo*.

ⁱ *Habitantes* é acrescento da tradução.

^j Lit.: *os junto*.

^k Lit.: *os com ele*, assim como no v.52.

dispostos a dar a vida¹, deram a volta. ⁵²Eles regressaram todos sãos e salvos^m à terra de Judá. Choraram Jónatas e os seus companheiros, e um grande temor tomou conta deles. Todo o Israel fez um grande luto. ⁵³Todas as nações em redor procuraram, então, exterminá-los, pois diziam: «Não têm chefe nem quem os ajude. Por isso, combatamos agora contra eles e apaguemos, do meio dos homens, a sua memória».

IV – FUNDAÇÃO DA DINASTIA ASMONEIA POR SIMÃO (13,1-16,24)

13 Simão sucessor de Jónatas Macabeu

¹Simão soube que Trífon tinha reunido um grande exército para ir à terra de Judá e devastá-la. ²Ao ver que o povo estava inquieto e com medo, subiu a Jerusalém e reuniu o povo; ³encorajou-os e disse-lhes: «Vós bem sabeis o quanto eu, os meus irmãos e a casa de meu pai fizemos pelas leis e pelo santuário, bem como as guerras e as dificuldades que enfrentámosⁿ. ⁴Foi por isso que morreram os meus irmãos, todos por Israel, e eu fui o único que restou. ⁵Ora, jamais pouparei^o a minha vida diante de um qualquer momento de tribulação, pois não sou melhor que os meus irmãos. ⁶Antes, vingarei a minha nação, o santuário, as vossas mulheres e os vossos filhos, visto que, por ódio^p, todos os pagãos se uniram para nos destruir». ⁷Ao ouvir estas palavras, o espírito do povo inflamou-se, ⁸e responderam em alta voz, dizendo: «Tu és o nosso chefe em lugar de Judas e de Jónatas, teu irmão. ⁹Combate por nós^q, e faremos tudo o que nos disseres». ¹⁰Simão reuniu então todos os combatentes^r, apressou-se em acabar as muralhas de Jerusalém e fortificou-a em redor. ¹¹Enviou a Jope Jónatas, filho de^s Absalão, e com ele um exército considerável, que expulsou os que habitavam na cidade e instalou-se^t nela.

Traição de Trífon

¹²Entretanto, Trífon partiu de Ptolemaida com um grande exército para ir para a terra de Judá, levando Jónatas como prisioneiro. ¹³Mas Simão acampou em Adida^u, em frente da planície. ¹⁴Trífon ficou a saber que Simão tinha ocupado o lugar^v de seu irmão Jónatas e que vinha ao seu encontro pronto para travar combate, e enviou-lhe embaixadores para lhe dizer: ¹⁵«Nós temos o teu irmão Jónatas detido, por causa do

¹ Lit.: *para eles é acerca de vida*.

^m Lit.: *com paz*.

ⁿ Lit.: *vimos*.

^o Lit.: *e agora não me aconteça poupar*.

^p Lit.: *graças a inimizade*.

^q Lit.: *combate o nosso combate*.

^r Lit.: *homens combatentes*.

^s Lit.: *o de*. Trata-se possivelmente do irmão do comandante referido em 11,70 e/ou filho de um diplomata asmoneu da geração anterior (2Mac 11,17).

^t Lit.: *os que eram nela e permaneceu*.

^u Localidade cuja fortificação tinha sido referida em 12,38.

^v Lit.: *se levantou em vez*.

dinheiro que, em virtude das funções que exercia, ele devia ao tesouro real.¹⁶ Envia-nos agora cem talentos de prata e dois dos seus filhos como reféns, para que, uma vez libertado, não se revolte contra nós. Só então o libertaremos».

¹⁷ Simão percebeu que lhe falavam com falsidade, mas, mesmo assim, mandou buscar o dinheiro e os filhos, para não atrair sobre si a hostilidade do povo,¹⁸ que diria: «Mataram Jónatas^b porque não lhe enviou o dinheiro nem os filhos». ¹⁹ Enviou os filhos e os cem talentos, mas Trífon^c faltou à palavra e não libertou Jónatas. ²⁰ Depois disto, Trífon partiu para invadir a região e devastá-la. Deram a volta pelo caminho que leva a Adora^d, mas Simão e o seu exército marchavam contra ele, para onde quer que fosse. ²¹ Entretanto, os que estavam na cidadela enviaram uma embaixada a Trífon para que se apressasse em ir ter com eles pelo deserto e a enviar-lhes alimentos. ²² Trífon preparou toda a sua cavalaria para partir, mas naquela noite havia muita neve e, por causa dela, não pôde prosseguir^e. Então, partiu e dirigiu-se para Guilead^f. ²³ E, quando estava perto de Bascama^g, matou Jónatas, que foi ali sepultado. ²⁴ Depois, Trífon regressou e partiu para a sua terra.

Sepultura de Jónatas em Modín

²⁵ Simão mandou recolher os ossos do seu irmão Jónatas e sepultou-o em Modín^h, a cidade dos seus pais. ²⁶ Todo o Israel elevou por ele grandes lamentosⁱ, guardando luto durante muitos dias. ²⁷ Sobre o túmulo do seu pai e dos seus irmãos, Simão edificou um monumento e deu-lhe altura para que fosse visível^j, com pedra polida atrás e à frente. ²⁸ Colocou sete pirâmides, uma em frente da outra, para o pai, para a mãe e para os quatro irmãos^k, ²⁹ para as quais construiu uma estrutura arquetetónica^l, rodeando-a de grandes colunas; sobre as colunas colocou armaduras completas^m para perpétua memóriaⁿ e, junto das armaduras, barcos esculpidos^o para serem vistos por todos os que navegam no mar. ³⁰ Este mausoléu, que construiu em Modín, perdura^p até ao dia de hoje.

^a Lit.: não acontecesse levantar inimizade grande para o povo.

^b Jónatas é acrescento da tradução.

^c Trífon é acrescento da tradução.

^d Na Idumeia oriental, identificada com Dura, a sudoeste de Jerusalém.

^e Lit.: não foi por causa da neve.

^f Cf. 5,9 nota.

^g Provavelmente perto da costa nordeste do Mar da Galileia.

^h Cf. 2,1 nota.

ⁱ Lit.: e lamentou-o todo o Israel um grande lamento.

^j Lit.: para visão.

^k A sétima destinava-se ao próprio Simão, que deveria, quando morresse, ser ali sepultado junto dos seus.

^l Lit.: máquinas. O termo grego parece ser uma tradução errada da palavra hebraica para as bases/suportes.

^m Lit.: fez panóplas. Tratam-se provavelmente de armaduras decorativas; fez significa aqui provavelmente representou. A representação de armas em contextos funerários e públicos tem longa história no mundo mediterrânico, embora não seja muito frequente entre os judeus da Palestina.

ⁿ Lit.: para nome eterno.

^o A representação dos barcos terá provavelmente que ver com a tomada da cidade portuária de Joep, sob a liderança de Simão (cf. 10,75 nota; 13,11).

^p Perdura é acrescento da tradução.

Acordo do rei Demétrio II com Simão

³¹Entretanto, Trifon agia com falsidade com o jovem rei Antíoco, e acabou por matá-lo^q. ³²Proclamou-se rei no seu lugar, cingiu a coroa da Ásia, e provocou grande dano naquela região. ³³Enquanto isto^r, Simão reconstruiu as fortalezas da Judeia, amuralhou-as com torres altas e grandes muralhas, com portas e ferrolhos, e abasteceu-as de alimentos^s. ³⁴Depois, Simão escolheu alguns homens e enviou-os ao rei Demétrio, para que ele concedesse isenção^t à região, porque todos os atos de Trifon tinham sido extorsões. ³⁵O rei Demétrio enviou-lhe, em resposta, uma mensagem em que acedia ao seu pedido^u, escrevendo-lhe a seguinte carta: ³⁶«O rei Demétrio a Simão, sumo sacerdote e amigo dos reis, aos anciãos e à nação dos judeus, saudações! ³⁷Recebemos a coroa de ouro e a palma que nos enviastes e estamos dispostos a estabelecer convosco uma paz sólida^v e a escrever aos funcionários para que vos isentem dos tributos. ³⁸Tudo o que estabelecemos convosco fica confirmado, e permaneçam na vossa posse as fortalezas que edificastes. ³⁹Perdoamos-vos as faltas e os erros cometidos^w até ao dia de hoje, bem como a coroa que nos deveis^x. Se alguma outra coisa devia ser tributada em Jerusalém, que não o seja mais^y. ⁴⁰E se alguns de vós estão aptos para se inscreverem na nossa guarda pessoal^z, que sejam inscritos. Que haja a paz entre nós».

⁴¹No ano cento e setenta^{aa} foi removido de Israel o jugo dos pagãos^{ab}, ⁴²e o povo começou a escrever nos documentos e nos contratos: «No primeiro ano de Simão, grande sumo sacerdote, comandante militar e chefe dos judeus».

Conquista de Guézer por Simão

⁴³Naqueles dias, Simão^{ac} acampou diante de Guézer^{ad} e cercou-a de tropas. Construiu uma máquina de assalto, aproximou-a da cidade, atacou uma torre e apo-

^q Aparentemente em 142/141 a.C., conclusão compatível com a referência temporal do v.41 e é apoiada por evidência numismática: 142/143 a.C. é o último ano de moedas mencionando Antíoco VI e o primeiro de Trifon.

^r Enquanto isto é acrescento da tradução.

^s Lit.: e pós alimentos nas fortalezas.

^t Lit.: fazer perdão.

^u Lit.: enviou-lhe segundo estas palavras e respondeu-lhe.

^v Lit.: grande.

^w Cometidos é acrescento da tradução.

^x Ou seja, o tributo anual (Cf. 10,29 nota).

^y Lit.: não mais seja tributada.

^z Lit.: entre os nossos; a expressão parece referir-se à guarda pessoal do rei.

^{aa} Ou seja, no ano 143/142 a.C.

^{ab} O autor interpreta, não sem razão, a abolição da tributação como um sinal de independência. Embora Simão permanecesse «aliado» de Demétrio e a cidadela se mantivesse, Demétrio II dificilmente estaria em posição de governar a Judeia, pelo que nada lhe restaria para além da tributação. Como a cidadela foi conquistada em menos de um ano (v.51) e dentro de outro ano os judeus estabeleceram formalmente a dinastia simonida (14,27), o autor não está longe da verdade. Josefo confirma (*Ant. Jud.* 13,213): Simão «libertou o povo da servidão aos macedónios para que não tivessem mais de lhes pagar tributo; esta liberdade chegou aos judeus no ano 170».

^{ac} Simão é acrescento da tradução.

^{ad} Cf. 4,15 nota.

derou-se dela. ⁴⁴Os que estavam na máquina de assalto saltaram para dentro da cidade e gerou-se uma grande confusão^a. ⁴⁵Os que estavam na cidade subiram com as mulheres e os filhos para cima da muralha, rasgaram as vestes, e clamaram com voz forte, implorando a Simão que lhes estendesse a mão direita^b. ⁴⁶Disseram: «Não nos trates segundo as nossas maldades, mas segundo a tua misericórdia»^c. ⁴⁷Simão reconciliou-se com eles e não os combateu, mas expulsou-os da cidade e purificou as casas em que havia ídolos, e assim entrou na cidade^d cantando hinos e bendizendo. ⁴⁸Expulsou dela toda a impureza, instalou nela homens que cumprissem^e a lei, fortificou-a e construiu nela uma residência para si.

Entrada de Simão em Jerusalém

⁴⁹Os que viviam na cidadela de Jerusalém, impedidos de sair e de entrar na região para comprar e vender, começaram a passar muita fome, e vários^f acabaram por morrer de fome. ⁵⁰Clamaram então a Simão que lhes estendesse a mão direita^h e ele concedeu-lha, mas expulsou-os dali e purificou a cidadela de todas as contaminaçõesⁱ. ⁵¹Assim, entraram nela no dia vinte e três do segundo mês, do ano cento e setenta e um^j, com cânticos de louvor e palmas, com liras, címbalos e harpas, com hinos e cantos, porque um grande inimigo de Israel tinha sido destroçado. ⁵²Simão^k estipulou que, em cada ano, se celebrasse com alegria aquele dia. Reforçou a fortificação do Monte do Templo junto à cidadela e ali ficou a morar com os seus. ⁵³Quando Simão viu que o seu filho João^l já era um homem, constituiu-o chefe de todas as tropas, e passou a habitar em Guézer.

Ratificação pelo povo do governo de Simão

14 Cativoiro de Demétrio II

¹No ano cento e setenta e dois^m, o rei Demétrio reuniu o seu exército e foi para a Média para aí conseguir ajudaⁿ, a fim de travar combate com Trífon. ²Mas Ársaces,

^a Lit.: *movimento na cidade*.

^b Lit.: *dar-lhes direitas*. Cf. 6,58 nota.

^c O tom tem algo de paródico, com o autor a colocar uma oração judaica, destinada a Deus, na boca dos habitantes de Guézer, que suplicam a Simão. Para esta oração, cf. Sl 25,6s; 79,8.

^d Lit.: *nela*.

^e Lit.: *os que fizessem*.

^f Lit.: *os da*.

^g O grego acrescenta *deles*.

^h Lit.: *tomar direitas*; sobre a expressão, cf. 6,58 nota.

ⁱ Lit.: *manchas*, em sentido religioso, por causa da presença dos ídolos.

^j Ou seja, em abril/maio de 141 a.C.

^k *Simão* é acrescido da tradução.

^l João Hircano (c.125-104 a.C.); trata-se do último líder asmoneu mencionado em 1Mac (16,23s). Expandiu significativamente as fronteiras do reino, rivalizando com as de David e Salomão, através de campanhas militares que incluíram a conversão forçada dos idumeus. O seu reinado marcou a consolidação da independência judaica e a transformação definitiva do sumo sacerdócio em monarquia.

^m Ou seja, no ano 140/139 a.C.

ⁿ Lit.: *atrair ajuda para si*. Muito provavelmente o autor refere-se a Mitridates I da Pártia, pois *Ársaces* é um nome dinástico (cf. Diodoro 34/35.18-19; Tácito, *Histórias* 5.8.2). *Pérsia e Média* é um par

rei da Pérsia e da Média, soube que Demétrio entrara nos seus territórios e enviou um dos seus comandantes para o capturar vivo.³ Este partiu e atacou o acampamento de Demétrio, capturou-o e levou-o à presença de Ársaces, que o colocou na prisão^o.

Elogio de Simão

⁴ A terra de Judá viveu tranquila durante todos os dias da vida^p de Simão, que procurou o bem da sua nação. O seu governo agradou a todos, tal como a sua magnificência, em todos os momentos^q. ⁵ Aos seus títulos de glória acrescentou ainda a conquista de Jope e fez dela o seu porto^r, fazendo assim um acesso para as ilhas do mar^s. ⁶ Alargou as fronteiras da sua nação e apoderou-se da região; ⁷ reuniu muitos cativos^t, tornou-se senhor de Guézer, de Bet-Sur^u e da cidadela, da qual removeu as impurezas, e não havia quem se lhe opusesse. ⁸ Lavraram a sua terra em paz, e a terra dava os seus produtos, assim como as árvores das planícies o seu fruto. ⁹ Os anciãos sentavam-se nas praças, todos conversavam sobre as coisas venturosas^v, e os jovens revestiam-se de glória, com as suas vestes de combate^w. ¹⁰ Abasteceu as cidades de alimentos e dotou-as de meios de defesa, a tal ponto que a fama da sua magnificência^x chegou até aos confins da terra. ¹¹ Restabeleceu a paz^y na terra, e Israel exultou em grande alegria. ¹² Cada um podia sentar-se à sombra^z da sua vinha ou da sua figueira, e não havia ninguém que os fizesse ter medo. ¹³ Naqueles dias, desapareceram aqueles que os combatiam na sua terra, e os reis foram destruídos. ¹⁴ Protegeu todos os humildes do seu povo, observou^{aa} a Lei e erradicou todos os ímpios e perversos^{ab}. ¹⁵ Aumentou o esplendor do^{ac} santuário e multiplicou as suas^{ad} alfaias.

toponímico bíblico (Est 1,3.14.18; 10,2; Dn 8,20; 1Esd 3,1.14) que em 1Mac parece significar simplesmente *algures no Oriente longínquo*.

^o Em meados de 138 a.C., segundo textos astronómicos babilónicos. Demétrio permaneceria em cativo durante uma década, até os partos o libertarem quando tiveram de lidar com uma nova invasão do seu irmão e sucessor, Antíoco VII Sidetes (cf. nota a 15,1).

^p *Da vida* é acréscimo da tradução.

^q Lit.: *agradou-lhes a sua autoridade e a sua glória todos os dias*.

^r Lit.: *É com toda a sua glória tomou Jope para porto*.

^s Ou seja, o Mediterrâneo (tal como em 6,29; 13,29; 15,1).

^t Tratam-se de prisioneiros de guerra (cf. 9,70.72); alguns autores veem aqui uma referência à reunião de cativos judeus (cf. 5,23.45-54), mas tais judeus não eram verdadeiramente *cativos* nem assim designados; além disso, se fossem considerados cativos, o verbo usado seria *libertar*. Provavelmente deve-se assumir que os asmeus capturaram numerosos prisioneiros e os empregaram como trabalhadores escravizados.

^u Cf. 4,29 nota.

^v Cf. 1Mac 15,28.

^w Lit.: *vestiram glória e vestes de combate*. Cf. Zc 8,4.

^x Lit.: *o nome da sua glória*.

^y Lit.: *fez paz*.

^z Lit.: *sob*.

^{aa} Lit.: *procurou*.

^{ab} Cf. 2Sm 22,28; Sf 3,13.

^{ac} Lit.: *glorificou o*.

^{ad} Lit.: *do santuário*.

Renovação da aliança com Esparta e Roma

¹⁶Soubese em Roma – e até em Esparta – que Jónatas tinha morrido, e todos sentiram um grande pesar.¹⁷ Mas quando souberam que o seu irmão Simão se tornara sumo sacerdote em seu lugar e que era senhor da região e das cidades que nela havia,¹⁸ escreveram-lhe em placas de bronze, para renovar, com ele, a amizade e a aliança que tinham estabelecido com os seus irmãos Judas e Jónatas.¹⁹ Estas foram lidas diante da assembleia, em Jerusalém.

²⁰E é esta a cópia da carta que os espartanos enviaram: «Os chefes e a cidade dos espartanos ao grande sacerdote Simão, aos anciãos, aos sacerdotes e ao restante povo dos judeus, seus irmãos, saudações!²¹ Os embaixadores que enviastes ao nosso povo deram-nos nota da vossa glória e honra, e nós alegrámo-nos com a sua vinda.²² Já registámos nas deliberações do povo o que foi dito por eles, nestes termos: “Numénio, filho de^b Antfoco, e Antípatro, filho de Jasão^c, embaixadores dos judeus, vieram ter connosco para renovar a sua amizade connosco.²³ O povo achou por bem receber estes homens com honras e depositar a cópia das suas palavras nos arquivos públicos^d, para que o povo de Esparta conserve a memória”. E escreveram uma cópia disto para o sumo sacerdote Simão».

²⁴Depois disto, Simão enviou Numénio a Roma, com um grande escudo de ouro que pesava mil minas^e, para confirmar a aliança com os romanos^f.

Simão príncipe do povo

²⁵Quando o povo ouviu estas palavras, disse^g: «Como poderemos nós agradecer^h a Simão e aos seus filhos?²⁶ Pois ele manteve-se firme, ele, os seus irmãos e a casa de seu pai; combateram e expulsaram os inimigos de Israel e asseguraram-lhe a liberdade». Então, registaram-no em placas de bronze, que afixaram em estelas no monte Sião.²⁷ É esta a cópia da inscrição: «No dia dezoito do mêsⁱ de Elul, do ano cento e setenta e dois^j, o terceiro ano do grande sumo sacerdote Simão, em Haçaramel^k,²⁸ na grande assembleia dos sacerdotes, do povo, dos chefes da nação e dos anciãos da região, foi-nos dado a conhecer o seguinte: ²⁹“Tendo havido combates frequentes na região,

^a Lit.: *e entristeceram-se muito*.

^b *Filho* é acrescento da tradução, nas duas ocorrências neste v.

^c Sobre estes dois nomes, cf. 12,16 nota.

^d Lit.: *nos livros atribuídos ao povo*.

^e Medida grega de peso equivalente a cerca de 431 gramas no padrão ático-euboico. Mil minas (cerca de 430 kg) seria um presente espetacular, o que faz desconfiar quer do relato quer da conversão em valores modernos; sabe-se também que presentes semelhantes dados a Roma por outros soberanos eram frequentemente muito menos valiosos.

^f Lit.: *eles*.

^g Lit.: *disseram*.

^h Lit.: *que graça devolveremos*.

ⁱ *Mês* é acrescento da tradução.

^j Ou seja, no final do verão de 140 a.C.

^k Nome que é, provavelmente, a transcrição de uma expressão hebraica que significa «átrio do povo de Deus», ou seja, o pátio exterior do templo de Jerusalém (apesar de não constar na toponímia bíblica).

Simão, filho de Matatias¹, sacerdote da descendência^m de Joiarib, e os seus irmãos, expuseram-se ao perigo e enfrentaram os adversários da sua nação, para conservar intacto o seu santuário e a Lei, e conseguiram uma grande glóriaⁿ para a sua nação. ³⁰Jónatas reunificou a sua nação e foi seu sumo sacerdote, até que foi juntar-se aos seus antepassados^o. ³¹Os seus inimigos quiseram invadir a sua região e estender a mão contra o seu santuário; ³²mas, então, levantou-se Simão e combateu pela sua nação. Gastou muitos dos seus próprios bens para armar os homens do exército da sua nação e para lhes pagar o soldo. ³³Fortificou as cidades da Judeia e Bet-Sur, que fica na fronteira da Judeia e onde antes se encontravam as armas dos inimigos, e colocou ali uma guarnição de soldados judeus^p. ³⁴Fortificou também Jope, situada junto ao mar, e Guézer, que fica na fronteira de Asdod^q, na qual habitavam antes os inimigos; instalou ali judeus e disponibilizou-lhes tudo o que era necessário para o seu sustento. ³⁵O povo viu a fidelidade de Simão e a glória que ele queria obter para a sua nação e constituiu-o como seu chefe e como sumo sacerdote, em virtude de tudo o que fizera, pela justiça e fidelidade que tinha dedicado à sua nação, e por ter procurado, por todos os meios, engrandecer o seu povo. ³⁶Nos seus dias, conseguiu, com a sua mão, que os pagãos fossem expulsos da sua região, assim como os que estavam na cidade de David, em Jerusalém, e que tinham feito para si a cidadela, da qual saíam, contaminando a zona ao redor do santuário e causando grande dano à sua pureza. ³⁷Simão^r instalou nela soldados judeus, fortificou-a para segurança da região e da cidade, e alteou as muralhas de Jerusalém. ³⁸O rei Demétrio confirmou-o, por isso, no sumo sacerdócio, ³⁹fê-lo um dos seus amigos e cumulou-o com grandes honras^s. ⁴⁰Com efeito, o rei tinha sabido^t que os judeus tinham sido considerados pelos romanos como amigos, aliados e irmãos, e que estes tinham recebido com honras os enviados de Simão. ⁴¹Teve também conhecimento^u de que os judeus e os sacerdotes acharam por bem que Simão fosse o seu chefe e sumo sacerdote para sempre^v, até que surgisse um profeta confiável^w, ⁴²que fosse o seu comandante militar

¹ Primeira menção de Matatias por nome desde o cap. 2. Mencioná-lo aqui, juntamente com a referência formal ao nome do seu clã, Joiarib – também mencionado ao apresentar Matatias (2,1) e nunca mais desde então –, enfatiza a pretensão de Simão de ser o verdadeiro herdeiro de Matatias. Esta ênfase pode ter sido especialmente necessária para superar a impressão natural de que Simão se tornou líder dos judeus apenas porque todos os seus irmãos tinham morrido.

^m Lit.: *dos filhos*.

ⁿ Lit.: *e glorificaram com grande glória*.

^o Lit.: *e foi posto para o seu povo*.

^p Lit.: *homens judeus*, tal como no v.37.

^q Cf. 4,15 nota.

^r *Simão* é acrescento da tradução.

^s Lit.: *e glorificou-o com grande glória*.

^t Lit.: *com efeito, ouviu*.

^u *Teve também conhecimento* é acrescento da tradução.

^v Ou seja, Simão e seus sucessores seriam sumos sacerdotes perpetuamente (cf. vv.25.49).

^w Ou seja, um profeta verdadeiro que daria testemunho da vontade de Deus (cf. Nm 12,7; 1Sm 3,20; Dt 18,15-19). Os asmoneus não teriam propriamente interesse na vinda de um tal profeta que pudesse minar a sua posição; esta cláusula testemunha apenas a disposição de Simão de considerar as sensibili-

e cuidasse do santuário, que nomeasse quem supervisionasse os trabalhos, a região, as armas e as fortalezas;⁴³ e ainda que – ao assumir o cuidado do santuário – todos lhe obedecessem^a, que na região todos os contratos fossem escritos em seu nome, que se revestisse de púrpura e usasse^b ornamentos de ouro.⁴⁴ A ninguém do povo ou dos sacerdotes será permitido rejeitar alguma destas disposições^c, ou contradizer o que é dito por ele, assim como convocar reuniões na região sem o seu consentimento^d, revestir-se de púrpura ou usar fivela de ouro.⁴⁵ Quem agir contra estas disposições, ou rejeitar alguma delas, será considerado culpado.⁴⁶ Todo o povo achou por bem conceder a Simão o direito^e de agir de acordo com estas disposições.⁴⁷ Simão aceitou, com agrado^f, exercer o sumo sacerdócio, ser comandante militar, etnarca^g dos judeus e dos sacerdotes, e liderar a todos^h».

⁴⁸Disseram, então, para este documento ser gravado^h em placas de bronze e que as colocassem no recinto do santuário, num lugar proeminente,⁴⁹ e que fossem depositadas cópias suas na câmara do tesouro, à disposição deⁱ Simão e dos seus filhos.

15 Carta de Antíoco VII a Simão

¹Antíoco^j, filho do rei Demétrio, enviou desde as ilhas do mar uma carta a Simão, sacerdote e etnarca dos judeus, e a toda a nação,² com o seguinte conteúdo^k: «O rei Antíoco a Simão, o grande sacerdote e etnarca, e à nação dos judeus, saudações! ³Visto que alguns homens perversos^l se apoderaram do reino dos nossos pais, quero agora reivindicar o reino para o restabelecer como era antes. Recrutei um exército numeroso e preparei barcos de guerra⁴ e quero desembarcar na região para

dades dos judeus que duvidavam da apropriação asmoneia do sumo sacerdócio. Uma geração depois, o neto de Simão reivindicaria a profecia para si mesmo (Josefo, *Ant. Jud.* 13,282-283).

^a Lit.: *fosse ouvido por todos*.

^b *Usasse* é acrescento da tradução.

^c *Disposições* é acrescento da tradução, tal como no v.45.

^d Lit.: *sem ele*.

^e *O direito* é acrescento da tradução.

^f Lit.: *aceitou e agradeceu*.

^g Título que aparece aqui pela primeira vez associado aos asmoneus. Pode ser apenas uma outra formulação grega para *chefe* (v.41) e não um título formal. Não há evidência de que João Hircano, nem o seu pai Simão, usassem este título. A primeira ocorrência clara do título entre os asmoneus vem do período romano, nos dias de Hircano II (Josefo, *Ant. Jud.* 14,194.196.200.209, etc.), indicando que após a conquista de Pompeu em 63 a.C., os romanos reconheciam Hircano como governante do povo mas não do território, pois o título *etnarca* designava liderança étnica ou nacional sem implicar soberania territorial plena.

^h Lit.: *posto*.

ⁱ Lit.: *a fim de que tenha Simão e os seus filhos*.

^j Trata-se Antíoco VII Sidetes, filho de Demétrio I e irmão de Demétrio II, então prisioneiro dos partos (cf. 14,3). Natural da cidade panfília de Side — origem do seu cognome «Sidetes» —, nasceu nos inícios da década de 160 a.C. Governou a Síria aproximadamente dez anos (138–129/128 a.C.), desde a captura de Demétrio II pelos partos até sua própria morte numa campanha oriental contra o Império Parto. Foi o último monarca seléucida verdadeiramente poderoso.

^k Lit.: *e era contendo este modo*.

^l Lit.: *alguns pestilentos*.

perseguir aqueles que devastaram o nosso território e que arrasaram tantas cidades no meu reino. ⁵Por isso, confirmo-te agora todas as isenções que te concederam os reis que me precederam, assim como todas as outras dádivas que te deixaram. ⁶Dou-te permissão de fazer cunhagem de moeda própria para a tua região. ⁷Que Jerusalém e o templo sejam lugares livres de impostos^m; que todas as armas que mandaste fazer e as fortalezas que construístes e que tens em teu poder, que tudo continue a ser teu; ⁸e que todas as dívidas ao reino e as que no futuro venhas a contrairⁿ te sejam perdoadas, desde agora e para sempre. ⁹E quando tivermos reconquistado o nosso reino, glorificar-te-emos de uma forma tão extraordinária^o, a ti, à tua nação e ao templo, que a vossa glória se tornará manifesta em toda a terra».

Perseguição de Antíoco VII a Trífon

¹⁰No ano cento e setenta e quatro^p, Antíoco partiu para a terra dos seus pais. Todas as tropas acorreram a juntar-se a ele, de tal modo que foram poucos os que ficaram com Trífon. ¹¹Antíoco pôs-se, então, a persegui-lo, e Trífon^q, em fuga, foi para Dor^r, junto ao mar, ¹²pois sabia que as desgraças se acumulavam sobre si e que as tropas o tinham abandonado. ¹³Antíoco acampou junto a Dor, e com ele cento e vinte mil soldados^s e oito mil cavaleiros. ¹⁴Cercou a cidade, enquanto os barcos atacaram a partir do mar; atacou, assim, a cidade por terra e por mar, e não deixou que ninguém saísse ou entrasse.

Apoio de Roma aos judeus

¹⁵Entretanto, Numénio e os seus companheiros^t chegaram de Roma, trazendo cartas dirigidas aos reis e às diferentes^u regiões, em que estava escrito o seguinte: ¹⁶«Lúcio^v, cônsul dos romanos, ao rei Ptolomeu^w, saudações! ¹⁷Os embaixadores dos judeus vieram ter connosco, como nossos amigos e aliados, para renovar a primordial amizade e a aliança, enviados pelo sumo sacerdote Simão e pelo povo dos judeus. ¹⁸Trouxeram um escudo de ouro de mil minas^x. ¹⁹Assim, achámos por bem escrever aos reis e às diferentes regiões para que não lhes causem mal^y, nem os combatam, nem a eles nem às suas cidades, nem à sua região, e para que não se aliem aos que

^m *De impostos é acrescento da tradução.*

ⁿ *Lit.: e as que serão reais.*

^o *Lit.: glorificaremos com grande glória.*

^p Ou seja, no ano 139/138 a.C.

^q *Trífon é acrescento da tradução.*

^r Cidade costeira c. 21 km a sul de Haifa.

^s *Lit.: homens combatentes.*

^t *Lit.: e os junto dele.*

^u *Diferentes é acrescento da tradução, assim como no v.19.*

^v Geralmente identificado como Lúcio Cecílio Metelo, cônsul em 142 a.C.

^w Naturalmente Ptolomeu VIII Evergetes, que reinou após a morte do seu irmão em 145 a.C.

^x Cf. 14,24 nota.

^y *Lit.: procurem para eles coisas más.*

travem combate contra eles. ²⁰Também considerámos bem aceitar o escudo da sua parte. ²¹Assim, se há homens perversos^a que tenham fugido da sua região para junto de vós, entregai-os ao sumo sacerdote Simão, para que os possa punir segundo a sua lei». ²²Foi isto que o cônsul Lúcio^b escreveu ao rei Demétrio, a Átalo, a Ariárates, a Ársaces ²³e a todas as regiões: a Sampsâmes, aos espartanos, a Delos, a Mindo, a Sícion, à Cária, a Samos, à Panfília, à Lícia, a Halicarnasso, a Rodes, a Fasélis, a Cós, a Side, a Arados, a Gortina, a Cnido, a Chipre e a Cirene^c. ²⁴E escreveu uma cópia disto ao sumo sacerdote Simão.

Antíoco VII contra Simão

²⁵O rei Antíoco acampou em Dor, na parte nova da cidade^d, investindo por todos os meios contra ela^e; construiu máquinas de assédio e fechou a Trifon a possibilidade^f de sair ou entrar. ²⁶Por sua vez, Simão enviou-lhe dois mil homens escolhidos para combater a seu lado, além de prata, ouro e bastante equipamento. ²⁷O rei^g, porém, não quis aceitar nada e, pelo contrário, revogou tudo o que tinha anteriormente acordado com ele, e tornou-se um estranho para Simão^h. ²⁸Enviou-lhe Atenóbioⁱ, um dos seus amigos, para que negociasse com ele, dizendo: «Vós apoderastes-vos de Jope, de Guézer e da cidadela de Jerusalém, cidades do meu reino. ²⁹Arrasastes os seus territórios, causastes um grande dano na região e assenhorastes-vos de muitos lugares no meu reino. ³⁰Portanto, entregai agora as cidades que ocupastes e os tributos dos lugares de que vos assenhorastes fora das fronteiras da Judeia. ³¹Ou então, em vez delas, dai-nos quinhentos talentos de prata, e outros quinhentos talentos pela devastação que causastes^j e pelos tributos das cidades. De contrário, iremos combater contra vós».

^a Lit.: *pestilentos*.

^b Cônsul Lúcio é acrescento da tradução.

^c Lúcio enviou cartas a reis (Demétrio II da Síria, Átalo de Pérgamo, Ariarates da Capadócia, Ársaces da Pártia) e numerosas cidades e regiões do Mediterrâneo oriental, numa ampla distribuição que demonstra o alcance do poder romano nesta zona em meados do séc. II a.C. A inclusão de Demétrio indica que o documento foi escrito antes da sua captura. A inclusão de Cirene é problemática, pois estava já sob domínio de Ptolomeu Evergetes, não justificando menção separada. Contudo, o mesmo se aplica a Chipre (também sob Ptolomeu) e Delos (sob domínio ateniense), sugerindo que a lista segue outro critério além da independência política.

^d Ou *nos arrabaldes*. A expressão grega (lit.: *na segunda*) é de difícil interpretação: alguns consideram ser uma adaptação ao grego de uma expressão hebraica que designa um *bairro* ou os *arrabaldes* da cidade; outros traduzem por *por segunda vez* ou, ligando-a ao verbo, por *investiu de novo*; outros ainda não traduzem por a considerarem espúria.

^e Lit.: *avançando através de tudo as mãos para ela*.

^f A possibilidade é acrescento da tradução.

^g O rei é acrescento da tradução.

^h Lit.: *ele*.

ⁱ Nome desconhecido fora deste contexto, tal como Cendebeu, citado no v.37. Sobre a expressão «amigos do rei», cf. 2,18 nota.

^j Lit.: *corrupção que corrompestes*.

³²Atenóbio, o amigo do rei Antíoco, foi a Jerusalém e, ao ver a magnificência de Simão, o aparador com os utensílios de ouro e prata, e o fausto que o rodeava, ficou estupefacto. Comunicou-lhe então as palavras do rei. ³³e Simão, em resposta, disse-lhe: «Não nos apropriámos de terra alheia, nem nos apoderámos daquilo que é de outros, mas apenas da herança dos nossos pais, injustamente tomada pelos nossos inimigos durante algum tempo. ³⁴Aproveitando^k a oportunidade, nós recuperámos a herança dos nossos pais. ³⁵No que diz respeito a Jope e a Guézer, que nos reclamas, elas faziam grandes danos ao povo e à nossa região. Daremos por elas cem talentos». ³⁶Atenóbio nada lhe respondeu^l e regressou cheio de cólera para junto do rei e relatou-lhe a resposta, a magnificência de Simão e tudo o que tinha visto. O rei ficou furibundo^m.

Ataque de Cendebeu governador do rei Antíoco

³⁷Enquanto isso, Trífon embarcouⁿ e fugiu para Ortósia^o. ³⁸O rei nomeou, então, Cendebeu comandante-chefe da costa e entregou-lhe tropas de infantaria e de cavalaria. ³⁹Ordenou-lhe que fosse acampar diante da Judeia, que^p reconstruísse Quédron^q e fortificasse as portas, para poder travar combate contra o povo. Entretanto, o rei foi em perseguição de Trífon. ⁴⁰Cendebeu chegou a Jâmnia e começou a provocar o povo e a fazer incursões na Judeia, a submeter o povo ao cativoiro e a cometer assassinatos. ⁴¹Reconstruiu Quédron, estabeleceu ali cavalaria e tropas, a fim de fazerem incursões^r pelos caminhos da Judeia, tal como lhe tinha ordenado o rei.

Ascensão de João ao sumo sacerdócio após o seu pai

16 Vitória sobre Cendebeu

¹João subiu de Guézer e relatou ao seu pai Simão o que Cendebeu estava a fazer. ²Simão chamou os seus dois filhos mais velhos, Judas e João, e disse-lhes: «Eu, os meus irmãos e a casa de meu pai travámos os combates de Israel desde a nossa juventude até ao dia de hoje e, com as nossas mãos, conseguiu-se salvar muitas vezes Israel. ³Mas agora já estou velho, enquanto vós, por misericórdia do Céu^s, tendes a

^k Lit.: *tendo tempo [oportuno]*.

^l Lit.: *e não lhe respondeu palavra*.

^m Lit.: *enfureceu-se com grande ira*.

ⁿ Lit.: *entrou num barco*.

^o Cidade localizada na costa fenícia; segundo Plínio (*Nat. Hist.* 5.17), situava-se entre Trípolis e o rio Eleutero.

^p O grego antepõe *e ordenou*.

^q Aparentemente identificada com a localidade de Qatra, cerca de 6 km a sudeste de Jâmnia e 11 km a nordeste de Asdod.

^r Lit.: *para que saindo percorressem*.

^s *Do Céu* é acrescento da tradução; o autor, tal como ao longo do livro, evita nomear Deus, pelo que utilizamos o circunlóquio de que ele próprio, mais adiante neste mesmo v. e em outras ocasiões, se serve para o fazer (cf. 3,18 nota).

idade adequada. Ocupai, pois, o meu lugar e o do meu irmão, e saí a combater pelo nosso povo; e que o auxílio do Céu esteja convosco».

⁴João^a escolheu, na região, vinte mil soldados^b e cavaleiros. Partiram contra Cendebeu e dormiram em Modín^c. ⁵Levantaram-se de manhã cedo e avançaram para a planície, mas eis que um grande exército veio ao seu encontro com infantaria e cavaleiros. Porém, entre os dois exércitos^d havia uma torrente. ⁶João^e tomou posição diante deles – ele e o seu povo –, mas, ao reparar que o povo tinha medo de atravessar a torrente, atravessou-a primeiro. Quando os homens o viram, atravessaram atrás dele. ⁷Depois, dividiu o exército^f e colocou os cavaleiros no meio da infantaria, pois a cavalaria dos adversários era muito numerosa. ⁸Fizeram soar as trombetas. Cendebeu e o seu exército foram postos em fuga; muitos deles caíram feridos, e os que escaparam fugiram para a fortaleza. ⁹Judas, irmão de João, foi ferido, mas João perseguiu-os até Cendebeu^g chegar ao Quédron, que tinha reconstruído. ¹⁰Fugiram também para as torres que havia nos campos de Asdod^h, mas João incendiou a cidadeⁱ e caíram mortos cerca de dois mil dos soldados inimigos^j. Depois, João voltou são e salvo^k para a Judeia.

Morte de Simão

¹¹Ptolomeu, filho de^l Abubo, tinha sido nomeado comandante militar para a planície de Jericó. Tinha muito ouro e prata, ¹²pois era genro do sumo sacerdote^m. ¹³O seu coração tornou-se soberbo e quis apoderar-se da região. Começou, então, com perfídia, a conspirar contra Simão e os seus filhos, a fim de os matar. ¹⁴Entretanto, Simão andava a inspecionar as cidades na região e a cuidar das suas necessidades. Desceu a Jericó, ele e os seus filhos Matatias e Judas, no ano cento e setenta e sete, no décimo primeiro mês, isto é, no mês de Chebatⁿ. ¹⁵O filho de Abubo recebeu-os com perfídia, numa pequena fortaleza, chamada Doc^o, que tinha construído, e ofe-

^a João é acrescento da tradução (tal como no v.10 bis), dado que Simão delegou nos filhos o seu poder e que João parece ser o protagonista da cena (tendo em conta que Judas, no v.9, é apenas referido de passagem).

^b Lit.: *homens combatentes*.

^c Cf. 2,1 nota.

^d Lit.: *no meio deles*.

^e João é acrescento da tradução.

^f Lit.: *povo*.

^g Cendebeu é acrescento da tradução.

^h Cf. 4,15 nota.

ⁱ Lit.: *incendiou-a*.

^j Lit.: *dos homens deles*.

^k Lit.: *com paz*.

^l Lit.: *o de*, tal como no v.15. Trata-se de personagem conhecida apenas a partir deste texto.

^m Ou seja, Simão.

ⁿ Ou seja, por volta de janeiro/fevereiro do ano 134 a.C.

^o 8 km a noroeste de Jericó, Doc foi posteriormente denominada Qarantal (do latim *quadraginta*) devido à sua identificação com o local onde Jesus foi tentado durante quarenta dias (Mt 4,1-4).

receu-lhes um grande banquete^p, escondendo ali os seus homens. ¹⁶Quando Simão e os seus filhos ficaram embriagados, Ptolomeu e os que estavam^q com ele levantaram-se, apoderaram-se das suas armas, lançaram-se sobre Simão na sala do banquete e mataram-no, a ele, aos seus dois filhos e alguns dos seus servos. ¹⁷Cometeu, assim, uma grande traição e retribuiu o bem com o mal.

João sucessor de Simão

¹⁸Ptolomeu escreveu um relato^r destas coisas e enviou-o ao rei^s, pedindo-lhe^t que lhe enviasse tropas de reforço^u, para assim lhe entregar a região deles e as cidades. ¹⁹Enviou outros a Guézer para matar João. Enviou também cartas aos chefes do exército^v para que se apresentassem diante dele, para lhes dar prata, ouro e presentes. ²⁰Enviou ainda outros para que tomassem Jerusalém e o Monte do Templo. ²¹Mas alguém foi a correr contar a João, em Guézer, que o seu pai e os seus irmãos tinham morrido, e acrescentou^w: «Ele mandou matar-te também a ti». ²²Ao ouvir isto, João ficou muito perturbado. Prendeu os homens que tinham vindo para o matar e executou-os, pois sabia que iam à sua procura para o matar.

²³Os restantes feitos de João, os seus combates, as proezas que realizou, a construção das muralhas que levou a cabo, assim como os seus feitos, ²⁴tudo isso^x está escrito no livro dos dias^y do seu sumo sacerdócio, desde que se tornou sumo sacerdote depois do seu pai.

^p Lit.: *fez-lhes grande bebida*.

^q Lit.: *e os*.

^r Lit.: *um relato de* é acrescento da tradução.

^s Isto é, a Antíoco VII.

^t *Pedindo-lhe* é acrescento da tradução.

^u Lit.: *para auxílio*.

^v Lit.: *quiliarcas*, comandantes que controlavam um corpo de infantaria com c. de 1000 elementos.

^w Lit.: *e que*.

^x Lit.: *eis [que] isso*.

^y Não há outras referências a esta obra, nem a nada semelhante para qualquer outro governante asmoneu. A presente formulação pode ser apenas o final formulaico remanescente de crônicas bíblicas (cf. 1Rs 11,41; 14,19,29; 2Cr 27,7; Est 10,2), recurso usado por autores para se libertarem da necessidade de continuar a narrativa. O livro termina, pois, abruptamente, negando aos leitores informações sobre a perseguição de João a Ptolomeu e outros pormenores relatados pelo historiador Josefo. Esta omissão deliberada revela que o importante para o autor era o resultado final (*télos*): João estabeleceu-se firmemente no trono, por direito e sem competição; João torna-se, assim, o único governante, após o golpe de Ptolomeu, filho de Abubo, ter eliminado não só Simão mas também os dois irmãos de João – tal como Trifon tinha eliminado Jónatas, deixando Simão sozinho. O padrão é claro: cada líder asmoneu sucessivo beneficiou da eliminação conveniente de rivais por terceiros.